

# O JORNAL DA ENSINO

Jornal da  
Ensino

D



Publicação da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul



OFERTA DA S.E.C.

# Meu papai

LETRA DE PIERRE LUZ  
MÚSICA DE ANTÔNIO GODIM

Pa-pai-zinho, tu já sabes da nos-  
sa grande afi-cação e pe-lo-a-mor to-do  
ca-bes Denhem nossos cora-ção e que  
queremos que remos Tu-a vi-dae nos-sa-  
mor. Se can-tares canta-remos Tua  
dor é nossa dor.



## ÍNDICE

<b>TRABALHOS DE GRUPO — C.P.O.E. —</b>	
Rio Gr. do Sul .....	2
<b>FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO</b>	
Desenvolvimento da Criança de Escola Primária — Prof. Juracy C. Marques .....	4
Neurose em Crianças — Prof. Luisa Prates Lupi Pachêco .....	5
<b>DIREÇÃO DE APRENDIZAGEM</b>	
O Educador de Base e as Tradições Locais — Dr. Hugo Ramírez .....	8
Gramática Funcional — Prof. Nelly Rodrigues Schmitz .....	17
Educação do Consumidor — Prof. Olga Bragança Maciel .....	16
Metodologia do Cálculo (Adição e subtração de inteiros) .....	55
Significação das bibliotecas de classe — Prof. Juliana Pereira .....	33
<b>EDUCAÇÃO ARTÍSTICA</b>	
Como funciona o Setor Cinema Escolar (Secretaria Geral de Ed. e Cultura da Prefeitura do D. Fed.) .....	29
Teatro e Educação - Prof. Magnólia Moura Amorim .....	32
Arranjos florais — Suely So de Castro .....	34
A formiguinha e a neve — Prof. Neyde Derito .....	38
Fantoches ou bonecos — Prof. Inalda Xavier da Silva .....	40
Folclore da Rep. Oriental do Uruguai — Prof. Marina Cortinas de Lampreia .....	10
<b>POESIAS</b>	
Relógio — Prof. Bébia Armando de Carvalho .....	52
Ao Duque de Caxias — Delícia Ramiz Bitencourt .....	59
Benedicto — Nísia Nóbrega Leal .....	59
<b>OBSERVAÇÕES E EXPERIÊNCIAS</b>	
Combustão   Ilusão de ótica   — M. Merino .....	19
<b>EDUCAÇÃO FÍSICA</b>	
A experiência de Vanves — Tte. Cel. Jacinto Targa .....	51
Pequenos jogos — Prof. Dirceu Torres Moraes .....	44
<b>EDUCAÇÃO PRE-PRIMÁRIA</b>	
Da Jardineira para a Jardineira .....	20
Bibliografia para a Jardineira .....	20
Para o papai — Música e letra de Rafaela R. Furtado .....	20
Viva o papai — Música e letra de Dinah de Barros Meneses .....	21
<b>A história no Jardim de Infância (S.B.A. — D. Federal)</b> .....	26
Teatro de Varas (S.B.A. — D. Federal) .....	26
No quintal da casa de Lenita — Prof. Maria Emilia B. da Costa .....	27
<b>ARTES APLICADAS</b>	
Perfuração e Alinhavo .....	22
Recorte e dobradura .....	24
Máscara de um Cãozinho .....	28
<b>EXERCÍCIOS E DIVERTIMENTOS</b>	
Achar o sinônimo .....	42
Separar as silabas .....	42
Reconhecer figuras e formar frases .....	42
Completar frases .....	43
Reconhecer coisas e objetos .....	43
<b>EDUCAÇÃO RURAL</b>	
Sugestão para o preparo da forragem .....	53
Frutas secas (passas) .....	54
<b>ASSUNTOS DIVERSOS</b>	
Planejamento do Ensino .....	35
Data da Fundação da Cidade de Porto Alegre (Inst. Histórico e Geográfico do B. G. do Sul) .....	48
Reportagem e entrevista .....	50
Personalidade do Mestre na obra educativa — Prof. Silas F. Lima .....	52
<b>COMENTÁRIOS BIBLIOGRÁFICOS</b>	
Métodos de Ensino — Prof. Hilda Silva .....	46
A Longa Solidão — Prof. Generice Viera .....	46
Bibliografia para Artes Aplicadas .....	47
<b>LEGISLAÇÃO</b>	
Decreto n.º 9743/58 — Regula o Concurso de Remoção no Magistério Primário .....	60
<b>NOTA DO SERVIÇO DE SUPERVISÃO TÉCNICA DA REVISTA DO ENSINO</b>	
O Serviço de Supervisão Técnica da Revista do Ensino se reserva o direito de não só aceitar ou rejeitar as colaborações enviadas, como ainda, o de apor notas esclarecedoras àquelas que, em algum aspecto, possam colidir com a orientação da Secretaria de Educação e Cultura.	

## TRABALHOS DE GRUPO

### I — Características de Maturidade e Eficiência de um Grupo

1. Demonstra conhecer claramente a finalidade do trabalho.
2. Progride em direção aos fins desejados, com o máximo de eficiência e um gasto mínimo de esforços.
3. Prevê o desenvolvimento do trabalho e planeja atividades.
4. Consegue um alto nível de comunicação eficiente entre seus membros.
5. É capaz de iniciar e manter um método de sistematização lógica na solução dos problemas.
6. Consegue equilíbrio conveniente entre os sistemas de trabalho em conjunto e a flexibilidade que torna possível a mudança de método quando necessário.
7. Compartilha e partilha das responsabilidades dos líderes.
8. Consegue equilíbrio satisfatório entre o processo de orientação e a aquescência dos componentes do grupo.
9. Faz uso inteligente das diferentes habilidades e capacidades de cada um dos membros do grupo.
10. Enfrenta a realidade e o trabalho, baseando-se em fatos e não em fantasias. Na inter-relação sócio-cultural não predomina o fator emocional.
11. Apresenta um alto grau de coesão e solidariedade. Não há exclusividade de pontos de vista ou rigidez individual.
12. Proporciona uma atmosfera de liberdade e espontaneidade que permite a expressão de todos os sentimentos e modos de pensar.
13. Não funciona sob o domínio dos líderes e nem de qualquer de seus membros.
14. Mantém um equilíbrio saudável entre atitudes de cooperação e de competição por parte de seus elementos.
15. Mantém um equilíbrio adequado entre emoção e raciocínio.
16. Pode mudar o rumo de suas atividades e adaptar-se às necessidades impostas por situações diversas e inesperadas.
17. Reconhece que os meios são inseparáveis dos fins e que aqueles servem a estes.
18. Reconhece os valores, vantagens e limitações dos processos democráticos.

(Baseado no livro: HAIMAN, Group Leadership and Democratic Action. Houghton, Miffling, 1951).

### II — Como obter melhores níveis de rendimento

#### 1. Cada pessoa deve pensar por si mesma.

Não procure economizar tempo dando a resposta correta ao grupo. Aquela que na função de coordenador orienta as atividades do grupo, deve estabelecer condições favoráveis para que cada pessoa tenha oportunidade de criar suas próprias ideias. A discussão de grupo não é uma sociedade de debate. É uma forma de trabalho. Não se discute pelo prazer de discutir. As opiniões e argumentos contrários são de grande importância: os sábios não estão de acordo em todos os pontos de vista, nosso objetivo precioso é encontrar um maior número de verdades do que as que trazemos para as discussões de grupo. Somos todos participantes de uma conquista comum. Estamos empenhados na mesma difícil e árdua missão: melhorar os padrões do ensino normal. Nossa pensamento é criador e não combativo.

2. Não expresse seus pontos de vista contrários de modo inconveniente; é mais inteligente pretender aceitar quando não se está de acordo do que manifestar nossa objeção de uma forma brusca. Investigue os postulados e implicações das contribuições feitas. A atitude "talvez" é inútil. Procure sempre novos meios que facilitem ambas as partes a continuar as discussões sem extremos infrutíferos. Nossa interesse no pensamento conjunto e cooperativo não é simplesmente escolher uma dentre as coisas que já conhecemos, mas sim, verificar a possibilidade de integrando valores de ambas as partes criar uma melhor solução. Não procure unificar as diferenças. As diferenças devem ser convenientemente aproveitadas, analisadas por meio de perguntas a fim de se tornarem mais claras e produtivas.

3. Não deixe passar qualquer assunto sem que esteja claro no aspecto essencial.

Algumas vezes as pessoas ouvem termos com os quais não estão familiarizadas e, supondo que os demais os entendem, julgam ser humilhante pedir explicação ou esclarecimento a respeito. Isto é errado. Não nos sentimos satisfeitos quando alguém pede esclarecimento sobre um ponto que também a nós não pareceu claro? Outros também se aproveitarão de nossas perguntas. Estamos no grupo para progredir e não devemos hesitar em fazer perguntas, elas podem ser muito úteis tanto a nós como a nossos companheiros.

3. Tenha cuidado e seja justo com situações apresentadas por uma memória.

Se observar que uma situação não está adequadamente apresentada, apresente-a na forma em que seus proponentes desejariam ouvi-la e, logo após, aplique o ponto de vista contrário.

Fique em expectativa para os usos diferentes que se fazem de uma mesma palavra. Peça ilustrações, exemplos, quando estas diferenças lhe parecerem confusas. Não se deve criar discussões e desentendimentos sobre definições verbais. Muitas vezes se discutem palavras e não idéias.

#### 4. Faça uso de períodos convenientes de silêncio.

Quando surgir um desentendimento sobre diversas opiniões expressadas, um minuto de silêncio ajudará os membros a ter uma perspectiva mais clara do que foi dito. Depois dessa pausa, o coordenador deve enunciar outra vez o ponto preciso da discussão. Os membros podem então cooperar com mais facilidade para descobrir a raiz da controvérsia. Procure, sempre trazer ao conhecimento do grupo algumas das fins desejados por todos.

Quando a discussão se afasta do ponto fundamental, enuncie outra vez o problema e comece de novo.

Se um ponto tratado para discussão for de suma importância, consulte o grupo: — "Seguimos discutindo este ponto, ou voltamos ao ponto da discussão?"

#### 5. Pontos básicos na solução de um problema:

##### a) Formulação do problema

- Qual é a finalidade?
- Que objetivos temos em sua discussão?

##### b) Análise do problema

- Que fôrtemente os obstáculos?
- Qual a natureza dos obstáculos?
- Por que existem?
- Que significado têm sobre nossos fins e planos?

##### c) Preparo de normas

- Que requisitos básicos são exigidos por toda e qualquer solução?
- Quais os requisitos importantes para a solução de nosso problema?

### FUNÇÕES DO COORDENADOR

#### 1. Orientar os trabalhos do grupo.

#### 2. Manter uma atitude de cooperação entre seus membros.

#### 3. Dirigir as discussões com o objetivo de atingir sempre um melhor desenvolvimento do grupo e um maior aproveitamento por parte de cada um de seus membros.

#### 4. Comparecer sempre que convidado à reunião dos coordenadores.

#### 5. Empenhar-se para que haja pontualidade por parte do grupo.

#### 6. Conhecer todos os componentes do grupo, chamando-os pelo nome.

#### 7. Evitar o monopólio da discussão. (Ao interromper a pessoa que está monopolizando a palavra deve usar de habilidade: "Isto que o sr. está dizendo é interessante, gostaríamos de ouvir a opinião de outro companheiro?")

#### 8. Trazer à consciência do grupo o ponto importante, quando percebeu que ele está sendo esquecido.

#### 9. Manter uma atmosfera sônia de entusiasmo pelo trabalho e atitude de cooperação.

#### 10. Seguir as normas de "Como obter melhores níveis de rendimento" (item II) para melhor desempenho de suas atribuições.

### FUNÇÕES DO SECRETÁRIO

1. Fazer e conservar um registro dos problemas, das idéias, das conclusões, dos fatos e das decisões — tais como foram desenvolvidos pelo grupo.
2. Apresentar sumários para o grupo, quando necessários.
3. Preparar relatórios de grupo a serem apresentados em assembleia geral ou por escrito para posterior apreciação.
4. Preparar o relatório final do grupo.
5. Consultar o grupo sobre a natureza e extensão dos relatórios a serem feitos.

### FUNÇÕES DO ASSESSOR

1. Ajudar o grupo a observar e avaliar seu próprio progresso sem perder de vista o conteúdo básico da discussão.
2. Ajudar o grupo a perceber de modo claro os meios de avaliação da discussão.
3. Pôr o grupo ao par de suas observações sobre:
  - a) O grau de progresso atingido pelo grupo em relação aos fins almejados.
  - b) Os métodos e técnicas usados para resolver os problemas.
  - c) A frequência e natureza das participações no grupo. Contribuições significativas. Quem está tomando parte, quantas pessoas participam, etc.
  - d) O grau de compreensão mútua entre os membros.  
(A expressão clara do pensamento leva à unidade e coesão do grupo. Há liberdade para que cada membro possa expressar o que pensa?)
  - e) A eficiência do coordenador, dirigente ou líder.
  - f) A harmonia dos membros.
  - g) Usar os recursos de que dispõe o grupo.
4. Estimular o grupo a melhorar sua forma de trabalho.
5. Conseguir que outros membros do grupo ajudem no progresso de observação e assessoramento.
6. Esclarecer aspectos confusos da discussão, quando perceber que faltam conhecimentos essenciais para que ela tome o rumo desejado.
7. Evitar dar solução aos problemas, auxiliar o grupo a encontrar por seus próprios esforços a solução conveniente.
8. Estar atento ao progresso e desenvolvimento do grupo auxiliando-o sempre que necessário.
9. Entrevistar o coordenador após as reuniões para colher suas impressões e auxiliá-lo em suas dificuldades.
10. Levar ao conhecimento dos dirigentes do seminário suas observações, avaliação do próprio desenvolvimento do grupo.

#### 4. Faça uso de períodos convenientes de silêncio.

Quando surgir um desentendimento sobre diversas opiniões expressadas, um minuto de silêncio ajudará os membros a ter uma perspectiva mais clara do que foi dito. Depois dessa pausa, o coordenador deve enunciar outra vez o ponto preciso da discussão. Os membros podem então cooperar com mais facilidade para descobrir a raiz da controvérsia. Procure sempre trazer ao conhecimento do grupo algumas das fins desejados por todos.

Quando a discussão se afasta do ponto fundamental, enuncie outra vez o problema e comece de novo.

Se um ponto tratado para discussão for de suma importância, consulte o grupo: — "Seguimos discutindo este ponto, ou voltamos ao ponto da discussão?"

#### 5. Pontos básicos na solução de um problema:

##### a) Formulação do problema

- Qual é a finalidade?
- Que objetivos temos em sua discussão?

##### b) Análise do problema

- Que fôrtemente os obstáculos?
- Qual a natureza dos obstáculos?
- Por que existem?
- Que significado têm sobre nossos fins e planos?

##### c) Preparo da normas

- Que requisitos básicos são exigidos por toda e qualquer solução?
- Quais os requisitos importantes para a solução de nosso problema?

### FUNÇÕES DO COORDENADOR

1. Orientar os trabalhos do grupo.
2. Manter uma atitude de cooperação entre seus membros.
3. Dirigir as discussões com o objetivo de atingir sempre um melhor desenvolvimento do grupo e um maior aproveitamento por parte de cada um de seus membros.
4. Comparecer sempre que convidado à reunião dos coordenadores.
5. Empenhar-se para que haja pontualidade por parte do grupo.
6. Conhecer todos os componentes do grupo, chamando-os pelo nome.
7. Evitar o monopólio da discussão.  
(Ao interromper a pessoa que está monopolizando a palavra deve usar de habilidade: "Isto que o sr. está dizendo é interessante, gostaríamos de ouvir a opinião de outro companheiro?")
8. Trazer à consciência do grupo o ponto importante, quando percebeu que ele está sendo esquecido.
9. Manter uma atmosfera sônia de entusiasmo pelo trabalho e atitude de cooperação.

10. Seguir as normas de "Como obter melhores níveis de rendimento" (item II) para melhor desempenho de suas atribuições.

### FUNÇÕES DO SECRETÁRIO

1. Fazer e conservar um registro dos problemas, das idéias, das conclusões, dos fatos e das decisões — tais como foram desenvolvidos pelo grupo.
2. Apresentar sumários para o grupo, quando necessários.
3. Preparar relatórios de grupo a serem apresentados em assembleia geral ou por escrito para posterior apreciação.
4. Preparar o relatório final do grupo.
5. Consultar o grupo sobre a natureza e extensão dos relatórios a serem feitos.

### FUNÇÕES DO ASSESSOR

1. Ajudar o grupo a observar e avaliar seu próprio progresso sem perder de vista o conteúdo básico da discussão.
2. Ajudar o grupo a perceber de modo claro os meios de avaliação da discussão.
3. Pôr o grupo ao par de suas observações sobre:
  - a) O grau de progresso atingido pelo grupo em relação aos fins almejados.
  - b) Os métodos e técnicas usados para resolver os problemas.
  - c) A frequência e natureza das participações no grupo. Contribuições significativas. Quem está tomando parte, quantas pessoas participam, etc.
  - d) O grau de compreensão mútua entre os membros.  
(A expressão clara do pensamento leva à unidade e coesão do grupo. Há liberdade para que cada membro possa expressar o que pensa?)
  - e) A eficiência do coordenador, dirigente ou líder.
  - f) A harmonia dos membros.
  - g) Usar os recursos de que dispõe o grupo.
  - h) Estimular o grupo a melhorar sua forma de trabalho.
  - i) Conseguir que outros membros do grupo ajudem no progresso de observação e assessoramento.
  - j) Esclarecer aspectos confusos da discussão, quando perceber que faltam conhecimentos essenciais para que ela tome o rumo desejado.
  - k) Evitar dar solução aos problemas, auxiliar o grupo a encontrar por seus próprios esforços a solução conveniente.
  - l) Estar atento ao progresso e desenvolvimento do grupo auxiliando-o sempre que necessário.
  - m) Entrevistar o coordenador após as reuniões para colher suas impressões e auxiliá-lo em suas dificuldades.
  - n) Levar ao conhecimento dos dirigentes do ministério suas observações, avaliação do próprio desenvolvimento do grupo.

## DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE ESCOLA PRIMÁRIA

JURACY C. MARQUES

Do Centro de Pesquisas e Orientação  
Educacionais da S.E.C. — R. G. do Sul.DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL, SOCIAL E  
EMOCIONAL

3º de uma série

As crianças crescem na capacidade de compreender, sentir e se ajustar, como crescem fisicamente.

Torna-se necessário conhecer a criança. Saber de suas capacidades, de quanto ela pode e de como é sua inteligência comparada a de outras crianças do mesmo nível de desenvolvimento. Se partirmos desse conhecimento, dessa compreensão, uma criança lenta, por exemplo, não será repreendida ou desprezada, mas terá a tarefa adequada àquilo que ela pode fazer. As crianças de escola primária estão começando a desenvolver suas capacidades no sentido do trabalho em grupo. Assim sendo, devemos proporcionar oportunidades nas quais a criança possa iniciar, de modo conveniente, essa aprendizagem. Devemos levar as crianças a trabalharem em grupos.

Na idade de oito anos, é comum que a menina suplante o menino na capacidade de raciocínio e compreensão. Os meninos precisam ser mais estimulados. Entretanto, a capacidade de raciocínio aumenta em proporção à riqueza da experiência infantil. Na medida em que suas experiências vão se ampliando e sua capacidade de atenção vai podendo se exercer em períodos maiores de tempo, a criança vai se tornando mais capaz de compreender, refletir, pensar. É conveniente auxiliar a criança a relacionar suas experiências, evidenciando os pontos de conexão entre uma e outra, bem como esclarecendo conexões e interrelações de fatôres de uma mesma experiência. Os pais e professores devem proporcionar modelos de raciocínios claros e objetivos. É sabido que as crianças têm uma imaginação muito rica. Não é fácil, para elas, aterrem-se a dados e fatos objetivos. Convém auxiliá-las a desenvolver um tipo construtivo de imaginação e começar a utilizá-la num sentido criador. Não devemos esquecer que as crianças são profundamente influenciadas pelas idéias de pais e professores, e que nós temos uma enorme responsabilidade no que se refere a prejudicar o desenvolvimento harmonioso da criança com idéias confusas, imaginativas, falaciosas ou menos objetivas.

As crianças de seis e seis anos vivem num *aqui e agora*. Só a partir dos oito anos, mais ou menos, começam a ser capazes de estabelecer relações de tempo. Planejar para o futuro é algo típico do adulto, não da criança. Para ela, os objetivos têm de ser imediatos e precisos. Devemos, portanto, propor tarefas para serem executadas no espaço de tempo que ela pode compreender. E mostrar a conveniência imediata desta tarefa.

A prontidão para a leitura está formada, para a maioria das crianças, aos seis anos e meio. O pro-

essor precisa conhecer o nível de desenvolvimento de seus alunos em qualquer fase. Entretanto, nesta fase é particularmente importante. E a atenção para o nível de desenvolvimento social que propicia uma conveniente aprendizagem da leitura, é algo de decisivo nessa situação.

Em relação aos números, elas têm para a criança uma significação concreta; ainda não pode atingir a compreensão de seu significado abstrato, nesses primórdios de sua escolaridade.

Nos aspectos de desenvolvimento social nós vamos encontrar a rivalidade e a competição como um dado normal na vida escolar. A maneira de tratar este fenômeno é que é decisiva e não fácil. Nem todos os competidores podem ser igualmente qualificados, obter a mesma classificação. Uma sensação de fracasso, para alguns dos competidores, torna-se inevitável. Por isso é melhor encorajar a criança a superar a si mesma. Quer dizer a estabelecer comparação, não com os colegas, mas com seus próprios progressos. Hale su posso mais que ontem.

Depois dos sete anos é comum que a criança prefira a companhia dos companheiros do mesmo sexo e que tenha uma certa atitude crítica em relação aos companheiros do sexo oposto. Pensamos, não obstante isso, e talvez por isso, ser altamente conveniente a co-educação; a permanência das crianças na escola primária, em contato com companheiros do sexo oposto. Isto oferece oportunidades para que ela vá aprendendo a se relacionar com pontos de vista diferentes do dela e também a saber defender os seus.

O forte individualismo de primeira infância vai cedendo lugar a uma maior e melhor sociabilidade, através do desejo de aprovação dos seus companheiros e principalmente do seu grupo de idade. Eles desejam assumir responsabilidades e obter sucesso no cumprimento de suas tarefas. Há um conflito entre a dependência dos adultos e o desejo de se basta a si mesmo. Este conflito tem que ser solucionado na experiência de participação em atividades de grupo, onde ela pode confirmar suas ambições de volta. Através dessas participações, a criança vai formando também maior consciência das exigências sociais e vai estruturando modos mais ajustados de reação e comportamento. Os adultos necessitam conquistar a confiança das crianças por suas atitudes reveladoras da aprovação e apoio que querem dispensar a ela. Isto só pode ter lugar numa clima de alegria, de saudáveis relações emocionais. O mundo emocional da criança é muito característico e difere, em muitos pontos, dos padrões de reações emocionais do adulto.

A criança de escola primária se apresenta com emoções mais variadas, de maior duração e de menor intensidade do que, por exemplo, a criança de dois anos. Não obstante, se compararmos a criança de escola primária ao seu adulto, veremos que suas emoções são mais intensas e menos duradouras. Violentas expressões de cólera na criança, através do processo de desenvolvimento emocional, se transformam, no adulto, em gestos expressivos de desagrado. A criança de nível primário é capaz de demonstrar simpatia, piedade, generosidade e orgulho. Como vemos, attitudes de maior complexidade emocional do que uma simples manifestação colérica. Esperadicamente, poderemos encontrar, principalmente nas crianças menos desenvolvidas, manifestações emocionais que se aproximam mais daquelas emoções chamadas primárias: amor, cólera e medo. Essas emoções, no entanto, estão se estruturando em sistemas de interrelações mais complexas e as reações infantis dão um contínuo testemunho disso.

As crianças, em torno de dez anos e mesmo antes, estão começando a ter e exercer suas próprias idéias. Resistem, algumas vezes drásticamente, ao controle do adulto. Contou-nos uma mãe que delegara à sua filha de 10 anos a responsabilidade de conservar o arranjo de seu próprio quarto. A menina fez uma completa alteração na disposição dos móveis, bem como na localização dos objetos. Mas, a mãe achou que a arrumação era uma perfeita desordem e quando a criança voltou da Escola, encontrou tudo em seus antigos lugares. E óbvio que esta situação provocou uma série de reações negativas, carregadas de tensão emocional. A mãe necessitaria ter tido mais habilidade para orientar sua filha no sentido do desenvolvimento da responsabilidade e independência.

A cólera é a mais frequente e intensa das emoções infantis. Muitas vezes as expressões de cólera são desencadeadas por um fato que não é, porém,

o motivante principal de tal reação. Nesses casos notamos que a criança já estava vivendo por algum tempo em tensão e conflito emocional. Sabemos da tendência que têm as crianças a sentimentos ambivalentes e sabemos, também, como é fácil qualquer situação menos favorável, desencadear a raiva da criança em lugar de propiciar o aparecimento do amor.

Considerando o ciúme como uma raiva importante, nós notamos que ele é também muito frequente na infância. Ele ocorre em ambos os sexos e, na maioria das vezes, em relação ao afeto da mãe. Há autores que sustentam ser o ciúme mais frequente entre as meninas. Parece-nos, entretanto, que em todo período da infância, ele ocorre indistintamente, em ambos os sexos.

O riso infantil é muito contagioso entre as crianças. Qualquer professora sabe que quando uma começa a rir, as demais tomam a mesma atitude sem que haja, do ponto de vista do adulto, uma causa que justifique tal atitude. A melhor maneira de dizer "basta" é conseguir que a criança volte sua atenção para alguma coisa diferente e que esteja dentro de seus interesses.

Considerando aspectos do desenvolvimento mental, social e emocional persiste nesse nosso intento, um desejo forte e propulsor, de despertar o interesse dos educadores, pais e professores, para a complexidade do desenvolvimento e chamar-lhes a atenção para os aspectos emocionais e sociais que ocorrem em toda aprendizagem. Só quando acomodarmos os olhos de nossa inteligência em ângulos propícios de entendimento, poderemos surpreender dados ricos em conteúdo e significação e, pela interpretação dêles, lançar um pouco de luz na penumbra das emoções humanas e infantis.

## NEUROSE EM CRIANÇAS

LUISA PRATES LUPI PACHECO

Orientadora de Ensino Primário do Centro de Pesquisas  
e Orientação Educacionais — R. G. do Sul.

Os psicanalistas têm concluído que na neurose do adulto existe sempre uma neurose infantil que não foi convenientemente tratada na fase em que se apresentou.

O maior traumatismo que a criança sente é no ato do nascimento. Daí em diante encontra o nascituro uma série de situações a que deverá se adaptar, não sem grande dificuldade, em face de sua condição de imaturidade. É impossível imaginar o que se passa no plano psicológico nos primeiros tempos de vida do indivíduo. Supõe-se que a situação privilegiada que gozava a criança no útero materno, acres-

cida dos cuidados constantes dados ao nascituro, na maioria dos casos, leva-o a uma situação de se sentir onipotente. Em tal situação ampliada que foi o ideal da onipotência infantil, quando a criança tomar conhecimento da relatividade de seu valor, fatalmente terá problemas de ajustamento à realidade apresentada. É comum surgir como reflexo nervoso nos primeiros anos de vida, a enurese, a encofrésis, a impotência, as fobias, a ocicofagia, a ansiedade que também se apresenta em muitos casos no "terror noturno", a insatisfação pelos presentes recebidos, o isolamento do grupo infantil, o uso da chupeta ou sucção do dedo polegar, etc.

A neurose ou psicoses da criança difere muito em suas manifestações da do adulto. A criança demonstra uma boa adaptação interna à realidade se tem prazer nos jogos, nos brinquedos e atividades livres, se dá plena expansão às suas fantasias, se não demonstra demasiada afetividade aos objetos; se apresenta manifestações de segurança em seu comportamento geral. Sintomas inversos aos acima enumerados nos levam a sérias dúvidas com referência a neurose em crianças. Admitem os psicólogos que, mesmo aquela criança orientada convenientemente, poderá possuir desajustamento ou alguma neurose em face da situação verdadeiramente contrastante que ela viveu da vida intra-uterina à realidade que teve início no ato do nascimento.

E de se suspeitar daquela criança que apresente um comportamento muito semelhante ao do adulto em seu maneiramento e atividade. A neurose que está criança sofre não é menor do que aquela da criança comum, apenas não apresenta sintomas. Como sabemos pelo análise de adulto, esta neurose é, via de regra, mais grave. O que realmente diferencia a criança menos neurótica da mais neurótica é a maneira como se comporta ante as dificuldades que encontra na vida, assim sendo, existe apenas um aspecto quantitativo no plano neurótico das crianças.

A seguir, queremos destacar as possibilidades nas relações mãe e filho:

- 1) Mãe solícita e carinhosa — filho dependente e receptivo.
- 2) Mãe solícita e carinhosa — filho indiferente e inibido.
- 3) Mãe instável — filho desorientado pela inconstância das atitudes maternas.
- 4) Mãe fria — filho desnaturado.
- 5) Mãe sádica — filho irritável, combativo oposicionista.
- 6) Mãe sádica — filho obediente, masoquista ou deprimido.
- 7) Mãe super-protetora — filho super-excitado e insatisfeito.

A primeira relação é a ideal, é aquela que possibilita à criança um desenvolvimento psíquico normal e uma boa aquisição de atitudes sociais.

As situações apresentadas fazem que sintamos o sério problema a resolver: sobre a dosificação do afeto materno em **quantidade, qualidade e oportunidade**.

As modernas investigações convencem-nos da delicadeza do sistema nervoso infantil. A voz, o ritmo dos movimentos e a pressão exercem uma função censuradora sobre a criança.

Desde os primeiros dias de vida da criança já se estabelece condicionamento. Parece ser a boca o centro desses reflexos, dai surjam uma série de reflexos condicionados negativos que vão prejudicar muito o indivíduo.

Queremos ainda salientar os pontos de vista de psicólogos sobre o comportamento da criança, dentre eles destacamos:

Melanie Klein — No primeiro mês de vida se estabelece uma complicada reação de amor e ódio entre a mãe e a criança, através da mão ou de mordidas no seio.

Gesell — Fez observações na fase fetal e constatou a existência de reflexos absolutos, isto é, defensivos no feto.

Otto Rank — Quanto maior o trauma do nascimento, maior é o medo da morte.

Watson — Considera a existência de três formas primárias de reações emocionais: a) reação de choque ou inibição, também chamada de reação catártica, de Goldscheider; b) forma expressiva ou cólerica; c) forma afetuosa de amor ou ódio (esta é a mais evoluída das três reações).

Esta sistematização das formas primárias de reações emocionais foi o trabalho mais importante de Watson.

Considerando que a neurose infantil é típica na criança rejeitada, queremos destacar o estudo de Hilda Lewis em sua obra "Deprived children" sobre o aspecto acima focalizado:

Há inúmeras situações que concorrem para tornar a criança rejeitada, dentre elas destacamos as seguintes:

- 1) Mãe sem afeto para a criança ou magoada com ela.
- 2) Pai sem afeto para a criança ou magoado com ela.
- 3) Nascimento indesejável ou desejado.

Estes três aspectos se condicionam às seguintes situações:

- a) Separação de um ou dos dois genitores por um período longo antes dos 5 anos de idade da criança, por motivo de viagem, doença, morte ou divórcio.
- b) Ausência de contacto com os pais por ter sido a criança internada em alguma instituição.
- c) Criação da criança por pessoas substitutas dos pais (madrasta, padrasto, avós, tios, etc.).

A psicologia da criança rejeitada varia de acordo com o seu tipo de personalidade. Os traços de diferenciação da criança normal são inconfundíveis, tais como:

- 1) Não apresenta alegria nem espontaneidade.
- 2) Seus olhos não têm a candura, nem o brilho próprio da infância saudável.
- 3) Mostra-se freqüentemente distante do ambiente, isto é, receiosa.
- 4) Apresenta sinais de ansiedade, insegurança e angústia.

A criança rejeitada está mais exposta a neurose do que aquela criança que foi conduzida normalmente. Em consequência dos mecanismos que deixamos enumerados, as crianças rejeitadas exigem constante atenção. Adotam uma conduta de afastamento. Construem um mundo à parte. Elaboram suas próprias fantasias, dialogando-as, sendo que esta fase é de grande cultismo.

Em geral crianças e adolescentes desajustados são facilmente crianças rejeitadas. Karman comprovou num grupo de 114 mães delinqüentes que 55 delas tinham evidência de rejeição.

O diagnóstico infantil poderá ser efetuado através de atividades informais por parte da criança que será assistida convenientemente e sempre pelo observador, bem como por técnicas específicas de uma clínica infantil onde devem atuar o psicólogo clínico, o psiquiatra, o assistente social, o orientador educacional, o médico clínico, o psicanalista, e outros elementos especializados em psicologia infantil.

Para diagnóstico e terapêutica de um estudo do caso apresentamos o seguinte esquema do processo de recuperação:

- a) Obtenção dos antecedentes (feita simultaneamente com a observação do comportamento).
- b) Exame somático e psíquico.
- c) Compreensão da dinâmica do caso e hierarquização dos fatores.
- d) Formulação do plano de reajuste. Discussão do mesmo, em mesa redonda.
- e) Designação do coordenador, supervisor ou responsável ("case worker").

f) Aplicação seriada e progressiva dos recursos técnicos específicos para o caso apresentado.

g) Controle dos resultados obtidos.

h) Determinação do plano para o seguimento e vigilância do caso fora da clínica ou centro.

i) Educação das pessoas que receberão o paciente.

j) Segmento do caso ("follow-up").

O item c é a fase decisiva de recuperação. Nela se classificará o caso de acordo com seu fato dinâmico. Assim será possível formular um plano racional, científico e eficiente para devolver às pessoas tratadas uma normalidade no ambiente social.

Os esquemas de tratamento variam de acordo com os desajustamentos por efeito do ambiente. Trata-se de criar novos hábitos de reações ao ambiente.

## BIBLIOGRAFIA

Notas de aula do Prof. De Leon — Curso de Assistentes em Psicologia da P. U. C.

Melanie Klein — Neurosis en la infancia.

Carolina Tobar Garcia — Higiene Mental del escolar.

Iracy Doyle — Introdução à medicina psicológica.

Karman — Psychodinamics of child delinquency.

Hilda Lewis — Deprived children. Oxford Univ. Press 1954.

Sheldon — As variações temperamentais.

## TUPAN-CI-RETAN

(Lenda sul-rio-grandense — adaptação de Gisela G. Gomes)

Há muitos anos passados, um missionário, acompanhado de alguns indígenas, ia a caminho de uma redução, no interior do R. G. do Sul.

Depois de muito andarem por extensas e cerradas matas, os pobres caminhantes verificaram que se haviam perdido e não sabiam qual o caminho a seguir.

Estaravam cansados, com fome e sede; sentiam-se amedrontados por verem-se no matagal desconhecido, nas proximidades do planalto da Serra Geral.

Ao amanhecer, o terror dos viajantes foi aumentando e converteu-se em pânico quando um tremendo temporal abateu-se sobre o local onde se encontravam.

Súbito, ao clarão de um relâmpago, viram à frente uma forma mal distinta, na qual reconheceram uma imagem de N. Senhora. A imagem erguia-se intacta entre arrasadas paredes de uma capelinha que o vento destruiu.

O padre, em grande júbilo, exclamou:

— Tupan-ci! (Nossa Senhora!)

Os índios o secundaram com imensa alegria:

— Tupan-ci-retan! (Terra da Mãe de Deus!)

Eles reconheceram o local — uma fazenda jesuítica. Estavam a salvo!

A zona ficou batizada com o nome de Tupan-ci-retan e, quando foi crescendo, e tornou-se uma cidade, conservou o mesmo nome. É a atual cidade de Tupancireti.

# O EDUCADOR DE BASE E AS TRADIÇÕES LOCAIS

Dr. Hugo Ramirez

Assistente do Coordenador da CNER

Para o educador de base, a prática de identificação com o sentimento dominante em cada comunidade deve levá-lo a respeitar toda e qualquer manifestação tradicionalista, desde que não colida frontalmente com o seu esforço civilizador. Embora sua atividade objetive uma transformação de conduta social por parte do grupo, orientando-o para uma gradativa e capital opção, relativamente ao comportamento individual e geral e às técnicas de trabalho, não implica essa situação em uma hostilidade a tudo quanto encontre, desde o seu primeiro contacto com a coletividade.

Já se disse, a respeito da Educação Fundamental no Brasil, que deve ser feita uma mudança total, a substituição de uma estrutura por outra, e não apenas o remendo de paredes combalidas (1). Concordo com o sentido substancial da proposição, porém reconheço que a premissa pode conduzir espíritos trêfegos a conclusões precipitadas e perigosas, tais, por exemplo, a de supor que, não havendo reparo, mas mudança a fazer, cumpre desprezar, incondicionalmente, tudo quanto importa em sobrevivência do passado, como é o caso das culturas locais. Gravíssimo equívoco seria este, de funestas consequências para a nacionalidade.

A transformação deve ser processada, mas o edifício a ser levantado deve ter seus alicerces fundados no mesmo solo em que faz a ruína condenada; inclusive, deve se lançar mão de todo o material preexistente, desde que provado na sua qualidade, apurada a sua firmeza e resistência; finalmente, é preciso lembrar que o elemento humano é o mesmo de antes.

Essa posição requer vivacidade intelectual e capacidade analítica aguçadas. Sómente dessarte podem ser previstas atitudes desastrosas, de duplo efeito negativo, como o de quem quisesse proceder a uma mudança total, guiado exclusivamente pelo propósito de expulsar o **velho** e importar o **novo**, esquecido de que a herança cultural do grupo deve ser mantida e aproveitada ao máximo.

A tradição exerce para as coletividades a mesma função da raiz para o vegetal. Atijá-la é votar o seu aniquilamento. Já a seiva deixa de circular do humus ao cerne, já sucede o entupimento das fibras, e a planta seca e morre. Não se trata de uma simples imagem literária, mas de uma verificação ao alcance do observador menos circunstancial.

Certamente, no legado espiritual que as gerações pretéritas transmitiram, há determinadas excessões, restolhos que nada de valioso portam para os pôsteros; ocorre, freqüentemente, que, sobre infinito, são até prejudiciais. Certas superstições estão nesse caso, em que também se incluem alguns hábitos e reações individuais ou de comportamento familiar, inconformando todo um lôgo de behaviorismo na vida

das comunidades. A Etnologia nos oferece rico patrimônio, dando as formas ou gestaltas estudadas no comportamento dos pré-letrados.

Efectuando um exame dos atributos e caracteres da tradição, afirmo, ainda há pouco, a esse respeito: "Um fato pode ser tradicional como algo digno de ser imitado ou reeditado. Guarda-se a tradição do cavaleirismo, fomentada esportivamente na Idade Média, porém se repele a tradição antiga dos povos asiáticos, da pena de faião. Tal predicado possibilita a divisão da tradição em **positiva**, a que é digna de ser imitada e continuada, em **negativa**, a que comanda ao repúdio e só é útil como escarmento. Para esse mesmo efeito de dicotomia, prestam-se as palavras **repulsão** e **atração**." (2)

Cabe ao educador de base, em face de cada realidade específica, tomar partido nesse particular. Tem pertinência sublinhar a posição do educador de base, que é semelhante aquela do assistente social como **normativa**, enquanto a do interpretador ou pesquisador será meramente especulativa. Ora, em função dessa natureza normativa de sua missão, o educador de base é obrigado à opção, para dar plena execução à sua finalidade.

Sua responsabilidade é tremenda, não há negar, porquanto lhe compete efectuar uma obra de indiscutível pioneirismo. A seara está virgem, a seleção vai ser feita pela primeira vez, faltam precedentes que abonem, pela tradição, qual o passo certo, qual o errado nessa colheita. Isso, todavia, não deve ser motivo de desânimo ou temor, mas estímulo à acuidade de visão e à prudência no agir.

O critério para levar a bom termo essa escolha pode perfeitamente ser o ético e o pragmático. E **positiva**, para o agente da modificação social, toda e qualquer tradição que sirva:

a) para reforçar as condições salutares de vida, como a higiene pessoal, o hábito de trabalhar, a convivência cordial, a superação da capacidade pessoal, das competições físicas e mentais;

b) para aprimorar as virtudes morais, como a coragem, o comprometimento, a lealdade, a esperança, a labiosidade, a prudência, a probidade, a bondade, a mansuetude, etc.;

c) para estimular a prática de gestos e atitudes dignificantes e construtivas, para o indivíduo e o grupo;

E **negativa**, ao contrário, sempre que ocorre desleixo com a saúde, desprêzo das possibilidades de cultivar a terra ou em aproveitar os recursos naturais da região em favor do bem-estar dos habitantes, estímulo à conduta desintegradora e anárquica, de rebeldia

pessoal ou social, ofensa ao pudor e aos princípios sociais e religiosos fundamentais. Incitamento à incidecia no jogo e no vício de qualquer espécie, na brutalidade ou em formas de degradação física, moral e intelectual, quer pessoal, quer social.

Por outro lado, há a equacionar as tradições que condicionam **tabus**. Sempre que a proibição reverte em benefício dos indivíduos e da comunidade, deve não sómente ser mantida como estimulada. Quando resulta nociva ao ambiente, deve ser habilmente afastada, diluída até à extinção total.

O trabalho é árduo e de extrema delicadeza, mas da manita como lôr atacado dependerá o êxito maior ou menor da operação social em andamento.

Em relação com o morador da hinterlândia brasileira, há três pontos comuns de tradição negativa, com os quais o educador de base não pode pactuar, sob pena de traír seu mandato. São eles: o **individualismo**, o **improvviso** e a **rotina**.

Pela tradição de **individualismo**, que é mal não apenas do homem rural, seja dito de passagem, mas quase uma psicologia coletiva de nossa pátria, as comunidades ficam condenadas ao estacionamento e ao atraso, vale dizer, à lenta destruição.

Pela tradição do **improvviso** na ação pessoal e coletiva, que é uma peculiaridade do individualismo, corre o nosso elemento humano do senso de medida e da capacidade de planejamento. Falta-lhe o sistema, o método, sem o que nenhuma realização pode atingir ao máximo que dela se pode esperar em acabamento, eficiência e importância.

Pela tradição de **rotina**, a sociedade tem sido terrivelmente restringida, na sua expressão e nas possibilidades de aprimoramento. É rotina nas técnicas lavorais, pela agricultura extensiva em rotação de terras, nas formas de construção de abrigos, erigindo casinholas frágeis e desprovidas de higiene, no comportamento cívico e na reação em face do mundo, no prolongamento do status de negligência e miséria, embotamento na iniciativa e na interiorização, a que tão bem qualifica a locução substantiva "**jeca tatu**", visto que **jeca** é o pobre diabo, e **tatu** quer dizer bicho entocado.

Substituindo essas três condições repulsivas, devem ser semeadas a afiliação ao trabalho de conjunto, ao espírito de equipe; o hábito de tudo fazer com método, planejamento, pesando a finalidade a atingir, os recursos de que se dispõe, os meios mais aconselháveis a usar, as falhas a evitar e dificuldades a superar; finalmente, a adoção de novas reações em face do meio, novas condições de higiene e emprêgo da profilaxia, novas técnicas, mais racionais e eficientes, do trabalho da terra e edificação.

O que deve, indiscutivelmente, ser animado, atraído e imitado publicamente, aproveitando-se o ensejo das reuniões e as eleméticas solenes da comunidade, é a tradição religiosa, mitográfica, social, coroográfica, musical, literária, folclórica da região. Todo carinho é pouco nessa área, quase diria "ara", tão sa-

grado me parece esse setor de manifestações da alma popular.

Há um duplo aspecto pragmático a ser ponderado, pelo agente da modificação social da comunidade, em face desse tipo de tradição. Um diz respeito à abertura de seu trabalho inovador, revestido-o da necessária simpatia humana pelas coisas e os cultos do lugar, abrindo, assim, as portas do mais cordial agasalho de sua pessoa, seus métodos e objetivos, por parte dos habitantes da localidade; o outro visa assegurar o próprio êxito e a perduração da tarefa por ele colimada, pois desde que considera as raízes da gente com que vai lidar está, tacitamente, operando de maneira global, substancialmente, tornando o indivíduo e a coletividade nas suas vinculações com a herança cultural e o aperfeiçoando às novas condutas construtivas, em face do meio e da vida grupal e do progresso mecânico e cultural nos grande centros.

Em trabalho soldo a lume em 1953, (3), propunhamos uma ação de conjunto do magistério nacional em favor do respeito e da vitalização dos elementos tradicionais das comunidades brasileiras, sugerindo o nome de Conselhos de Educação Popular para os organismos que enfeixassem esses objetivos.

Na verdade, aduziamos que o nome poderia valer, conforme o ditassem as conveniências locais, e constituir o elemento de menos monta. Entretanto, a operação que então apontávamos, e que vem de ser ratificada no recente I CONGRESSO TRADICIONALISTA DO RIO GRANDE DO SUL, realizado de 2 a 4 de julho de 1954, em Santa Maria, no Estado gaúcho, pode e deve ser feita, concomitantemente à obra de exclusivo caráter pedagógico, pelas Missões Rurais, pelos Centros Sociais de Comunidade, pelos Centros de Treinamento de professores e auxiliares rurais e de líderes locais, pelos Centros de Treinamento de Cooperativismo para jovens e pelas próprias Escolas Rurais, mantidos, Brasil afora, pelo CAMPANHA NACIONAL DE EDUCACAO RURAL, pelo DEPARTAMENTO NACIONAL DE EDUCACAO (Campanha de Educação de Adultos), pelo MINISTÉRIO DA AGRICULTURA e pelas SECRETARIAS DE EDUCACAO e entidades privadas.

O princípio fundamental é o de que a tradição local deve ser olhada como fator cultural, força viva e atuante, capaz de oferecer um ponto de apoio firme à atividade de orientação e recuperatividade da Educação de Base. Sempre que possível, deve ela ser cultuada e cultivada, por todas as formas possíveis, quer como elemento de recreação, quer no caráter de fermento cultural. As restrições que se recomendam favorecem o estreitamento dos vínculos entre a comunidade e as equipes modificadoras e beneficiam, seletivamente, os materiais psicológicos e sociais da nova estrutura em construção.

(1) JOSE ARTHUR RIOS. Relatório do DNE — 1951 — (Rio).

(2) HUGO RAMIREZ, o Culto da Tradição e sua exequibilidade no Brasil, tese aprovada no I CONGRESSO TRADICIONALISTA DO RIO GRANDE DO SUL — Santa Maria, julho de 1954.

(3) HUGO RAMIREZ, O mestre como animador da comunidade — 1953 — Erechim.

# O FOLCLORE DA REPÚBLICA ORIENTAL DO URUGUAI

(1800)

MARINA CORTINAS DE LAMPROS

Professora do Conselho de Ensino Primário e Secundário  
da R. O. do Uruguai.

O propósito desta nota é mostrar, em imagens pregões, jogos e danças da época da colonização animadas por suas características mais autênticas, Uruguai.

**Pregões:** Os vendedores populares ofereciam suas mercadorias água, tortas, velas, canjica, flôres, ervas medicinais, etc., com melodias criadas por eles mesmos e que perduraram através do tempo. Dois pregões verdadeiramente típicos são o aguateiro e a "mazamorrera". O **aguateiro** aparecia de manhã cedo no "mercado pequeno", lugar de concentração dos vendedores. Em um carro puxado por bois levava um barril a que chamavam "cansca". Era de barro e permitia conservar a água fresca. O aguateiro subido na pŕtica do carro improvisava verdadeiras melodias ao oferecer sua mercadoria.

Uma delas:

Aguita  
aguita  
lresquita cual la mañanita  
veinte litro por un rial  
dié litro por medio rial.  
Aguita...  
aguita...

(Note-se a má pronúncia, os s finais não eram emitidos.)



AGUATERO... AGUATERO...  
(AGUATEIRO...) AGUATEIRO...

## PREGON DEL AGUATERO (PREGAO DO AGUATEIRO)



### A "mazamorrera".

Esta outra personagem era das mais conhecidas em Montevidéu. Geralmente eram morenas, as quais, vestindo saia colorida, chale nos ombros e lenço branco na cabeça, vendiam o riquíssimo mingau de canjica pulverizado com canela. Levando um grande prato na cabeça apregoavam desta forma:

Mazamola con canela  
complele uté a la molena  
llevó la mazamolita  
pala la niña bonita.  
Comple la mazamolita  
comple mi amita.  
(Era costume chamar "niñas" às senhoritas e "amita" às senhoras.)

## PREGON DE LA MAZAMORRERA (PREGAO DA MAZAMORRERA)



### JOGOS TRADICIONAIS

A influência dos espanhóis é marcada nos jogos tradicionais da Pátria Oriental. É assim que, rainhas, príncipes e marquesas são quase sempre citados e

protagonistas muitas vezes. — Andelito de oro, La doncella y el río, El puente de Aricou, La gallina ciega, El zorro en el gallinero, Mambní se fué a la

quem, etc., compõem parte do extenso repertório dos jogos tradicionais do século passado, e são serviços atualmente nas escolas do Uruguai, onde se trata de número vivo e lúdico e traduzido em todos os seus aspectos. Destacada a coreografia é a melodia da um destes jogos.

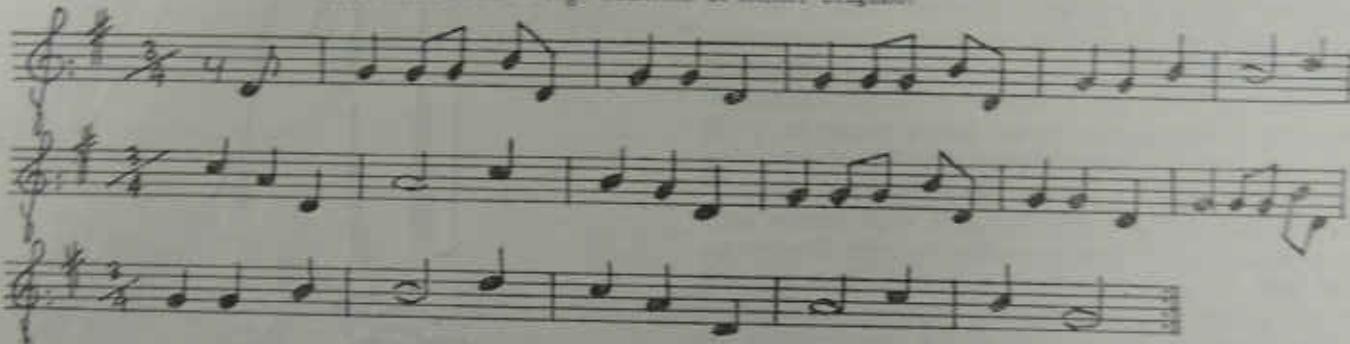
#### La doncella Y el río

A las orillas de un río  
A las orillas de un río  
Una doncella, una doncella  
Bordaba com hilos de oro  
Bordaba com hilos de oro  
Para la reina, para la reina  
En lo mejor del bordado  
En lo mejor del bordado  
Le faltó seda, le falta seda  
Pasó un vendedor de seda  
Pasó un vendedor de seda  
Quien compra seda, quien  
De que color es la seda, de que color es la seda  
Azul y blanca de mi bandera.

PABELLÓN NACIONAL  
(PAVILHÃO NACIONAL)



LA DONCELLA Y EL RÍO — Juego tradicional del folclor uruguayo  
A JOVEN E O RÍO — Jogo tradicional de folclore uruguai



#### Coreografia

Forma-se uma roda mista. Uma menina faz os movimentos de quem está bordando, enquanto os demais cantam e giram. Na parte em que a canção diz "En lo mejor del bordado le falta seda", a menina faz mímica de quem se aborrece, com pesar e de quem procura a seda. Quando o círculo canta "Pasó un vendedor de seda" sai um menino da roda imitando o pregão. A menina chama-o e fingem dialogar. Quando o círculo chega ao verso "Azul y blanca de mi bandera" os dois acenam para a bandeira que está hasteada na escola.

Pode repetir-se o jogo quantas vezes se deseja, mudando os personagens centrais.

#### AS DANÇAS

Dividimos esta parte tão importante em duas: a cidade e o campo.

#### A CIDADE

Nos salões das velhas casas de Montevideu colonial, reuniam-se as "matriças" e os "patrícios". As tertúlias familiares que se iniciavam ao entardecer e

terminavam às nove da noite, quando o guarda-noturno cantava: "Las nueve han dado y sereno... La noche y sin novedad..." eram amenizadas pelo cravo, ins-



SEGUNDA FIGURA DEL  
MINUETE MONTONERO

trumento da moda naquela época e às vezes pelas guitarras crioulas.

Enquanto os mais idosos tomavam o chocolate ou o mate de chá perfumado com casca de laranja servidos pelas fiéis escravas, os jovens se entregavam ao prazer da dança. Entre elas ganhou predileção a na cabeça, vendiam o gostosíssimo mingau de canjica remynthia número "montonero", chamado assim por haver sido criado quando as "montoneras gaúchas" lutavam pela liberdade. Esta dança se divide em dois movimentos: um lento com ar de minueto, todo graca, cerimônia e finura; o outro vivo, rápido e brejeiro. Os dedos batem como castanholas; o cavalheiro sapateia suavemente, enquanto a dama movendo a saia com graca e recato. Termina a dança com o primeiro movimento de minueto e os bailarinos fazem graciosos gestos de saudações entre si e aos outros pares do salão.

#### NO CAMPO

##### Estudo do Pericón Nacional

Esta dança, nacional por excelência, apareceu nos campos orientais em meados do século passado. Junio com o "cielito" e a "média caña" formam a trilogia mais autêntica das danças nacionais. Foi fecho de ouro nas festas, e nos antigos circos, eram incorporados aos dramas de temas campeiros como "Juan Moreira", representado pela, então, afamada companhia de José Podestá (ano de 1886). Esta dança complexa e que não pode ser realizada sem muito ensaio, já que os pares têm que realizar suas figuras com justezza e precisão, é comandada pelo chamado "bastonero".

Investigadores que realizaram a fundo o estudo do pericón (Carlos Vega na Argentina e Luuro Ayestaran no Uruguai) conseguiram dados pelos quais se pode afirmar que "pericón" se chamava ao "bastonero" ou seja, ao que dirigia a dança. No Uruguai a melodia de pericón que ganhou popularidade e se tornou realmente nacional foi a que compôs Gerardo Grasso no ano de 1887. A seu compasso é que, na época atuou, se dança o pericón nas escadarias, liceus, sociedades tradicionalistas, etc. São conhecidas com certeza as figurações que compõem a dança, mas não se tem conhecimento da ordem em que devem ser executadas.

Com o correr do tempo foram introduzidas outras figurações e tantas que se chegou ao exagero, tornando-se censurável. Doremos a coreografia mais fiel, ou seja a mais simples que realizava José Podestá.



MAZAMOLA CON CANELA...



MERCADO DE MONTEVIDEO (1889)

**Coreografia do Pericón Nacional**  
(8 pares)

De braço dado fazem um passeio em roda cominhando, e logo se colocam quatro pares em frente a outros quatro. Um dos dançarinos dá as vozes de comando (el bastonero).

"A bailar el Pericón Y a la voz de "aura" - "cura!"

Note-se que o sinal para iniciar a dança é o "aura", como quem diz "agora".

Un balanceo a la derecha! cura!

Espejo y de frente! cura!

Romper con un paselito al campó! cura!

Y llegando al lugar, armas al hombro! cura!

Romper con un valsosito! cura!

Gancho a tierra y demanda con la contraria! cura!

Uno trás de otro como bolin de chaleco! cura!

Neste ponto abre-se a roda e cada par, por sua vez, volta no centro dizer seus versos chamados "Relaciones".

EL VALSESITO  
LA VACUETA



ANDAS AL HOMBRE  
JANAS AO HOMEM



ESPEJO  
ESPELHO



PASEO AL CAMPO  
PASSEIO AO CAMPÃO



UNO TRAS DE OTRO  
UM ATRAS DO OUTRO



MOLINETE  
MOLINETE



HUEDA GRANDE  
HUEDA GRANDE



### A POESIA E O FOLCLORE DO URUGUAI

A poesia teve e tem um papel muito importante no folclore oriental. Os poetas uruguaios e também muitos estrangeiros fizeram das coisas e os temas tradicionais para cantarem seus versos.

Assim, o rancho, clássica vivenda do gaúcho, o correlo, o umbu, o mate, o "ceibo" (espécie de corteiro), cuja flor vermelha é nossa flor nacional e, enfim, tudo o que representa tradição, tem sido inspiração para os poetas. Um deles, contemporâneo, filho predileto do Uruguai por seu amor à tradição, compôs estes formosos versos no umbu, refúgio dos gaúchos nos horários de sol e muitas vezes teto nas noites de campo oriental.

#### El Ombú

De Fernán Silva Valdez.

Árbol americano.

que tiene mala sombra, según la lenda  
que tiene sombra buena, según realidad

Não é necessário que todos os pares digam versos. Durante a declamação é costume, dos demais pares aplaudir com frases espontâneas. Terminadas as declamações o "bastonero" dá prosseguimento à dança.

"Y sigue la rueda! aura!"

"Preparate para formar el pabellón de la Patria! aura!"

A esta ordem moças e rapazes tiram do pescoço os lenços azuis e brancos que usam e, unindo-os, formam a bandeira uruguaiã. Nesta atitude fazem uma volta completa e, como homenagem máxima os rapazes põem um joelho em terra e o "bastonero" pronuncia um "viva la Patria", que é respondido por todos. Logo levantam com naturalidade, repõem os lenços e saem de braço dado.

Nesta como em todas as danças folclóricas, é muito importante que os movimentos sejam naturais.

O passo do pericón é semelhante ao da ranchera.

ESPEJO  
ESPELHO

PASEO AL CAMPO  
PASSEIO AO CAMPÃO

Copudo sombrío, verde y casi siempre solo:  
artiba, anidan los pájaros  
abajo, anidan los hombres.

Tu les das una rama para su nido;  
tu les das un refugio para su rancho;  
Y ellos en cambio alegran tu tristeza  
haciendo nacer en ti la madrugada;

bolón rosado de la flor del dia!

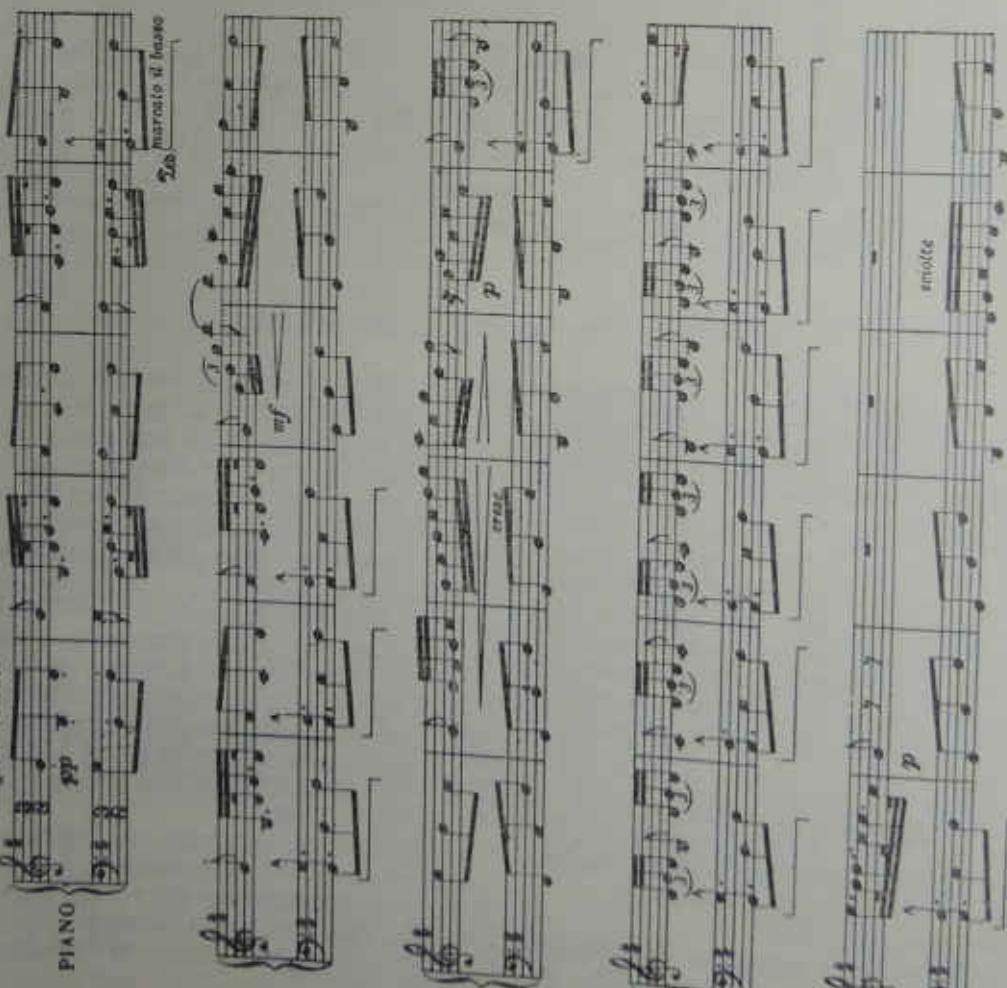
Sobre tus raíces grandes y acormentadas  
el sombrero en la nuca y el barbijo en el labio  
se sentaron los rudos guitarreiros  
de marcos voroniles y musicales  
que hacían aírre la nuda blanca y celeste  
de los pericones nacionales.

Ombú,  
padre de la poesía rio platense  
el redondel de tu sombra  
está alfombrado de versos mayores  
el redondel de tu sombra  
fui la tabla redonda de los foyadores.

PERICON

### **Allegro moderato**

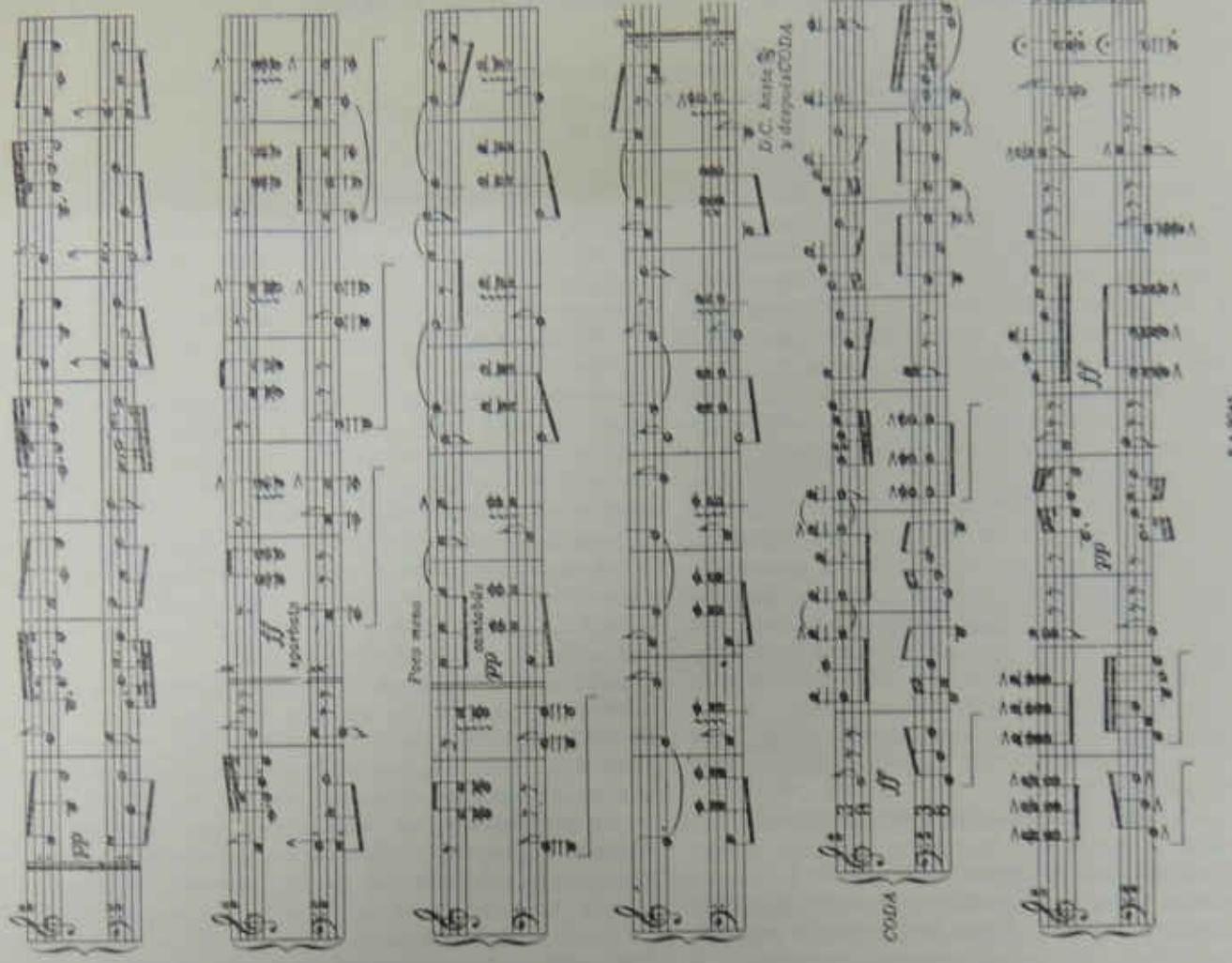
PIANO



REVISTA DO ENSINO

SCOTT, A. MICHIGAN.—S. A. C.—Station Agent. Standard editions were issued for stations throughout the state, and were used in connection with the State Normal Schools.

九三



# EDUCAÇÃO DO CONSUMIDOR

Olga Bragança Maciel

Orientadora de Educação Primária do C. P. O. E.

Rio Grande do Sul

A educação do consumidor, como é óbvio, destina-se à satisfação de finalidades muito diversas.

Há uma fundamentação filosófica, que deriva do direito de propriedade, da liberdade e da inevitável valorização dos bens materiais; o substrato moral, que sugere uma utilização adequada do numerário, visando o bem comum e o desenvolvimento do senso de responsabilidade; uma base sociológica, que parte da valorização da família, melhoria dos padrões de vida em sociedade, independência econômica progressiva e segurança social; uma finalidade psicológica, que visa a adaptação da personalidade, a formação de bons hábitos e normas de conduta, e a paralela aprendizagem; um fundamento pedagógico, que equaciona a ação do educador e aperfeiçoamento do educando; o aspecto biológico, que persegue a melhoria dos meios de subsistência; e a decorrência final, que é o aspecto higiênico, com melhores condições de saúde, alimentação, repouso e trabalho.

O homem que vive constantemente perturbado por suas condições de subsistência, ameaçinha-se e prejudica-se psiquicamente.

Se alguém vive demasiadamente absorvido na luta pela vida, os interesses imediatos poderão prevalecer sobre os ideais que dignificam a vida humana. Sem que atinja uma independência econômica, dificilmente estará o homem disponível para o aperfeiçoamento espiritual. O fracasso na vida econômica é um dos tantos fatores que, no mundo atual, contribue para solapar a paz econômica e a paz de espírito da humanidade.

Há mesmo quem afirme estar na solução da crise econômica, em grande parte, o remédio para boa parte dos males da civilização atual, prejudicada pelas crises domésticas, sociais e grupais, decorrentes de conflitos econômicos, mesmo na órbita pessoal. Tal afirmação será exata se considerarmos os transtornos econômicos, os erros financeiros, como consequência de vícios e de carencias da educação.

Os problemas da escolha da recreação e do aproveitamento das horas de lazer são importantíssimos, dependendo deles, em parte, a boa disposição para o trabalho.

A criança deve saber distinguir qual o prazer que mais lhe convém, quais as vantagens que lhe podem trazer as distrações e diversões saudáveis e qual o aproveitamento que poderá conseguir no trato com certas pessoas e no hábito da leitura.

Estudos e inquéritos realizados nos Estados Unidos firmaram bases e princípios para a educação do consumidor. Tais estudos, aliás, são antigos, podendo destacar-se o magnífico trabalho de WALTER B. PITKIN (*The Consumer — His nature and changing habits*, First Edition, Third Impression, McGraw-Hill Book Company, Inc., New York, 1932).

Os inquéritos firmaram os objetivos essenciais dessa educação:

- a) de auto-realização;
- b) de relações humanas;
- c) de eficiência econômica;
- d) de responsabilidade cívica.

Deve o consumidor educado, em consequência, orçamentar sua vida econômica, estabelecer esquemas de valores para controle de suas despesas, ser comprador hábil e bem informado e tomar provisões para salvaguardar seus interesses.

E necessário, de outra parte, levar em alta consideração as denominadas "situações para a educação do consumidor". São assim consideradas todas as situações reais da vida e da escola. O professor hábil sabe explorá-las convenientemente, de acordo com a idade, o meio social e o nível intelectual das crianças adolescentes e dos adultos.

A cooperativa escolar, a merenda, as noções de economia doméstica e, principalmente, a aritmética oferecem situações freqüentes e instrutivas para o consumidor, sempre que a matéria for organizada tendo em vista as necessidades da vida.

Sempre que alguém se empenha em projetar uma viagem ou uma festa, quando economiza para adquirir algo, quando planeja um trabalho, quando procura obter certa importância para iniciar algum negócio ou, finalmente, quando prepara uma refeição, enfrenta problemas que exigem escolhas, decisões e cálculos numéricos. Estas contribuirão para lhe dar uma visão racional dos problemas do consumo.

O consumidor educado deve ter noções claras e precisas sobre alimentação e esporte, vestuário, casamento, despesas, utilização de meios de comunicação, cálculo de descontos e percentagens, oportunidades de economizar, juros, depósitos bancários, seguros de vida, medidas preventivas (proteção da propriedade contra riscos ou incêndios, por exemplo), etc.

A escola deve possuir instalações adequadas para poder oferecer oportunidade de experiências aos alunos-consumidores, tais como uma sala de economia doméstica, outra de trabalhos manuais, uma pequena oficina, lavandaria, salas de recreação e biblioteca.

O objetivo da educação do consumidor será o ministrar-lhe idéias precisas e saudáveis sobre os bens materiais e sua importância, no equilibrado concerto da vida em sociedade.

E necessário ensinar ao aluno que não podemos prescindir de certos bens materiais mas que, em regra, a grande maioria dos produtos expostos à venda, e sugeridos através de hábil e teliterada propaganda, realmente não são necessários, e que sua aquisição implicaria em um desequilíbrio orçamentário desastrosamente difícil ou, até, desastroso.

No momento em que conseguirmos estabelecer, no aluno, concepções saudáveis e equilibradas, em face dos bens materiais, que lhe permitem combater ambiguidades desmedidas ou desproporcionadas, e que traduzem uma posição correta em face dos bens de consumo, certamente teremos atingido o objetivo que perseguimos, promovendo a educação do consumidor.

## Principais referências bibliográficas:

ENCYCLOPAEDIA OF THE SOCIAL SCIENCES — The MacMillan Co. — New York, 1937.  
PITKIN, Walter B. — *The Consumer*, New York, 1932).

# GRAMÁTICA FUNCIONAL

Prof. Nelly Rodrigues Schmitz, diretora técnica do G. E.  
"Teófilo Otávio", Minas Gerais, à disposição do Rio  
Grande do Sul, no CPOE.

2.º de uma série

## Objetivo geral: NOÇÃO DO VERBO

1) Objetivo especial: Distinguir a parte principal da oração. (Verbo) — Material: Sentenças retiradas de uma história conhecida. Por exemplo: Rapunzel. Os exemplos apresentados, inicialmente, deverão ser com verbos de movimento, nas formas simples e compostas, em orações absolutas. Introdução: Contar a história, devidamente adaptada pelo professor.

Exemplos para a gramática funcional:

### a) Rapunzel trançava os longos cabelos louros.

A sentença tem apenas uma oração. A oração tem três partes: Rapunzel — trançava — os longos cabelos louros. A segunda parte: **trançava** é a que exprime a ideia principal, sem ela não se ficaria sabendo o que fazia Rapunzel. **Os longos cabelos louros** vem a ser a coisa trançada, e **Rapunzel**, a pessoa que trançava.

### b) A bruxa prendeu Rapunzel numa torre sem portas.

A sentença tem uma oração com quatro partes: A bruxa — prendeu — Rapunzel — numa torre sem portas. A parte principal da oração é **prendeu**, é a parte que diz o que a bruxa **faz**; sem a palavra **prendeu** não teríamos compreensão do sentido. **Rapunzel** é a pessoa presa; **numa torre sem portas** é o lugar onde Rapunzel estava presa; a bruxa é a mulher que prendeu Rapunzel, que praticou a ação de prender.

### c) Rapunzel conseguiu sair da torre para a floresta.

A sentença tem uma só oração com quatro partes: Rapunzel — conseguiu sair — da torre — para a floresta. A parte mais importante é **conseguiu sair**, que diz o que Rapunzel **faz**. Da torre é o lugar de onde Rapunzel conseguiu sair e para a floresta é o outro lugar para onde Rapunzel conseguiu sair.

Quando os alunos distinguirem bem a palavra que representa a ideia principal: a ação, o acontecimento, concluir que a parte da oração que conta o que **faz**, o que **acontecia** é o **verbo**.

Sugestão de atividades para interpretar os acontecimentos, as ações, o verbo, enfim, da maneira mais objetiva possível.

1) Apresentar gravuras para os alunos interpretarem os verbos: cantar, escrever, ler, pular, jogar, bater, tirar, comer, chorar,...

2) Pedir aos alunos que façam **desenhos simples**. Ex.: uma face cortando um queijo; uma menina colhendo frutas numa árvore; passarinhos voando; uma

cena de futebol em que apareçam vários verbos: correr, saltar, cair, jogar, pegar...

3) Mandar os alunos enumerarem numa folha de papel o que fazem na escola, em casa, na rua, com leitura bem bonita (escrita) e sem erros (ortografia).

4) Procurar saber o que fazem os homens nas diferentes profissões: alfaiate, barbeiro, cozinheiro, engenheiro, estudante, professor, florista, padeiro, cantor, poeta, padre, médico, advogado... (vocabulário).

5) Interpretar ações mencionadas nos **cantos** e **poesias**, já conhecidas da classe, pelo reconhecimento dos verbos.

6) Retirar os verbos da leitura.

7) Indicar o que acontece às plantas: germinam, nascem, crescem, respiram, vivem, morrem, florescem... (Estudos naturais).

8) Procurar saber o que fazem os animais conhecidos: cantar, latir, miar, mugir, relinchar, balir, cagar,piar...

9) Associar as perguntas dos problemas à gramática funcional. Exs.: Quantas frutas os meninos colheram? Quantas flores os meninos deram? Quantos cruzeiros os pais receberam de troco? Quantas bolinhas os meninos ganharam?

Várias outras associações surgirão. O professor deve variar aproveitar todas as oportunidades para os alunos viverem a gramática funcional nesta fase de ação e acontecimento: verbo.

2) Objetivo especial: Conhecer o infinito das formas verbais.

Material: Sentenças retiradas de uma história conhecida: Os três ursinhos. Os exemplos apresentados devem conter verbos nas diferentes conjugações, com formas simples.

Introdução: Contar a história.

Exemplos para a gramática funcional:

a) **Os três ursinhos deixaram o mingau nas tigelinhas.**

Apresentar a sentença no quadro-negro e procurar saber qualas as partes da sentença: os três ursinhos — deixaram — o mingau — nas tigelinhas. Rever com a classe a parte principal, o verbo: **deixaram**. **Os três ursinhos** são os animalinhos que fizeram a ação de deixar; o **mingau** é a coisa, a comida deixada; **nas tigelinhas** é o local.

**tigelinhas**, o lugar onde o mingau foi deixado pelos três ursinhos.

Levar a classe a observar que a ação de deixar pode ser expressa de maneiras diferentes: os três ursinhos **deixaram** o mingau nas tigelinhas; os três ursinhos **deixaram...**; eu **deixo...**; vocês **deixavam...**; todas contam a mesma ação de **deixar** o mingau nas tigelinhas.

b) **Cachinhos de Ouro comeu o mingau.**

A oração tem três partes: **Cachinhos de Ouro** que é a menina que faz a ação de **comer**; **comeu** é o verbo, a parte principal; **o mingau** que é a coisa comida.

Apresentar novas formas da ação de **dormir**: eu **como** o mingau; eu **comi...**; **Cachinhos de Ouro come...**; os três ursinhos **comem...**. Todos os exemplos contam a ação de **comer**.

c) **Cachinhos de Ouro dormiu na cama do ursinho.**

Três partes: **Cachinhos de Ouro** é a menina que praticou a ação de **dormir**; **dormiu** é o verbo; **na cama do ursinho** é o lugar onde Cachinhos de Ouro dormiu.

Apresentar novas formas da ação de **dormir**: eu **durmo**, os ursinhos **dormem**; os ursinhos **dormiram**; Cachinhos de Ouro **dormia**, quando os ursinhos chegaram.

Concluir que os verbos têm nome, que **deixar**, **comer** e **dormir** são os nomes.

Para exercício, procurar saber os nomes dos verbos:

- 1) do vocabulário da criança;
- 2) encontrados nas lições de leitura;
- 3) empregados pelas crianças nas composições;
- 4) que indicam as vozes dos animais conhecidos;

5) que indicam as ações praticadas pelos alunos em casa, na escola, na rua;

- 6) que as gravuras representam...

Fazer a criança notar as terminações do infinitivo: **ar**, **er**, **ir**, **or**, sem, contudo, usar o termo conjugação.

No momento em que o aluno facilmente dá o nome do verbo, ensinar que à forma do nome do verbo chamamos de infinito.

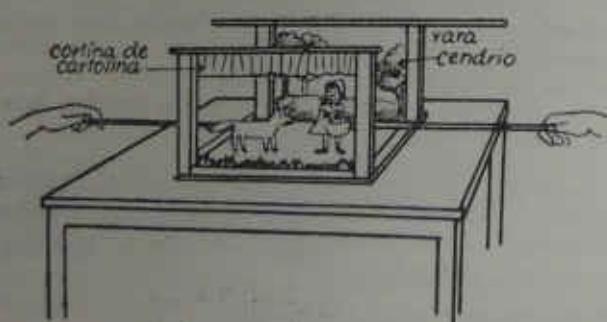
Dai em diante usar os termos: verbo e infinito.

**NOTA:** No ensino da gramática funcional, professor deve ter em vista o objetivo do momento mas deverá proporcionar ocasiões para rever as dificuldades já dominadas, bem como associar ao máximo o estudo da gramática com todas as outras matérias do programa, fazendo do ensino diário uma unidade de trabalho.

Bibliografia para as histórias: **O mundo da criança** — 3.º volume.

(Conclusão da pág. 26)

Os diferentes personagens da história serão recortados em cartolina e coloridos a lápis de cor ou pintados, sendo presos, então, a pedaços de vara. Estes serão movimentados lateralmente pela professora, auxiliada pelas crianças e, depois de algum treino, só pelas crianças.



As varas onde são fixados os personagens ficam apoiadas no fundo da cadeira, depois de usadas.

Exemplo: O carneirinho entra em cena pulando:

— "Como está lindo o dia de hoje, etc.

A professora movimenta a vara em cuja ponta está o carneirinho. Pelo outro lado, movimentado por uma criança, entra o bezerinho. Os dois se encon-



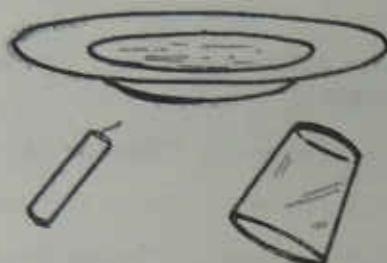
tram, conversam e o bezerinho sai da cena; a vara é apoiada no chão do palco. A criança aponta outra vara onde está preso o passarinho. Conversa com o carneirinho e aponta depois no chão — assim até terminar a história.

# OBSERVAÇÕES EXPERIÊNCIAS

## COMBUSTÃO

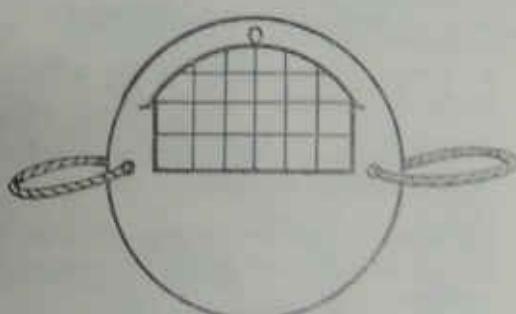
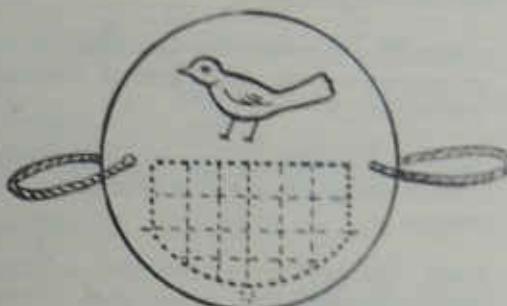
Classe: 1.º Ano

MATERIAL: Um prato com um pouco d'água. Um copo e um pedaço de vela.



EXECUÇÃO: Acende-se uma vela, presa em corteça, como mostra a gravura, sobre a vela coloque-se um copo. O ar que se vai dar à queima está isolado do exterior e a chama se alonga e em seguida se extingue, ao mesmo tempo que uma certa quantidade de água sobe no copo.

Com isto provamos que o gás absorvido é o oxigênio e que este é um elemento indispensável à combustão.



## ILUSÃO DE ÓTICA

Classe: 1.º Ano

MATERIAL: Papel cartão, cordão.

EXECUÇÃO: Desenhe-se em papel cartão, numa das faces, um pássaro e na outra, uma gaiola. As extremidades devem ser presas a um cordão, para facilitar o movimento de rotação.

Quando a velocidade for grande tem-se a impressão de que o pássaro entrou na gaiola. (Neste princípio está baseado o cinema): "Quando duas imagens se superpõem rapidamente tem-se a impressão de continuidade".

Esta observação pode ser feita quando o professor falar sobre os animais e o quanto necessitam dos homens e da sua proteção.



# EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA



## DA JARDINEIRA PARA A JARDINEIRA

Lembre-se que...

- ... a dança desenvolve e fortalece os músculos encarregados da sustenção e locomoção do corpo.
- ... deve proporcionar à criança oportunidade para a livre expansão e harmonia dos movimentos.
- ... estes movimentos devem ser solicitados da criança através de motivações alegres, graciosas e artísticas.
- ... é desaconselhado exigir-se uma técnica formal na realização dos movimentos.
- ... a dança deve realizar-se de acordo com a idade da criança.
- ... a dança deve estar sempre correlacionada com as outras matérias.
- ... a história e a dramatização são ótimos meios para que a criança realize os movimentos desejados.
- ... o ritmo é importante na educação, através da dança.

... você deve conhecer bastante a música poder harmonizar movimentos e comp

Livros para biblioteca de uma Jardineira (Educação Pré-Primária):

- Jardim de Infância — Teobaldo Miranda
- Jardins de Infantes — Elvira Gomboc
- El Jardín de Infantes — Clotilde Rezzano
- Orientação do Trabalho no Jardim de Infância — Carmen Guimarães Gill
- Vida e Educação no Jardim de Infância — Drama do D. F.
- Psicologia do Desenho Infantil — Silvio Ribeiro
- Jogos motores para crianças de 4 a 6 anos — Nicanor Miranda
- Como educar as crianças — Aristides Ricardo
- Cartas a uma Madre — Wilhelm Stekel

### Para o Papai

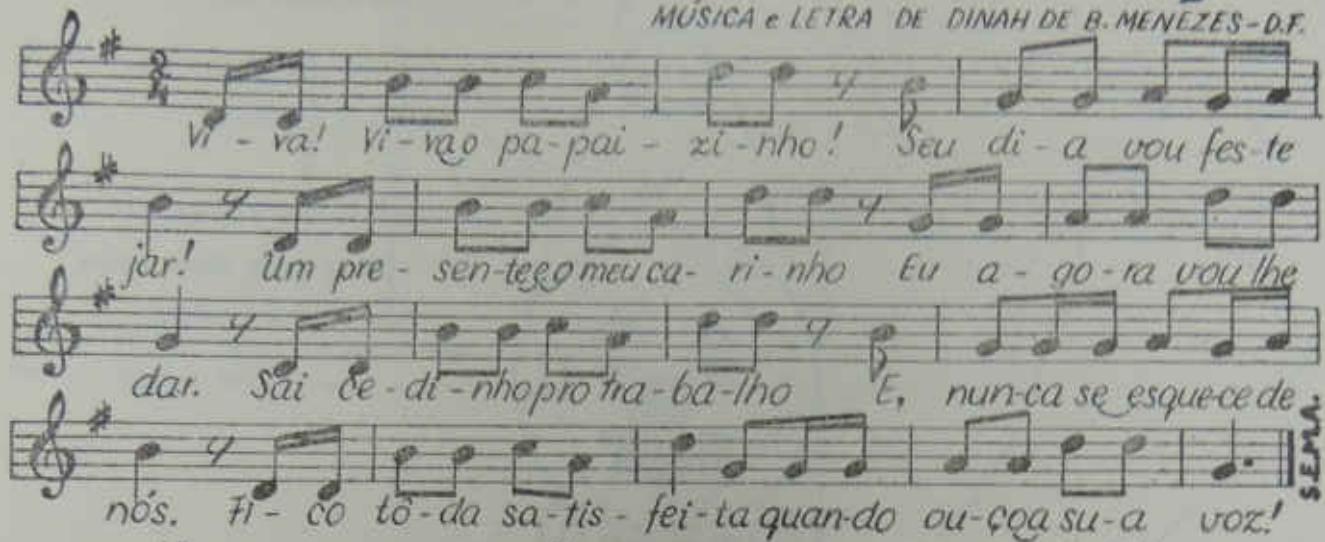
MÚSICA e LETRA: RAFAELA R. FURTADO  
Prof. do J. de Infância de Instalação

The musical score consists of two staves of music. The top staff is in common time (indicated by '8') and features lyrics in Portuguese: "Vá-mos alegres cantar! Iá, iá Tôr o Pa-pai feste-jar Iá, iá". The bottom staff continues the lyrics: "E nosso cora-cão-zinho-Lá, iá" and "Ao nosso Pa-l vamo-dar.". The score includes dynamic markings such as 'D.C.' and 'em Nan, nan e onde estão os id, iá bater 2 palmas'.

# Viva o papaizinho!

*Eduarda*

MÚSICA e LETRA DE DINAH DE B. MENEZES - D.F.



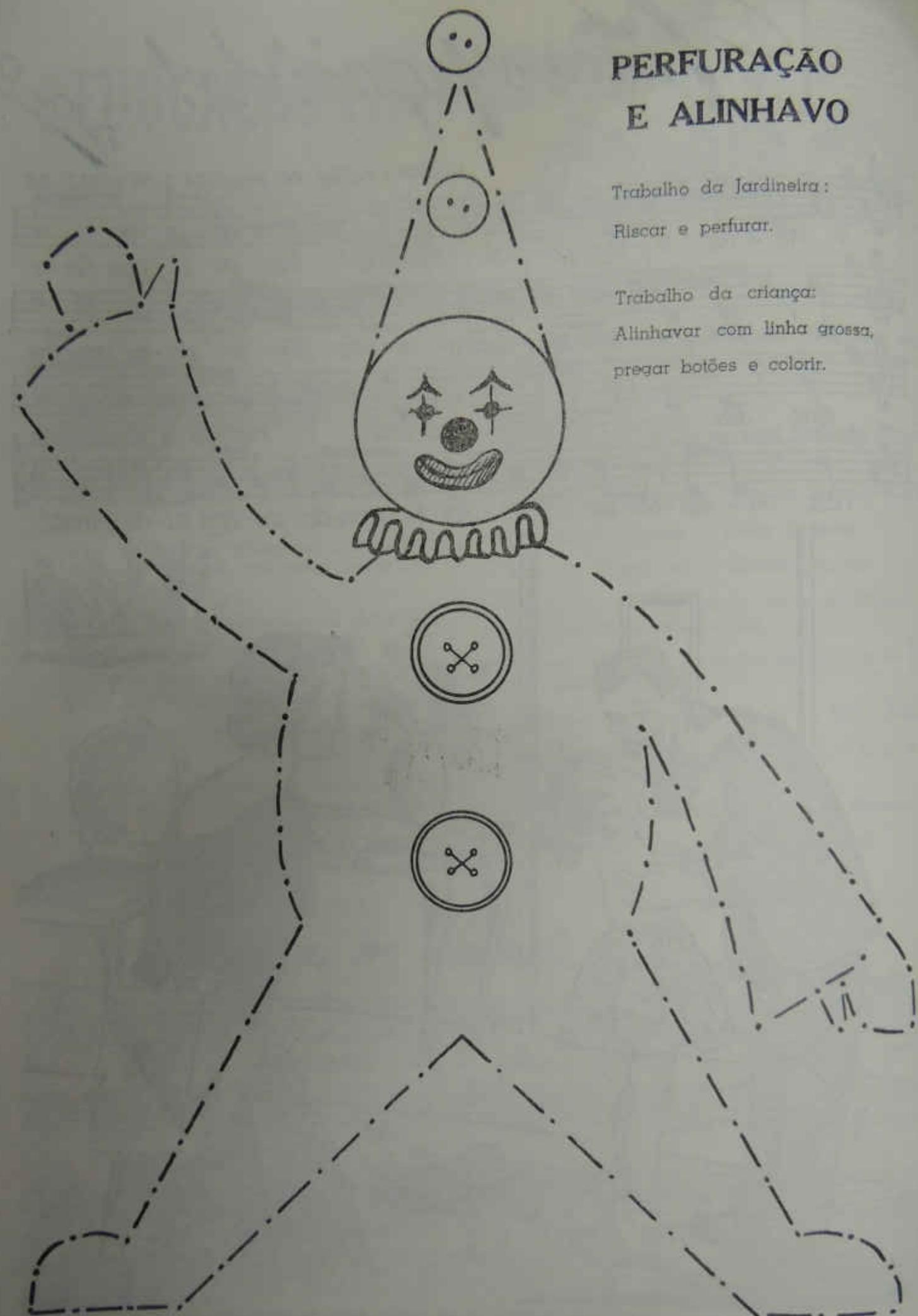
## PERFURAÇÃO E ALINHAÇO

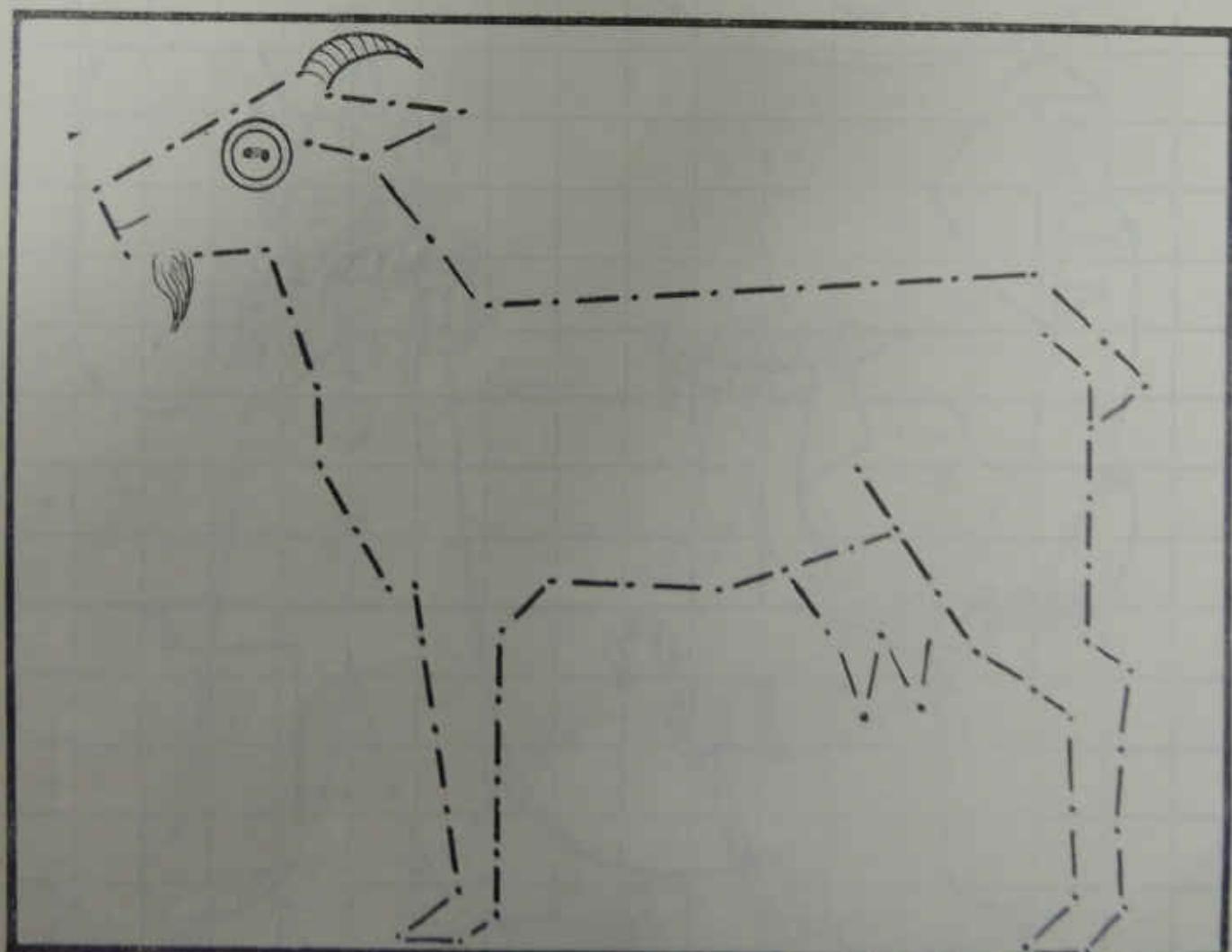
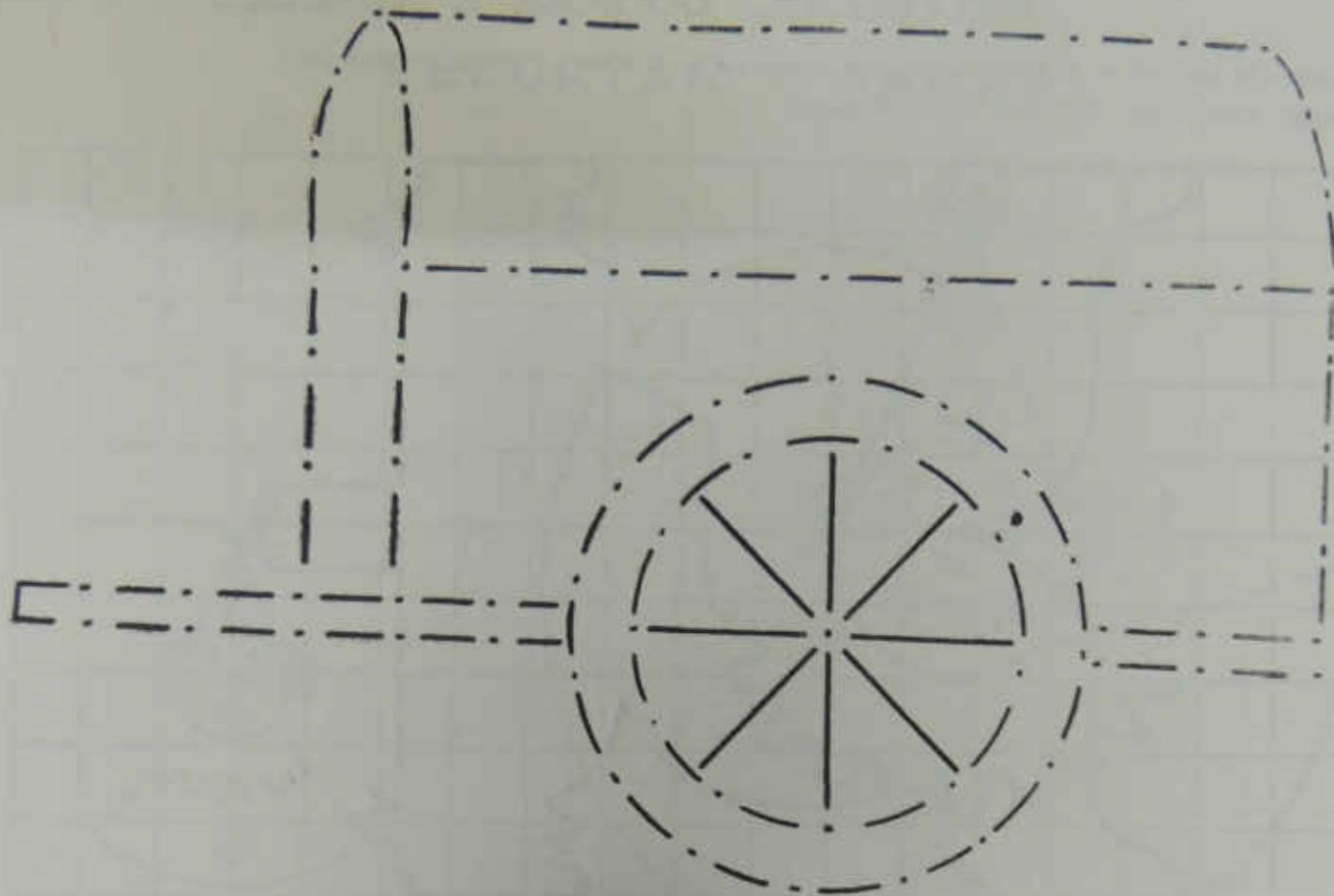
Trabalho da Jardineira:

Riscar e perfurar.

Trabalho da criança:

Alinhar com linha grossa,  
pregar botões e colorir.

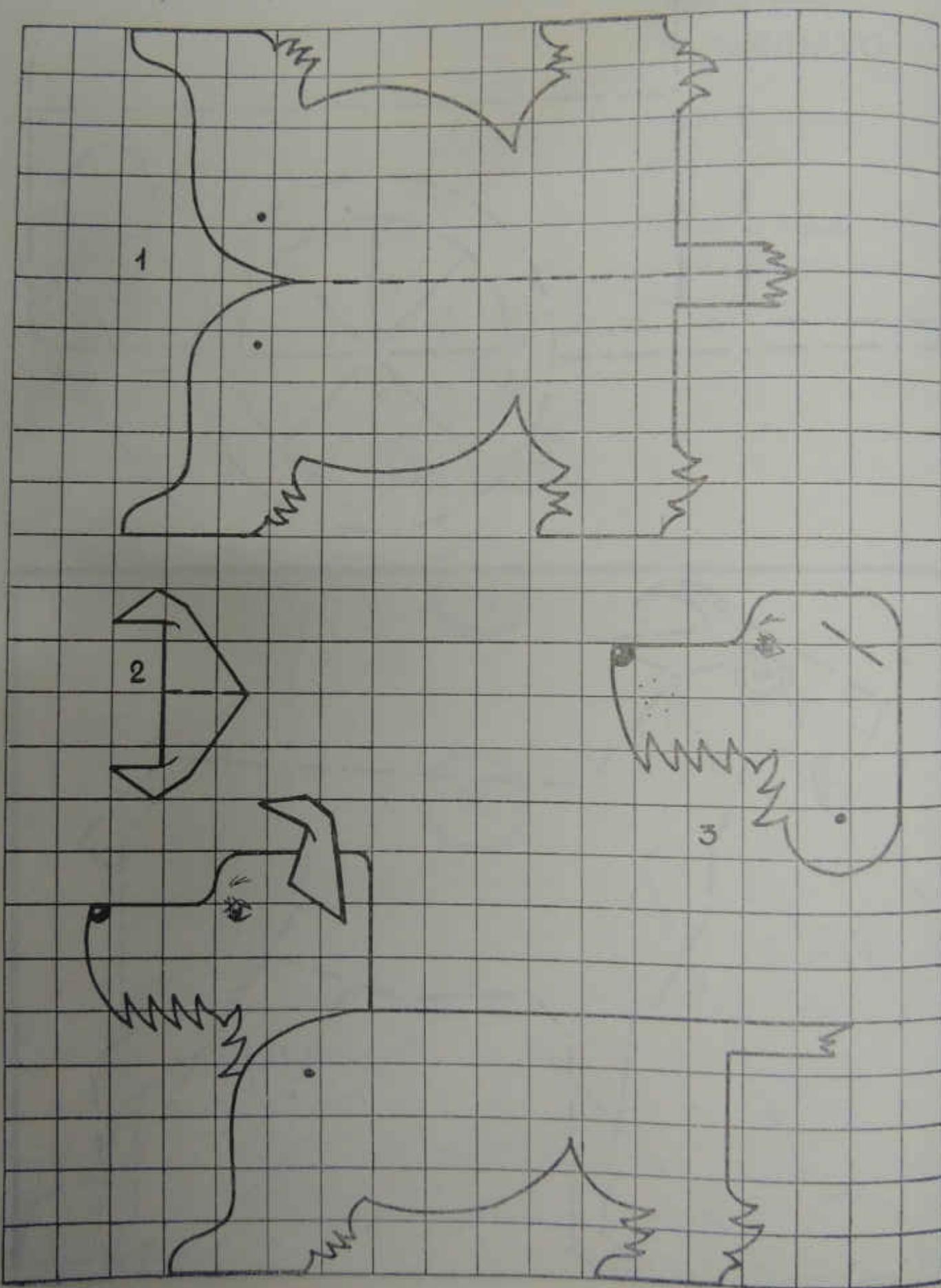




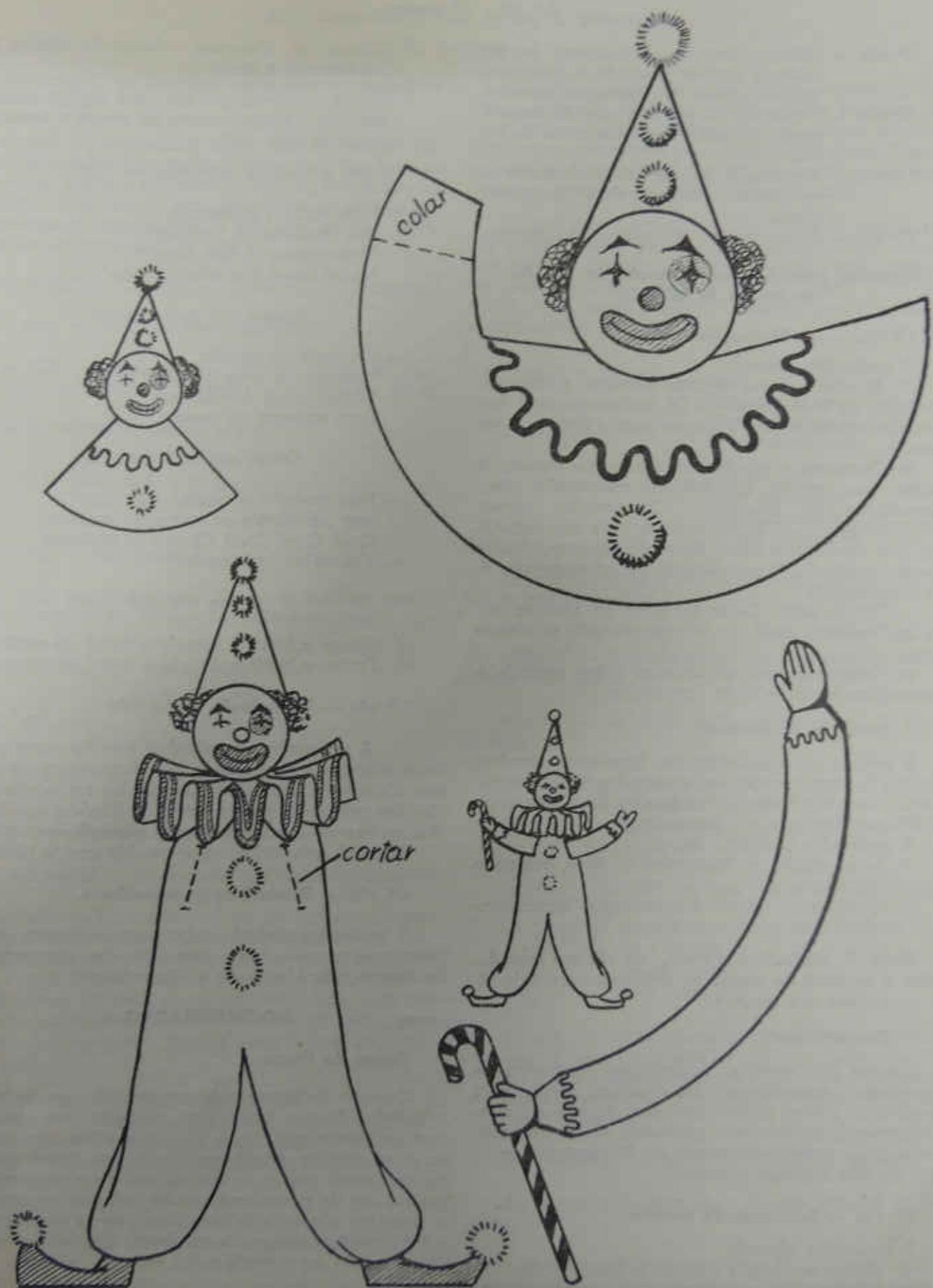
## RECORTAR, DOBRAR E ARMAR

Trabalho da Jardineira: Dobrar a cartolina, conforme o modelo. — Riscar o rãozinho.

Trabalho da criança: Recortar, armar e colorir.



## RECORTAR E ARMAR



## A História no Jardim de Infância

1.º, 2.º e 3.º período

- 1.ª vez — História contada pelo professor, em linguagem simples, adaptada à compreensão dos alunos dos diferentes períodos.
- 2.ª vez — Repetição da história; uso do flanelógrafo, do teatro de sombras ou de varas.
- 3.ª vez — Reprodução da história isoladamente ou em grupo. Aprendizagem de quadrinhos.
- 4.ª vez — Dramatização espontânea da história.

### Sugestões para o aproveitamento da história no Jardim de Infância

#### 1.ª vez — 1. Motivação:

A professora poderá:

- a) Mostrar a capa do livro (*Mimoso, o Carneirinho Preto*, de Walt Disney — Ed. Melhoramentos) despertando o interesse das crianças para a história a ser contada.
- b) Despertar o interesse das crianças depois de contar uma canção que fale em carneirinho (ex.: "Carneirinho de Algodão", "Carneirinho, carneirão"... ) e dizer: — "Eu sei a história de um carneirinho. Um carneirinho preto, chamado Mimoso. Vocês querem ouvi-la? Provavelmente as crianças vão ficar interessadas.
- c) "Muito bem. Então na hora da história, vocês me lembram, sim?... As crianças não se esquecerão.
- d) Conversar com as crianças sobre animais e interessá-las na história do carneirinho.

#### 2. Narração da história:

A história será contada em linguagem simples, adaptada à compreensão dos alunos dos diferentes períodos. De preferência, a professora fará sobressair os diálogos, facilitando a dramatização.

A professora poderá:

- a) Ir mostrando as ilustrações do livro, enquanto conta a história;
- b) Valer-se da própria interpretação, dramatizando a história, sem mostrar as figuras.

**Nota:** A professora deverá, de vez em quando, variar a maneira de contar as histórias, mantendo vivo o interesse das crianças.

#### 3. Comentários:

Sempre que possível, é preferível aproveitar os comentários espontâneos das crianças, porém, nem sempre isso ocorre, razão pela qual deverá a professora preparar previamente perguntas fáceis que concorram para o desenvolvimento da linguagem e aquisição de novos conhecimentos.

#### 2.ª vez — Repetição da história.

A professora poderá:

- a) Contar a história usando o flanelógrafo. Organizar pequenas brincadeiras com as crianças como:

- Colocar os diferentes animais da história no flanelógrafo e pedir:
- Mostre o animal que faz: mu! mu!; o animal que tem o corpo coberto de penas e canta; o que põe ovos, etc.
- Fazer pequenas adivinhações: ex.:
- Entre toda a bicharada,  
Sou chamado o "comilão",  
Minha carne é boa assada,  
Minha casa é o próprio chão.

Quem sou eu? (porco)

- Cacarejo no terreiro,  
Venham os ovos procurar!  
Minha carne é saborosa  
Para ensopar ou assar.

Quem sou eu? (galinha)

- Meu andar é esquisito,  
com pés chatos ou geitos de assustar.  
Qual Qual Qual Chamo os filhinhos  
— Vamos ao lago nadar?

Quem sou eu? (pato)

- b) Contar a história usando o teatro de sombras;
- c) Contar a história usando o teatro de varas.

#### 3.ª vez — Reprodução da história

A professora recordará a história incentivando as crianças a reproduzi-la isoladamente ou em grupos. Outrossim, procurará interessá-las na representação dos principais personagens da história, no desenho, no recorte e na modelagem espontâneas.

Ensinará quadrinhos relacionados com a história.

#### 4.ª vez — Dramatização espontânea.

A professora poderá confeccionar máscaras ou as próprias crianças o farão, das diferentes personagens do livro e utilizá-las para a dramatização.

## DOCUMENTAÇÃO

### Teatro de Varas

O teatro de varas pode ser armado com material adaptado. Para o palco será utilizada uma cadeira com as pernas para cima, colocada sobre uma mesa ou outra cadeira. Nas pernas anteriores, ficará apoiada uma vara com a cortina colada. Esta cortina não precisa ser de pano; pedaços de cartolina recortados e coloridos são satisfatórios. Nas pernas posteriores, colado também a uma vara, ficará apoiado o cenário que pode ser pintado pelas próprias crianças.

(Conclui na pág. 18)

# NO QUINTAL DA CASA DE LENITA

MARIA EMILIA BRANCO DA COSTA  
Inspetora Escolar no Pará.

Aula dramatizada para Jardim de Infância  
(3.º período)

Formação: As crianças reunidas, a professora fala com elas:

A prof. — Vamos brincar de "faz de contas". Estamos no quintal da casa de Lenita, uma boa menina que ajuda muito a mamãe. No quintal há muitos bicharocos: um bonito galão que desde a madrugada está cantando anuncianto o dia. (Um menino corre, sobe em um banquinho e faz):

O GALO — Cocoricô — Cocoticô — Cocoricôoo!

A prof. — O Sol já vem raiando!

O SOL — (Aproxima-se, fica em frente ao quadro negro e desenha no mesmo o Sol com os raios).

As crianças (saudando o Sol)

Que lindo é o sol  
Que lindo é o dia  
Bonita é a vida  
Com alegria!

(A prof. fará a adaptação da música)

A prof. — Muito bem. Agora, a galinha com a sua ninhada sai do ninho e os pintinhos piando, conversam

1.º Pintinho — Pio — pio — pio...  
Estou com frio!

2.º Pintinho — Pio — pio — pio...  
Tenho arrepiol!

3.º Pintinho — Eu tenho fome...  
Não tenho frio.

Todos os 5 pintinhos — Pio — pio — pio — pio!

A GALINHA — (chamando-os) Co-ro-co có-có-cocó!

A prof. — E a galinha leva os filhinhos a passar num lugar onde há muitos bichinhos...

(a galinha e os pintinhos ficam em um canto da sala ou do palco). A prof. continua: A mamãe de Lenita possui também, no quintal uma pata com seis patinhos muito alegres e que querem, sómente, estar dentro dos tanques. Vamos ouvir o que diz a mamãe pata:

A PATA — Eu tenho uns filhinhos  
Muito engraçados.  
Que vivem o dia todo  
Nadando nos lagos.

São muito graciosos  
E bem levadinhos  
Dois branquinhos, dois pretos  
e dois amarelinhos!  
(mostrando nos dedos)

A prof. — Como são bonitinhos os patinhos de Lenita, pois não são? (os patinhos estão sentados no chão, em posição de nadar). A pata chama os seus filhinhos que resolvem sair d'água (levantam). Batem as asinhas (movimento) e correm para junto da mamãe. (as crianças rodeiam a mamãe pata).

A prof. (continuando) — São horas de Lenita jogar o milho para as aves do quintal. Lenita, uma boa menina, procura ajudar a mamãe nos serviços da casa. Ela que aparece com a vasilha cheia de milho. Vem muito contente cantando uma canção e os bicharocos rodelam-na

LENITA (cantando) — Estão com fome  
Estes bichinhos  
Trouxe-lhes milho  
Bem amarelinho!  
  
Esperem aí  
Bem quietinhos  
Não briguem muito  
Sejam bonzinhos!

A prof. — O galão está discutindo com o peru e Lenita vai separá-los.

LENITA — Não discutam, não discutam, o milho chega para todos!

A prof. — O peru muito tufado, conta as suas prosas:

PERU — Eu sou o Peru  
Muito tufado  
De papo cheio  
Sou desejado!

A prof. — O galão por sua vez adianta-se

O GALO — Cocoricô!  
Seu malcriado,  
Neste quintal  
Sou respeitado!

A prof. — Neste momento aparece a cozinheira que vem buscar uma galinha para o almoço de domingo. As galinhas adivinham e procuram esconder-se amedrontadas. (É a ocasião da brincadeira da "Galinha Assada").

A Cozinheira — Quero comer galinha assada.

As galinhas — Não há de comer, não há de comer!

A prof. — A cozinheira, depois de algum tempo da brincadeira, consegue pegar uma e diz:

A COZINHEIRA — Esta está boa, bem gordinha.

A prof. — A galinha protesta gritando.

A GALINHA — All All All

Não quero ir  
Pra sua panela  
Deixe-me aqui  
Dona Arabelal

A COZINHEIRA — Vamos, deixa de prosa. (Chagou a tua vés!

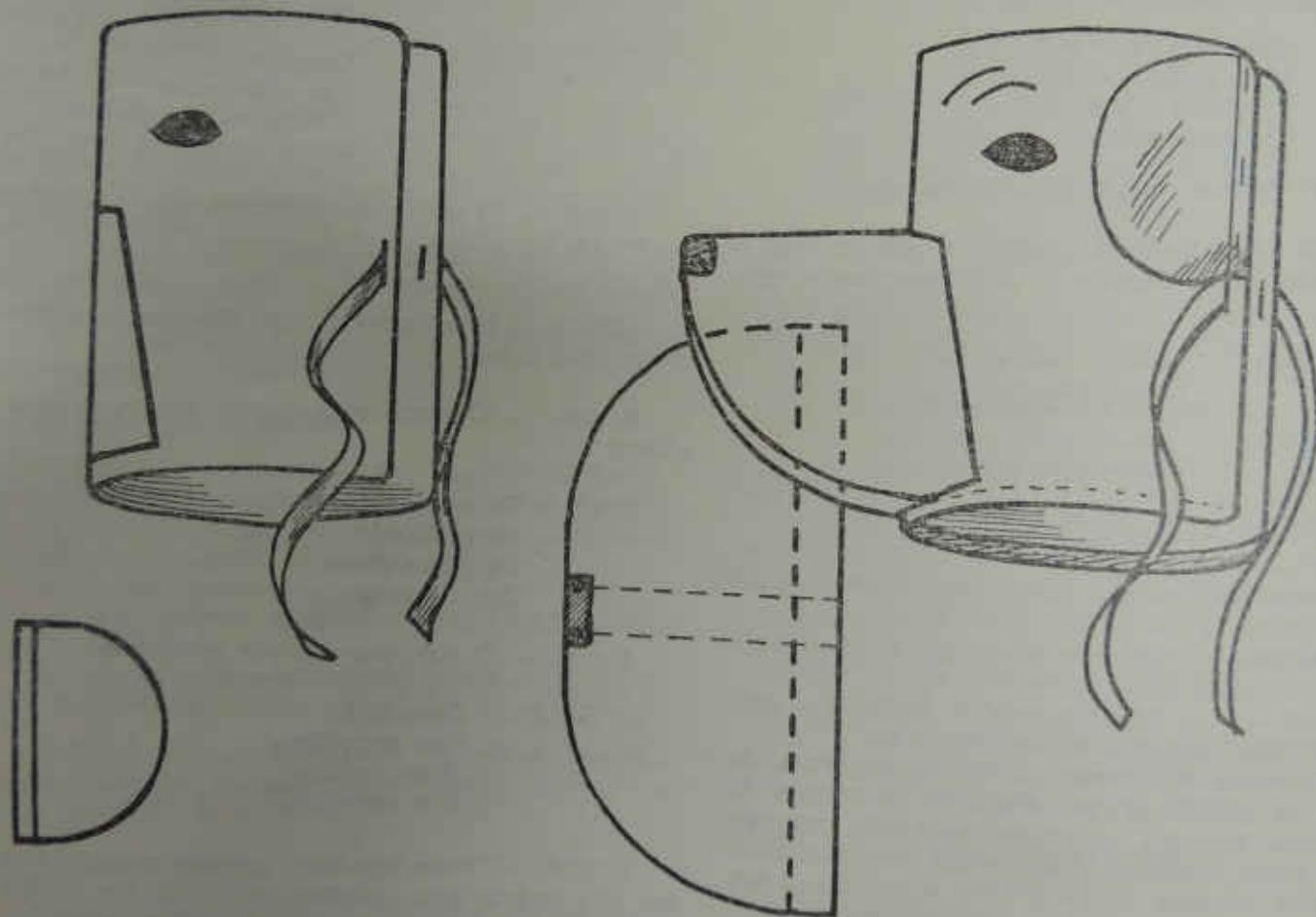
A prof. — E' inverno e a Dona Chuva aparece molhando tudo. (Uma criança vai ao quadro-negro e

faz os traços imitando a chuvinha: verticais e inclinados nos dois sentidos assim ||| // ) Lenita corre para casa e os bichinhos se escondem. (Ficam escondidinhos, abaixados).

A prof. continuando: O Sol voltou novamente, aparecer espalhando os seus raios vivificadores, os bicharocos ficam contentes e cantam todos, numa grande roda, a canção do Sol:

TODOS — Que belo é o Sol  
Que lindo é o dia!  
Bonita é a vida  
Com alegria! (3 vezes)

Máscara de um cãozinho.



A Secretaria da REVISTA DO ENSINO encarece a seus assinantes a necessidade de que os valores destinados ao pagamento de assinaturas venham anexados à carta de inscrição ou renovação. Essa medida abrevia o trabalho de expedição.

# Como funciona o Setor Cinema Escolar da Secretaria Geral de Educação e Cultura do D. Federal

Prof. JUDITH ANDRADE CORRÊA  
(Coordenadora)

O cinema é uma escola viva. —

Usado mundialmente como o mais moderno auxiliar do professor, possui todos os elementos indispensáveis ao aprendizado racional, fixando fatos e acontecimentos, regras e diretrizes, idéias e conclusões que a leitura ou a palavra por si só não o conseguiram com a mesma facilidade.

Já HORACIO (anos 180—182, "ARTE POÉTICA") dizia em sua célebre frase: "Segnius irritant animus bmissa per aures, quam quae sunt oculis subiecta fidelibus, et que ipse sibi tradit spectator" — "E é certo que o que vem pelos ouvidos mais frousamente osâmos comove, que o que vem pelos olhos, testemunhas sempre fíéis, que fazem com que o povo julgue e aprenda por si". Trad. de Cândido Luzitano — Lisboa 1781, pg. 81.

O Setor Cinema Escolar, subordinado ao Serviço de Divulgação da Secretaria Geral de Educação e Cultura (Prefeitura do Distrito Federal) está instalado presentemente no 11.º andar da Avenida Erasmo Braga n.º 118. Mantém uma Filmotécnica (películas mudas e sonoras) destinada a todos os educandários públicos do Distrito Federal. Fazer um histórico do Cinema Educativo no Brasil e, consequentemente, no Distrito Federal constituiria um tema longo e, de certa forma, nos afastaria do objetivo em questão. Limitar-me-ei, apenas, a prestar as informações que me parecem mais interessantes sobre a orientação e organização atuais.

O Setor Cinema Escolar não edita seus filmes. Possui uma coleção de filmes educativos e recreativos de procedências diversas (nacionais e estrangeiras) que são submetidos à rigorosa censura na oportunidade de sua aquisição.

Sob o ponto de vista técnico-pedagógico é observada a seguinte orientação:

O bom filme educativo deve ser:

- a) — nítido;
- b) — claro, sem dubiedades para interpretação dos alunos;
- c) — lógico no encadeamento de suas sequências;
- d) — movimentado, porque, no dinamismo existe a primeira justificativa do cinema;
- e) — interessante no seu conjunto, estético nas suas minúcias para atrair em vez de aborrecer.

Formatos adotados: — O Setor Cinema Escolar adota oficialmente a largura de 16 m/m. O filme de 16 m/m, quer o mudo, quer o sonoro, está mundialmente adotado e, em relação aos de medida reduzida muitas são as vantagens que oferece:

- a) — é usado no mundo inteiro;
- b) — oferece características econômicas e técnicas;

- c) — a maioria das filmotecas existentes é de 16 m/m;
- d) — o filme de 16 m/m sonoro é superior aos demais tipos de filme reduzido;
- e) — o cromo filme, embora mais caro, facilita o seu emprego no cinema escolar;

A questão das legendas: —

O filme educativo não deve possuir legendas. Todo o filme deve ser falado ou na própria película (é o caso do filme sonoro propriamente dito), ou em disco (processo vita-fone), ou ainda falado, mas pelo professor (neste caso, acompanhado do respectivo roteiro estudado pelo mestre e então projetado acompanhado da projeção).

O setor aconselha este tipo de projeção da seguinte maneira:

- 1.º — O filme é passado pelo professor para seu exame pessoal e análise do material contido na película;
  - 2.º — O professor deve tomar conhecimento do roteiro que acompanha o filme ampliando, reduzindo, resumindo ou modificando de acordo com o grau de instrução da classe;
  - 3.º — a exibição perante a classe, do filme silencioso desprovido de legendas, exige a explicação oral do mestre à vista das cenas.
- O prof. Roquette Pinto afirmava que, "o verdadeiro cinema educativo moderno não é mais um momento de descanso para o professor: deve ser antes um ônus acrescido aos deveres do mestre".

Esta orientação afasta-se de tudo o que se tem feito em matéria de cinema educativo no Brasil inclusive na Prefeitura do Distrito Federal. A velocidade de leitura varia enormemente de criança para criança e, basta isso para diminuir grandemente o pequeno valor das legendas. Nem seria, nunca, possível substituir a explicação viva do mestre pelos leitores dos filmes carregados, às vezes, de legendas e, por isso mesmo, massantes.

Terminada a exibição, no mesmo dia ou em ocasião diferente, o professor exige que cada aluno reproduza em resumo uma composição escrita a respeito do que vitram na película. Essas composições são analisadas pelo educador que aponta:

- a) — o que se viu de menos;
- b) — o que se viu de mais;
- c) — o que se viu errado;
- d) — o que não se viu.

O filme é, então, passado novamente e o assunto comentado entre os alunos de maneira mais eficiente. A repetição da projeção é, pois, tanto mais proveitosa quanto mais completo for o assunto a ser abordado, o qual se irá tornando mais interessante à proporção que for mais bem compreendido.

Além de todos êsses benefícios é o filme sem legendas técnicamente mais perfeito porque a sua continuidade não é alterada e, economicamente, mais barato porque fica menor. O mesmo filme serviria ainda para qualquer curso de acordo com a explanação do texto respectivo.

#### Roteiros e comentários: —

Na distribuição dos filmes mudos e, mesmo sonoros, o roteiro e o comentário os acompanham em todas as exibições. O roteiro, nada mais é do que a enumeração das várias cenas da película com todos os detalhes e particularidades cênicas. O comentário é a explanação completa do assunto e a sua confecção é entregue a professores ou autoridades educacionais especializadas. Os roteiros constituem poderoso complemento do filme a ser projetado e contêm elementos indispensáveis ao estudo completo da película.

#### O cinema sonoro: —

"Desprezar o som no cinema educativo moderno é privar-se de 50% das possibilidades educativas e culturais do filme", dizia o Prof. Roquette Pinto. O cinema sonoro, seja associando o filme ao fonógrafo ou registrando o som na própria película, veio completar o espetáculo cinematográfico. O cinema só foi silencioso enquanto não pôde ser sonoro. Muitas são as razões para se ter chegado a tal conclusão. Basta exibir um mesmo filme (sobre uma solenidade cívica por ex.) com som e sem ele (coros infantis, discursos, música, etc) para que se verifique imediatamente a supremacia do primeiro. Além disso o filme ficará sempre unido a seu texto, podendo ser passado em qualquer projetor sonoro. Os projetores sonoros permitem facilmente a passagem da película silenciosa sem prejuízo do material e permitindo ao professor usar a sua própria linguagem.

Outra razão importante é que o mesmo professor poderá levar por toda a parte a sua aula onde quer que seja projetado o filme.

O cinema sonoro deve ser sempre empregado, principalmente nos filmes documentários onde reportagens históricas, conferências, solenidades cívicas, poderão ter cunho real com músicas, cantos, etc.

#### Assistência aos professores: —

O Setor aconselha, instrui e fornece aos professores meios de aplicação perfeita do cinema educativo. Diariamente é o Cinema Escolar visitado por professores de todos os níveis de ensino onde obtêm as informações indispensáveis à aplicação do filme educativo. Em sua maior parte por designação superior ou ainda por iniciativa própria, solicitam freqüência no "Curso de Cinematografia Escolar", onde se habilitam no manejamento de projetores, sem o que não poderão gozar das vantagens de empréstimo das

películas cinematográficas. Tendo em vista o elevado custo desse material, a maioria de procedência estrangeira, exige o Setor que só professores possam usufruir de seus benefícios, principalmente no que diz respeito ao manejamento de máquinas projetoras.

#### Circulação de filmes: —

Além do fornecimento de filmes às escolas, facilita o Setor a exibição em Institutos Culturais de toda a natureza, ilustrando palestras e conferências sobre os mais variados assuntos. Facilita, também, a criação de filmotecas escolares.

As escolas do Distrito Federal que usam os filmes do Setor Cinema Escolar são previamente registradas no serviço de distribuição e, de acordo com o programa ministrado, é o filme escolhido pelo catálogo especialmente confeccionado para esse fim. Os professores assinam, para essas retiradas, um termo de responsabilidade pelo material emprestado e respectiva conservação.

#### Aparelhos adotados: —

O Setor possui alguns equipamentos cinematográficos sonoros marca BELL AND HOWELL e VICTOR ANIMATOFONE, destinados a projeções nas escolas que ainda não possuem seus projetores. Esses aparelhos, pelo grande movimento a que são submetidos durante o período letivo, são periodicamente vistoriados por técnico especializado, a fim de darem o máximo de produção.

No caso das escolas já equipadas, só os professores credenciados pelo Setor e com designação especial de seu chefe imediato, ficam encarregados desse mister, responsáveis que são pelo material pertencente ao seu Serviço e pelos filmes que solicitam por empréstimo. É essa designação que os obriga à freqüência ao Curso onde, através de programa elaborado, obtém as necessárias instruções para o desempenho de sua missão. Portadores de um título meritório, ficam esses funcionários habilitados a usufruir incondicionalmente dos benefícios do Setor.

#### Freqüência Escolar: —

A freqüência escolar obtida anualmente nas sessões cinematográficas vai a 160.000 crianças nas escolas de nível primário. Além dessa espécie de espectadores, estende o Setor a sua colaboração a todos os colégios de nível secundário e superior.

Grandes têm sido as dificuldades porque tem passado o Serviço para se desobrigar de suas obrigações:

a) — Organização da Filmoteca: — pouco ou nada se faz no Brasil no sentido de se editar filmes educativos que atendam aos programas de ensino. Tratando-se de material de difícil aquisição (filmes virgem e máquinas importados), não desperta maior interesse a sua confecção. Por esse motivo é a Filmoteca Escolar quase em sua totalidade constituída de películas estrangeiras com texto sonoro em língua portuguesa.

b) — Dificuldades econômicas não permitem ainda que o Setor alcance o desenvolvimento dese-



Sessão de cinema na 4.<sup>a</sup> Série Primária, da Escola Barão do Itacuruçá — Rio — D. F.

jado que lentamente procura atingir. O Cinema Escolar deverá, como órgão central, quando plenamente aparelhado, atender aos elevados objetivos da moderna educação audio-visiva. De três ou quatro anos a esta parte, teve possibilidade de compra do que existe em filmes sonoros.

c) — Quando solucionado o problema de transporte destinado à condução do material para atender as escolas ou quaisquer educandários não equipados (principalmente os mais distanciados do centro urbano) e, também a toda a sorte de exibições, mesmo as que possam ser realizadas em praças ou locais públicos, em campanhas de toda a espécie, terá o Setor alcançado um dos ideais por que tanto vem lutando.

Apesar das inúmeras dificuldades, comeca o Setor Cinema Escolar a colher os frutos de seu trabalho através da campanha pela introdução do cinema sonoro na escola pública do Distrito Federal. Com a contribuição intensa de alunos e professores dedicados, devidamente dirigidos e auxiliados pelo Setor, já contam muitas escolas com seus equipamentos próprios. Esses equipamentos, patrimônios das crianças, são em sua maioria da marca Bell and Howell. É projeto do Serviço continuar, em futuro muito próximo, a prestar assistência técnica a desses projetores, interrompida por motivos independentes de sua vontade.

Esta é uma das razões porque o Setor Cinema Escolar deseja padronizar todo o material de projeção o que facilitará a montagem de uma pequena oficina que atenderá a todas as vistorias ou restaurações que se tornem necessárias.

O Setor continuará, dentro das possibilidades existentes, a aumentar a sua coleção de filmes de modo a poder atender a todos os níveis de ensino (primário, secundário, profissional e superior). Solicitará, para tanto, atenção e colaboração das autoridades competentes.

Nunca será demais pedir, em matéria de educação visual, que :

- a) cada professora possua a sua coleção de dez filmes;
- b) que cada escola ou colégio disponha de um ou mais projetores fixos ou animados, silenciosos ou sonoros, de 16m/m;
- c) que, à vista do elevado custo dos aparelhos projetores, disponha também, o Setor Cinema Escolar — Serviço de Divulgação — de máquinas portáteis e pessoal necessário para exibições periódicas nos diferentes distritos escolares.

# TEATRO E EDUCAÇÃO

MAGNOLIA MOURA AMORIM

Prof. do Inst. de Educ. "Otoniel Mota" — São Paulo.

"A tendência de teatralizar é inata na criança" (Olga Obry). Seus folquedos, suas brincadeiras não passam de meras representações. Ora é a mãe que acalenta o filho, ora o mocinho que persegue o bandido, ou a professora energica que tira proveito de sua situação privilegiada. As bonecas que falam, o "faz de conta", os seres inanimados que confabulam não passam, de atores improvisados nos brinquedos infantis.

Indo ao encontro desta tendência, ao interesse manifestado pela criança desde os seus primeiros anos de vida, a Pedagogia moderna procura incluir o teatro de bonecos entre as diversas atividades escolares, reputando-o um poderoso instrumento auxiliar da educação. Chega mesmo a ser considerado por alguns educadores "uma valiosa conquista da Escola Nova".

Tanto o teatro direto (atores aparecem em público) como o teatro indireto (marionetes, fantoches, sombras e máscaras) são de valor inestimável na escola. Além de proporcionar aos escolares horas felizes de alegria e encantamento, substituem o cinema e a má literatura. Assistindo as peças ou representando-as, a criança amplia seus conhecimentos, adquire informações úteis, imbuindo-se de bons princípios morais.

Todavia, vai longe a importância do teatro. Além do valor recreativo forjoso é reconhecer seu valor artístico, cultural, psicológico, pedagógico, social e terapêutico.

A execução de um teatro de bonecos é passatempo ideal para a criança e recurso excelente para o cultivo de habilidades manuais. Modelando ou esculpindo bonecos, integrar-se das proporções e formas do corpo humano e animal e adquirem conhecimentos de modelagem e esculturais. A confecção de máscaras, de figuras para teatro de sombras, de cenários e programas implicam na aquisição de novas técnicas manuais (cartonagem, recorte), pintura, desenho e decoração. As cortinas e o guarda-roupa dos diversos personagens dão ensejo a lições de corte e costura, tão do agrado das mesmas. Somem-se a isto as noções elementares de carpintaria e eletricidade, as pesquisas e investigações que serão imprescindíveis para execução de cenários (época e lugar em se passou o fato), vestuário adequado e teremos elementos suficientes para justificar a introdução do teatro na escola.

**Valor psicológico** — O teatro de bonecos satisfaz à natural atividade da criança: a necessidade de ação, movimento, pesquisa, trabalho. Desenvolve a imaginação, a iniciativa e, o que é importantíssimo, o senso de responsabilidade. Tal é o fascínio que exerce sobre a criança, que facilmente sua atenção se concentra e suas emoções se controlam. O irrequieto acalma-se, o briguento torna-se mais reservado e o distraído, atencioso. Nesta atmosfera sadia e educativa a criança encontra uma forma de expressão de seus anseios e recalques, terreno propício à formação de bons hábitos e aquisição de boas maneiras.

**Valor pedagógico** — É indiscutivelmente um valioso auxiliar didático, um instrumento pedagógico inestimável que torna o aprendizado agradável. Qualquer assunto é atraente e fácil quando através do teatro

de bonecos. A monotonia, o desinteresse cedem instantaneamente diante da loquacidade, da gesticulação e da vivacidade dos pequenos artistas. A aplicação do método de projetos e da globalização do ensino torna-se realidade.

E' material didático excelente para o ensino da linguagem, geografia, história, ciências naturais, higiene, música, aritmética, caligrafia, religião.

As vantagens no campo da linguagem oral e escrita são ilimitadas. Uma fábula ou história contada em classe e dramatizada em seguida, dá oportunidade magnífica para enriquecer o vocabulário infantil e melhorar a dicção. E ótimo pretexto para a calificação (arte de dizer bem), para tornar a voz mais expressiva e os gestos mais adequados.

A correção da linguagem oral reflete-se sóbria a linguagem escrita (reproduções, formação de sentenças, etc.).

Para contornar as dificuldades da alfabetização nada mais interessante do que um palhaço irônico e travesso.

Presta-se ainda à divulgação de contos, fábulas, lendas, usos, costumes e tradições e particularmente do folclore nacional tão rico e expressivo, tão desconhecido dos nossos escolares.

A indumentária típica regional e o estudo das raças levam a criança ao país encantado da geografia. Amaral Fontoura lembra-nos quão sugestivo e proveitoso seria "do ponto de vista histórico-geográfico e social a dramatização feita com vários alunos, vivendo respectivamente, os rios Amazonas, São Francisco, Paraíba do Sul e Paraná". Sugere-nos ainda um diálogo entre o rio e o mar, o sol e a chuva ou os nossos produtos principais.

Uma aula sobre raças ou mesmo sobre as estações do ano, uma viagem simulada pelo Brasil, despertará por certo o entusiasmo e interesse da criança.

No ensino da História a dramatização é mais fácil ainda. A vida de grandes homens ou qualquer episódio histórico poderá ser vivido e interpretado por fantoches ou sombras, num retrospecto proveitoso e absorvente.

As partes da planta, as frutas e legumes, os animais vertebrados, são assuntos que podem ser facilmente dramatizados em aulas de ciências.

A música, o canto, as danças e ritmos dão mais vida e mais expressão ao teatro de bonecos, sendo mais um motivo para o cultivo da bela arte.

O cálculo do material para execução do teatro, as vestimentas, as cortinas implicam a resolução de problemas e operações.

Lições de higiene, de moral, campanhas sobre alimentação (leite, vitaminas, trânsito, etc.) são mais proveitosas e significativas quando contam com a magia do teatro de fantoches, marionetes ou sombras.

**Valor social** — O homem é um ser social. Seu espírito gregário é uma atitude instintiva: por impulso natural procura a companhia, o convívio de seus semelhantes. "O grupo é uma necessidade para as gerações imaturas" (M. G. Viana). A escola precisa pois, realizar atividades que possibilitem a aproximação dos alunos pela formação de grupos convenientemente organizados.

# *Retrato do mês*



Euclides da Cunha

# *Retrato do mês*



Duque de Caxias

A execução de um teatro de bonecos, sendo trabalho complexo e demorado, que exige o conhecimento de várias técnicas e a aquisição de materiais diversos precisa ser realizado por equipes.

A integração do aluno num grupo organizado o levará a respeitar a personalidade dos colegas, a dar ou acatar opiniões alheias, desenvolvendo o espírito de colaboração e solidariedade humanas tão importantes à vida social.

O contacto com os colegas permitirá o intercâmbio de conhecimentos, a aquisição de experiências novas, o ensino de competências saudáveis, o domínio de impulsos e tendências prejudiciais, enfim, obediência às regras elementares que regem os agrupamentos humanos.

O trabalho em conjunto encoraja os timidos e aproxima alunos de ambientes e condições sociais diversas. Dá possibilidade de destaque aos mais capazes, tornando-se fácil ao observador descobrir, nos diversos grupos, os que se comportam como líderes, os cooperadores e os que são apenas subordinados.

O grupo humaniza o homem. "São os grupos que educam e estruturam a personalidade do indivíduo" (M. G. Vicna).

**Valor terapêutico** — A graça, os movimentos, a sinfonia de luzes, cores e sons do teatro de bonecos, sintetizam para a criança um mundo de infinita beleza e atração irresistível. Ela vibra de entusiasmo e alegria, deixa-se arrebatar diante das proezas dos pequenos personagens.

Conscientes da magia e do fascínio exercidos pelos bonecos sobre os sôrrios tímidos, os caídos e hospitalizados recorridos a esta técnica auxiliar da psicoterapia para a recuperação de crianças desajustadas ou enfermas.

Brincando com os bonecos, confeccionando-os (laboroterapia — terapêutica pelo trabalho) ou manipulando-os, a criança estará distraindo-se, identificando-se com um dos personagens ou com a situação representada.

Os laboratórios psico-pedagógicos não prescindem dos trabalhos manuais para tratamento de "crianças problemáticas" (crianças valiosas, briguentas, mentirosas, sem nível de escolaridade, etc.). Tão grande é sua eficácia terapêutica no ajustamento do indivíduo ao meio. Entre as diversas técnicas utilizadas, lá está o teatro de fantoches, magnífico coadiuvante da higiene mental. Representando histórias contadas no momento, os gestos e palavras são muitas vezes contribuição preciosas para o psicoterapeuta.

\* \* \*

Frágeis na sua aprendizagem, bisonhos e insignificantes, os bonecos realizam maravilhas no setor da educação. A experiência continuada levará o professor a descobrir novas facetas, novas aplicações nos vários tipos de teatro indireto, porque, incontestavelmente, grandes são os seus benefícios e ilimitadas as suas possibilidades na escola.

---

SETOR DE BIBLIOGRAFIAS E AUDITÓRIOS DA SECRETARIA GERAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
DA PREFEITURA DO D. FEDERAL

## "SIGNIFICAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DE CLASSE"

JULIANA PEREIRA

As bibliotecas de classe, na escola moderna, desempenham alta função educativa. Além do valor que apresentam como elemento de informação e de auxílio ao estudo, como meio de despertar, desenvolver e manter o gosto pela leitura e pela boa linguagem, agem ainda como instrumentos capazes de fornecer uma série de situações favoráveis à aquisição de hábitos e atitudes aconselháveis no trato com os livros.

A organização de uma biblioteca de classe pressupõe trabalho em colaboração, oferecendo oportunidades magníficas para habilitar as crianças à autodisciplina e à circunspectão com que naturalmente deverão ser encarados os compromissos assumidos junto ao grupo.

Lançado o projeto, empenha-seão os alunos no planejamento e divisão do trabalho; os objetivos a serem atingidos deverão ser Iertamente delineados e as atividades realizadas para sua consecução serão variadas e interessantes.

Executadas as tarefas relativas ao desenvolvimento do projeto, estará em funcionamento a "Biblioteca de Classe". Grande parte das atividades de rotina que esse funcionamento exige (fichar e etiquetar livros, colocar em ordem, etc.) será realizada por uma diretoria própria, composta por crianças eleitas dentro da turma. Esta eleição fornecerá ocasião para a formação de hábitos de apreciação e julgamento.

Caberá ao professor orientar os escolhidos, fazendo-lhes sentir a responsabilidade que lhes cabe, bem como induzi-los à melhor maneira de realizar o trabalho e procurar sempre novos processos de aperfeiçoamento.

Toda vez que a biblioteca fôr enriquecida com um novo exemplar, oferecer-se-á oportunidade para relembrar os cuidados necessários com os livros: uma rápida análise do volume antes de colocá-lo no lugar, um comentário leve sobre o seu conteúdo ou ainda a apresentação de algumas de suas gravuras estarão despertando a curiosidade da turma, estimulando o interesse pela sua leitura.

Adquirido o hábito de consulta e pesquisa, a criança sentirá que através dos livros a experiência acumulada pela humanidade chegará até ela e essa prática irá encorajá-la a utilizar os serviços de outras bibliotecas, fora do âmbito escolar.

E, pois, de grande importância a biblioteca de classe. De muitas maneiras poderemos chegar a ela, desde que o façamos com entusiasmo e alegria despertando o interesse de todos para essa atividade, tornando-a, assim, o centro de todos os realizações escolares.

# PONTE TRAJETÓRIA DA VIDA

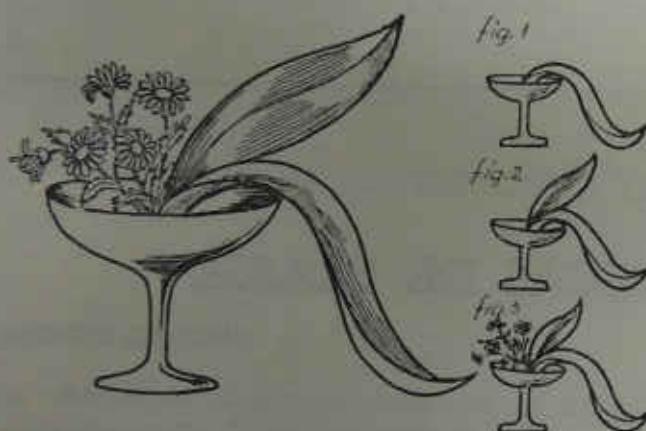
(Ikebana em posição pendente.)

SUELY SO' DE CASTRO  
P. Alegre - R. G. Sul

Material empregado:

- 1) Duas folhas longas.
- 2) Diversas flores miúdas e bem coloridas.
- 3) O vaso próprio para este arranjo é uma fruteira provida de um "kenzan" para fixar as flores.

Interpretação do trabalho: "A PONTE TRAJETÓRIA DA VIDA". Nesse trabalho o galho SIN (folha longa e pendente, fig. 1) representa uma imensa e estranha ponte; estranha porque começo não sabemos onde e termina abaixo do nível da terra.



O galho SIN, esta folha arqueada simboliza a nossa trajetória através da vida ou melhor a curva da vida — nascimento, vida e morte.

O galho SOE inicialmente aderente ao galho SIN e depois recurvada em sentido oposto, representa a humanidade seguindo o seu caminho através da ponte da vida. O galho recurvado simboliza o pavor dos homens pelo futuro incerto e pela morte. (fig. 2)

O galho TAI (diversas flores coloridas) representam a infância com toda sua alegria e vivacidade. (fig. 3)

Vimos nas aulas anteriores, as três posições fundamentais de Ikebana vertical, inclinada e pendente, dependendo da posição do galho principal SIN que

poderá ser, igualmente, vertical, inclinado ou pendente. O arranjo oriental IKEBANA é sempre feito em vasos rasos.

Veremos hoje um arranjo oriental NAGUEIRE (do japonês Nagueru — jogar, lançar; Ieru — colocar) é a arte de arrumar flores com a máxima simplicidade. Difere do IKEBANA, no tocante ao material, pois os vasos utilizados são altos e estreitos, na maioria das vezes tão estreitos que não comportam o KENZAN (base de sustentação). Neste caso para se obter uma segura fixação dos galhos e flores, introduz-se dentro do vaso um pedaço de tela de arame (de galinheiro).

O presente arranjo de flores, mercê e graças à sua simplicidade fala-nos sobre o IDEAL e a ESPERANÇA.



Material utilizado:

- 1) vaso estreito e longo;
- 2) uma rosa aberta e um botão vermelhos;
- 3) galho de melindres (dispargos).

As rosas simbolizam o IDEAL. O galho pendente SIN, graças à sua cor verde, representa a ESPERANÇA.

Com êstes dados, eis o significado deste trabalho:  
A ESPERANÇA E O CAMINHO VERDEJANTE  
QUE NOS CONDUZ AO IDEAL

# PLANEJAMENTO DO ENSINO

Extrado da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos — V. XXVII — n.º 66.

(2.º de uma série)

## O PLANEJAMENTO, SEUS CARACTERÍSTICOS, MODALIDADES E PRINCÍPIOS

"O plano de ação é o instrumento mais eficaz para o sucesso de qualquer empreendimento. Prever já é agir. É o passo obrigatório de toda ação construtiva e inteligente".

1 — Uma das funções típicas da inteligência humana é a de prever ou antecipar-se aos fatos e, pela orientação de nossa atividade, levar-nos a resultados desejados e previstos. Na medida em nossa atividade, levar-nos a resultados desejados e previstos. Na medida em que essa previsão e essa orientação intencional de nossa atividade forem reflexivas, penetrantes e bem calculadas, aumentaremos o nosso poder de dominar eficazmente as situações em que nos encontramos e delas colher os resultados operados.

Ora, o ensino, como já vimos, é uma atividade assaz complexa que exige previsão e cuidadoso planejamento em função de objetivos a serem atingidos.

2 — Planejamento é a previsão racional de todas as condições e recursos de um empreendimento e programação bem calculada da atividade em fases definidas que levem ao resultado desejado.

Distinguimos no planejamento dois estágios ou momentos típicos: primeiro, o da previsão; segundo, o da programação.

a) No estágio da previsão, fazemos o levantamento das circunstâncias e condições da situação dentro da qual ou sobre a qual teremos de atuar, inventariando os recursos e disponibilidades com que poderemos contar, para de-las obtermos os resultados desejados. É uma fase de sondagem, exploração ou reconhecimento. Como diz John Dewey: "para sermos inteligentes devemos parar, olhar e escutar, a fim de conceber um plano de ação". Como observa o mesmo autor: "A previsão funciona de três modos. Primeiro, subentende cuidadosa observação das condições dadas, para ver quais os meios úteis para atingir-se o fim e descobrir os obstáculos existentes no caminho. Segundo, sugere a conveniente ordem ou seqüência na utilização dos meios; facilita a seleção e os arranjos mais econômicos. Terceiro, torna possível a escolha entre as diversas alternativas".

b) Uma vez na posse dos dados colhidos por essa previsão, passamos para o estágio da programação de nossa atividade. Esta é então, ordenada e disposta em fases sucessivas e bem calculadas, quanto a sua intensidade, âmbito e duração, de modo a tornar segura, económica e eficiente a obtenção dos resultados desejados.

3 — Todo o planejamento, digno desse nome, envolve uma técnica de previsão, caracterizada por procedimentos bem definidos, e culmina num programa concreto de ação; este estabelece o rumo e os objetivos a serem atingidos, alinha as condições sobre as quais se vai atuar, enumera e dispõe os recursos e procedimentos que vão ser utilizados e estabelece a pauta de trabalhos a serem efetuados dentro de uma escala cronométrica predeterminada.

Todo programa de ação, elaborado com a devida técnica, contém necessariamente as seguintes indicações, expressas em termos concretos e precisos:

a) os objetivos ou resultados práticos a conseguir;

b) as condições reais e os recursos concretos com os quais se poderá contar;

c) o método e os procedimentos técnicos a empregar;

d) as fases sucessivas em que se desenvolverá a operação;

e) a escala cronométrica da marcha da operação.

De posse de tais indicações precisas e bem calculadas, o indivíduo que adota um bom programa de ação estará premunido contra as oscilações e imprevistos que, de outro modo, poderiam comprometer toda a sua atividade, frustrando-a ou limitando-a na obtenção dos resultados desejados.

Antecipando-se aos problemas, obstáculos e dificuldades que poderão surgir no decurso da operação, o indivíduo que planeja está em melhores condições de dominá-los, já impedindo que eles se manifestem, já conformando-os com oportunas providências, já, enfim, empregando os recursos necessários e apropriados para superá-los. O planejamento torna assim a operação mais segura, garantida e eficaz.

Com a previsão cuidadosa das condições e recursos de ação e com a pauta claramente definida dos trabalhos a serem realizados dentro da escala cronométrica prevista, o planejamento assegura sempre apreciável economia de material de tempo e de energias.

Submetendo a operação a um programa racional e inteligente traçado, no qual cada elemento, movimento ou fase se relaciona com os resultados práticos a serem conseguidos, ela se torna eficiente e produtiva.

Em síntese, o planejamento é uma das mais sólidas garantias de êxito em qualquer empreendimento ou iniciativa. As probabilidades de sucesso, tanto no campo da educação e do ensino, como em qualquer outro setor de atividade humana, serão sempre na razão direta do planejamento a que tais atividades foram submetidas; e, podemos acrescentar, essas probabilidades serão tanto maiores quanto mais cuidadoso, preciso e objetivo for o planejamento.

4 — Henri Fayol, o fundador da ciência da administração atribui tanta importância ao planejamento que o considera mais poderoso recurso para governar o futuro, orientando com segurança a marcha da ação; para ele, o planejamento é a primeira e mais decisiva fase de racionalização de qualquer empreendimento humano. Escreveu Fayol: "prever significa ao mesmo tempo levar em conta o futuro e prepará-lo" e "prever já é agir". Isto é, o planejamento não é mero devaneio de gabinete, mas é já o primeiro passo, essencial e obrigatório, de todo o empreendimento racional e produtivo. Acrescenta Fayol: "A ausência de um programa ou um mau programa constituem, só por si, demonstrações de incapacidade do dirigente".

5 — Seguindo de perto as normas traçadas por Henri Fayol e adaptando-as ao caso específico do planejamento do ensino, podemos dizer que o bom plano, ou programa de atuação didática, é aquele que se reveste dos seguintes características:

(1) — Unidade: dois programas diferentes não podem coexistir em relação a um mesmo objetivo. O plano de ensino deve obedecer a uma diretriz geral única, a uma idéia fundamental da qual se desenvolverá todo o plano de ação. Nêle não podem coexistir antinomias ou contradições, incompatíveis com o propósito fundamental que o governa. O plano de ensino deve primar pela sua coerência. Uma consciência clara e nítida desse propósito fundamental deve transluxir em todas as parcelas e itens do plano de ensino, de modo a objetivar-se concretamente na parte educativa. Este é um dos postulados mais essenciais na prática educativa. Este é um dos postulados mais essenciais de toda a atividade docente.

(2) — Continuidade: o plano do ensino é um programa pormenorizado e concatenado de todas as fases de trabalho que deverá ser levado a efeito no decorrer do ano escolar. Consequentemente, não basta prever a abertura dos trabalhos e seu encerramento; é mister que a programação abranja todas as fases da operação: a inicial, as intermediárias e a final. O plano de ensino deve ter sua seqüência natural, que assegure a cobertura antecipada de todas as fases da operação, e faça de cada uma destas uma aproximação mais direta e substantiva ao objetivo visado.

(3) — Flexibilidade: o plano de ensino deve ser suficientemente flexível para se amoldar às novas circunstâncias ou condições que emergirem, equacionando-as para eliminá-las ou incorporá-las à marcha geral da operação. Este característico da flexibilidade opõe-se à rigidez dos antigos planos de ensino. Admitindo-se a variedade irreduzível das diferenças individuais entre os alunos de qualquer grupo ou classe e o caráter essencialmente vitalista e dinâmico da autêntica aprendizagem, fácil é concluir-se que o plano de ensino, ressalvados seus característicos básicos de unidade e continuidade, deverá sempre ter um flanco aberto para novas sugestões, equivalências, caminhos diversificados, mas paralelos, oportunos acertos e sucessivos renjustamentos na marcha da operação, à medida que as circunstâncias forem evidenciando sua necessidade.

(4) — Precisão e clareza: o bom plano de ensino se reconhece pela precisão e nitidez dos pormenores e especificações nêle contidos: o grau de extensão e de profundidade em que a matéria será tratada; os meios auxiliares que serão empregados na sua apresentação; os procedimentos específicos de retificação, de diagnose, de retificação e de fixação da aprendizagem que serão empregados; o tipo e a extensão dos exercícios e tarefas que deverão ser realizados; o ritmo dos trabalhos a serem efetuados; o "quantum" de rendimento escolar que razoavelmente se poderá esperar e os procedimentos de avaliação que serão aplicados. Quanto mais reduzida for a faixa de imprevisão e de incerteza, tanto mais seguro e eficaz será o plano de ensino.

A "clareza" refere-se ao estilo que se reveste o plano de ensino. Este não deverá ser uma peça literária, debatendo teses, expondo teorias, contendo elucubrações ou expandindo-se em arroubos líricos e fantasistas sobre o trabalho educativo. Terá antes um estilo sóbrio e enxuto com o mínimo de palavras necessárias para exprimir as idéias e fatos em tela, rigorosamente classificados estes e numerado de modo a patentear a seqüência, relações e subordinações dos itens entre si.

(5) — Objetividade e realismo: por fim, é evidente que o plano de ensino deve primar pela objetividade e realismo. Ele deve apresentar-se sobre as circunstâncias imediatas e condições reais dentro das quais a operação terá que ser efetuada. Planos fantasmagóricos e subjetivos, alheios às realidades práticas e imediatas do meio e do

tipo de alunos a que se destinam, trazem em si mesmo a sua própria condenação, por serem irrealizáveis.

6 — Na concepção fayoliana do planejamento, as características da precisão e da flexibilidade parecem, à primeira vista, ser antônimos. De fato, quanto mais pormenorizado for o plano de uma dada operação, tanto menor será a sua margem de flexibilidade; inversamente, quanto mais flexível for o plano, tanto mais reduzido o terá que ser o grau de sua precisão.

Henri Fayol procurou superar esta antinomia, estabelecendo uma acomodação entre a precisão e a flexibilidade, que na realidade não consegue atingir o objetivo visado. Escreve ele: "O plano de operações é uma espécie de planta do futuro no qual os acontecimentos próximos são previstos com clareza e precisão, enquanto que os acontecimentos ainda remotos se esboçam vagamente em proporção à sua distância". A precisão seria assim o característico típico das fases iniciais e mais próximas de qualquer operação, enquanto que a flexibilidade caracterizaria as fases mais avançadas e derradeiras da mesma operação. Os dois característicos em foco não seriam, pois, simultâneos, mas sucessivos.

Fayol se referia ao planejamento administrativo, e talvez nesse enquadramento específico a solução por ele apresentada seja satisfatória. Em se tratando, porém do planejamento do ensino, eminentemente operacional e dinâmico por sua natureza, a aparente antinomia entre os característicos da precisão e da flexibilidade pode ser superada mediante os três estágios consecutivos pelos quais se deve processar este planejamento.

De fato, na esfera do ensino o planejamento não é uma atividade técnica que se processe em bloco e de uma só vez, como fase isolada e antecedente à toda a atuação docente. Ela se realiza em três estágios consecutivos de crescente particularização, dos quais, apenas o primeiro antecede realmente o inicio da operação. Já o segundo e o terceiro estágios do planejamento docente se realizam à medida que a operação se desenvolve, prevendo de cada vez a fase imediata que se deverá seguir e incorporado já nesse planejamento específico de cada fase os novos dados que vão emergindo da operação em curso.

O professor planeja não apenas antes do inicio do ano escolar, fazendo uma previsão bem calculada de todo o desenvolvimento do curso; mas, planeja também através de todo o ano escolar, em termos de uma progressiva particularização de cada unidade didática e de cada aula, como parcela integrante da respectiva unidade.

Em vez do planejamento apriorístico, estático e rígido, advogamos, assim, um planejamento progressivo, eminentemente dinâmico e experimental, que acompanha de perto o fenômeno da aprendizagem em marcha e traça as normas operacionais de cada fase seguinte, à luz das diretrizes gerais estabelecidas e dos progressos realizados na fase que o precedeu.

Neste planejamento progressivo dinâmico e experimental acentua-se em sua plena validade os característicos da precisão e da flexibilidade como aspectos simultâneos, sem a antinomia que reponta na concepção fayoliana. Isto se tornará mais patente à medida que o leitor nos acompanhar nas seguintes páginas.

7 — A Didática moderna consagra três tipos de planos de ensino, correspondentes aos três estágios de planejamento a que acabamos de nos referir. São eles:

a) Plano de Curso: sintético, abrangendo, como numa visão de conjunto, todo o campo a percorrer e capitulando todos os trabalhos a serem realizados pelo professor

e pelos alunos no decurso do ano escolar, em função dos resultados finais desejados.

b) Plano de Unidades Didáticas: já mais analítico e especificativo, focaliza, amplia e particulariza cada uma das unidades didáticas capituladas no plano de curso, e configura o seu desenvolvimento concreto em função dos objetivos particulares ou especiais de cada unidade didática. O plano de cada unidade envolve um ciclo discente e docente completo, que vai desde a incentivação inicial, específica para o estudo dessa unidade, até a avaliação final dos resultados obtidos através desse estudo. Se bem que o trabalho de cada uma dessas unidades se desdobre em cinco, oito, onze ou quatorze aulas, ressalva-se nesse conjunto o caráter unitário pela identidade dos objetos particulares ou especiais de cada unidade.

O planejamento dessas unidades didáticas não deve ser feito em bloco antes do inicio do ano escolar. Com exceção do plano da primeira unidade introdutória, que lógicamente deve preceder o inicio dos trabalhos escolares, os das demais unidades deverão ser feitos cada um a seu tempo, à medida que se aproxima o momento de iniciar a respectiva unidade. Basta ao professor acometer esse planejamento específico três ou quatro dias antes de iniciar a nova unidade, valendo-se dos indices contidos no plano de curso e nôle incorporando já os mais recentes informes por ele colhidos sobre a capacidade e as necessidades reais e específicas de seus alunos.

c) Plano de Aula: analítico e mais particularizado ainda, traçando minuciosamente, item por item, o desenvolvimento de cada aula, que integra o estudo de determinada unidade didática. O que acabamos de dizer quanto à conveniência de o professor só planejar cada unidade didática à medida que se aproxima o dia de iniciá-la, aplica-se também ao planejamento de cada aula em particular; este deveria ser feito na véspera ou antevéspera, apenas do dia em que a aula será efetuada.

A insistência da moderna didática em que cada professor elabore seu plano de curso em seu plano de unidades didáticas é indiscutivelmente uma tese pacífica, aceita por todos. Recentemente, porém, acusa controvérsia se tem originado quanto à exigência dos planos de aula. A muitos se afirma que, tendo o professor elaborado conscientemente o seu plano de unidades didáticas, está ipso facto, dispensado de elaborar planos minuciosos para cada aula que irá dar.

A nosso ver, o plano de aula é indispensável a todo professor novato e, consequentemente, pouco seguro de si. Já para os professores experimentados por longo tirocínio, o plano de unidades didáticas, se for cuidadosamente elaborado, dispensará, em grande parte, a necessidade de planos específicos para cada uma das aulas que deverá dar sobre as referidas unidades, excetuadas talvez a primeira aula introdutória de cada unidade didática, na qual se apresentam os dados essenciais, e a última, que versará sobre a síntese final e integradora da unidade em foco.

Não obstante, em diversos países e em muitos sistemas escolares exige-se de todos os professores que apresentem um plano de cada uma das aulas dadas. Como medida de supervisão e controle técnico e administrativo, é de grande eficácia e valor.

A dificuldade prática com que esbarra a exigência da apresentação de planos de aula está em que, a se ministrar o ensino, como o quer a Didática moderna, com intensa participação de ativados alunos, difícil se torna ao professor prever com exatidão o "quantum" e a extensão

da matéria que serão abrangidos numa aula de 50 minutos. O tradicional "plano de aula", a ser fielmente cumprido, implica uma absoluta rigidez de ensino, na qual só o professor fala e os alunos o ouvem passivamente, sem nela participarem.

R — Os três planos que acabamos de caracterizar entrosam-se numa progressiva aproximação das realidades do ensino; subordinando-se os últimos aos primeiros, tornando a previsão mais concreta e particularizada, à medida que se aproxima o momento da ação.

A medida que se processa esta progressiva particularização do planejamento, vai avançando do abstrato e geral para o concreto e particular, o professor vai também realizando uma progressiva adaptação da matéria a ser estudada e do seu método de ensino às circunstâncias imediatas e às condições variáveis do processo, da aprendizagem de seus alunos. Conjugue-se, deste modo, a máxima precisão com a máxima flexibilidade do planejamento em proveito da melhor aprendizagem dos alunos.

9 — Ao elaborar seus planos de ensino, quer de curso, quer de unidade didática, quer de aula, o professor recorre a diversos princípios que lhe fornecem os critérios fundamentais e as normas que o devem orientar nessa atividade. São eles:

a) O princípio da proporcionalidade dos meios aos fins visados. Partindo da consideração dos objetivos estabelecidos, os meios a serem empregados na sua consecução deverão ser adequadas e proporcionais a esses mesmos objetivos em termo de matéria de ensino, de procedimentos didáticos, de recursos ou meios auxiliares, em atividades discentes e de tempo para os alunos aprenderem.

b) O princípio de seleção dos dados da matéria, dos recursos ou dos procedimentos metodológicos e técnicas específicas a empregar. É evidente que para fins de ensino nem todos os dados de determinada matéria, assim como nem todos os meios auxiliares e procedimentos metodológicos servirão indiscriminadamente para os objetivos que se tem em vista em cada caso particular. Impõe-se uma cuidadosa seleção de todos estes elementos, em função dos objetivos estabelecidos para o caso.

c) O princípio da adaptação da matéria, dos recursos e dos procedimentos metodológicos, às necessidades reais dos alunos, ao seu nível de maturação e à sua capacidade.

d) O princípio da seqüência natural e psicológica, das fases operacionais, atendendo às exigências do progresso de aprendizagem dos alunos. Cada fase deve processar-se no seu devido tempo, completando a fase anterior e preparando a seguinte, sem se prolongar em demasia além do que for funcionalmente necessário, para que a aprendizagem se complete.

e) O princípio da flexibilidade, assegurando o contínuo reajustamento do plano de unidade didática e de plano de aula, às realidades emergentes na operação em curso.

f) O princípio da revisão periódica, pelo qual, tomando-se por base os planos dos anos anteriores, já testados pela experiência, já eliminando ou simplificando determinadas seqüências, já enriquecendo o plano com novos dados da matéria ou novos procedimentos e técnicas de trabalho, já, enfim, revisando e atualizando o conteúdo ideativo das unidades didáticas e das aulas.

Em toda a atividade planejadora do ensino, seis princípios que acabamos de anunciar são fundamentais. O valor e a eficácia dos planos dependerão, em grande parte, do grau em que estes princípios forem aplicados.

(Termina no próximo número)

# A FORMIGUINHA E A NEVE

Adaptação para teatro de sombras

Trabalho da aluna **Neyde Derito**

Ato único

Personagens — A Formiga    O Gato    O Homem  
                     O Rato      O Cão

Cenário — Um muro, uma árvore e relva cobertos de neve. (Colocam-se na parte externa do cenário pedacinhos de algodão, presos aos galhos da árvore, sobre o muro e espalhados sobre a relva)

Narradora — Em uma cidade distante, num cantinho de muro, vivia uma formiguinha. Todos os dias de manhã saía à procura de alimentos para seus filhinhos. Certo dia porém chegou o inverno, trazendo consigo flocos de neve que caíam do céu cobrindo casas, muros, árvores, relvas, transformando o campo por onde nossa formiguinha teria de passar em espesso tapete branco, mais frio do que gelo. Durante a noite nevou... nevou... sem parar. (Abre-se a cortina. Para se obter o efeito da neve que cai, desenrola-se por detrás do cenário uma folha de papel transparente azul com orifícios irregulares) No dia seguinte... (Retira-se agora devagar o papel azul)

Formiga — (Aparece ao canto do muro) Não tenho o que comer, preciso sair a procura de alimento, mas ai! ai! que frio, meus pés estão gelados, brr... brr... que frio, mal posso andar. (Atravessa a cena enquanto monologa. Sai. Depois de pequena pausa volta, trazendo uma folha). Encontrei o que comer, mas que frio, vou correndo para casa, aquecer-me ao pé do fogo. (Ao se aproximar do muro, cai-lhe no pé um bloco de neve) Que susto, uma bola de neve caiu no meu pésinho. Como é fria e meu pé está preso, não posso tirá-lo daqui, socorro! Socorro! (Aparece o rato sobre o muro)

Formiga — Ratinho! Você que tem os dentinhos afiados, que roí o muro que tapa o sol, que derrete a neve... desprende o meu pésinho!

Rato — Não posso, formiguinha, pois mais forte do que eu é o gato que me come! (Sai)

Formiga — Lá vem o Sr. gato, (Surge o gato sobre o muro. A formiga dirige-se ao gato com

voz suplicante) Gato, você que é mais forte do que o rato, que roí o muro, que tapa o sol, que derrete a neve... desprenda o meu pésinho!

Gato — Não posso. Mais forte do que eu é o cão, que me morda. Vou correndo embora porque lá vem ele. (Sai. Logo a seguir aparece o cão sobre o muro).

Formiga — (Com voz suplicante) Cão. Você que é poderoso, que morda o gato, que come o rato que roí o muro, que tapa o sol que derrete a neve, desprenda o meu pésinho! (Soluçando)

Cão — Não posso. Mais forte do que eu é o homem, que me prende (sai)

Formiga — Ai! ai! ai! (com voz de choro) Vou morrer (aparece o homem)

Formiga — (Com voz fraca) Homem... você que é tão poderoso! Que prende o cão que morda o gato... que come o rato, que roí o muro... que tapa o sol, que derrete a neve... desprenda o meu... pésinho...

Homem — Formiguinha, então não sabe que ninguém neste mundo tem poder?

Formiga — Ai de mim! Quem então me salvará?

Homem — Somente Deus! Senhor de todo o universo e Senhor do mundo em que vivemos.

Formiga — (chorando) E onde estará Ele?

Homem — Em toda parte formiguinha, em toda a parte Deus está.

Formiga — Deus não me ouvirá.

Homem — Peça-lhe com toda a força de seu coração.

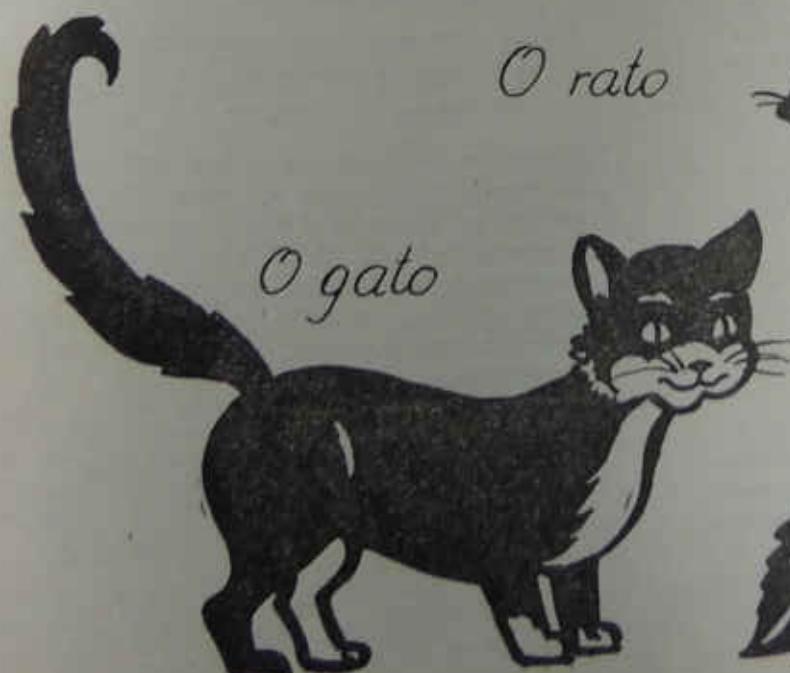
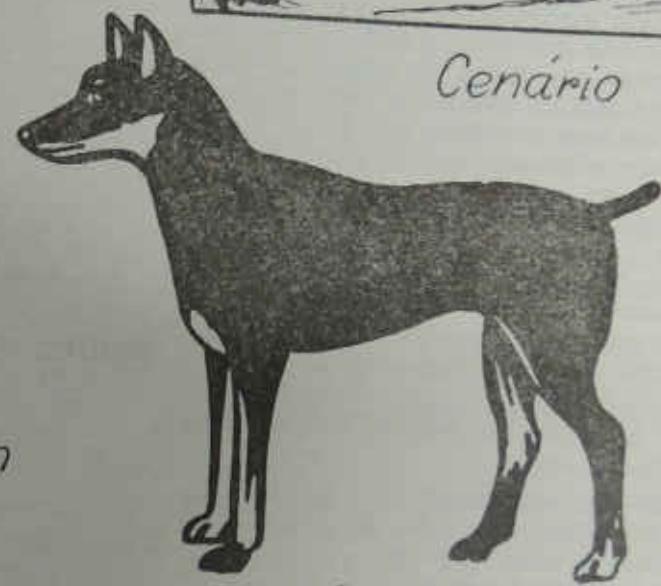
Formiga — Coração de formiga é tão pequeno!

Homem — Vou pedir: Deus que é forte, Deus que tudo podes, solte o meu pésinho. (Aparece o sol. Desaparece o foco que prende o pé da formiga. Esta salta contente e diz:)

Formiga — Posso andar, posso andar outra vez. Deus mandou o sol que derreteu a neve, que prendia o meu pésinho. (Anda de um lado para o outro, entra em casa).

Narradora — E aqui termina a história da formiga que apesar de tão pequenina foi ouvida por Deus.

# *A Formiquinha e a Neve*



Trabalho organizado pela prof. INALDA XAVIER DA SILVA

## FANTOCHES OU BONECOS

Há duas maneiras diferentes para o preparo da massa na confecção dos bonecos:

- usando o jornal molhado;
- usando o jornal seco.

### a) — PREPARO DA MASSA USANDO O JORNAL MOLHADO:

Deite numa vasilha com água, pedaços de jornal que devem ficar de molho no mínimo 3 dias. Em seguida ferva durante 2 horas. Escorra a água aos poucos e bata numa tábua (de bater carne) como quem bate ervas. Quando estiverem os jornais bem desmanchados, esprema-os num pano e junta a esta massa uma goma (grude consistente de farinha de trigo ou goma de mandioca) já preparada. Bate-se novamente na tábua até ficar a massa bem fina.

A **cabeça** é feita sobre uma bola de jornal picado, coberta por um papel mais resistente. Esta bola é presa a uma haste de madeira, cuja ponta se enterra na areia. Deixe-a exposta ao ar para secar ou leve-a ao forno. Depois de bem seca, retire a haste e, com o auxílio de uma tesoura ou pinça, o papel picado que, para ser tirado com mais facilidade, pode ser umedecido com um pouco d'água.

### b) — PREPARO DE MASSA, USANDO O JORNAL SECO:

Faz-se um rôlo com uma porção de jornal, rala-se (como se fosse macacheira) no rôlo, dando-se preferência, nos jornais, à parte que não contém letras. Depois de ralado, o jornal ficará com semelhança de lã. Junte a este um pouco de grude de mandioca. Misture bem até transformar-se numa massa bem fina.

A **cabeça** é feita por meio de sacos costurados, os quais enchi-se de areia, prendendo com uma haste de madeira (aproveite-se pedaço de cabo de vassoura — 20 cm), amarrando com cordão.

Seco o fantoche, corta-se o cordão, puxa-se a madeira e a areia escorrerá.

### MODELOS DOS SACOS PARA A CONFECÇÃO DA CABEÇA DOS FANTOCHES.

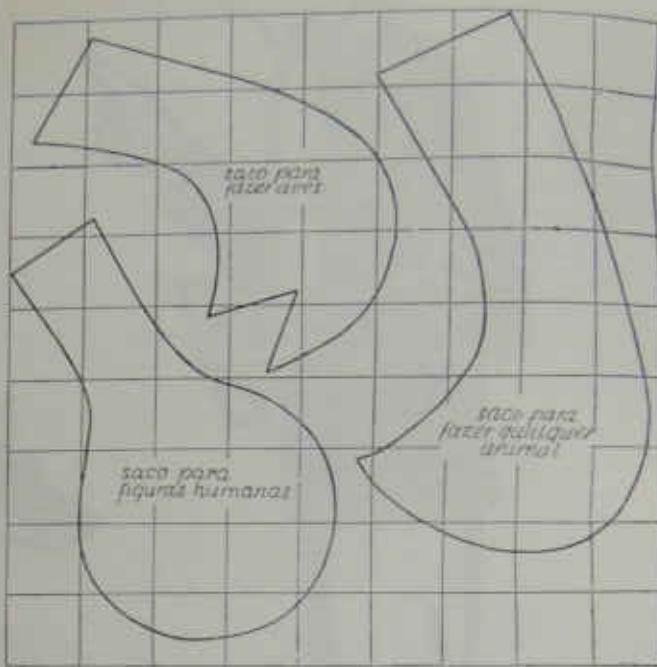
**Pintura** — empregue-se anilina em pó dissolvida em cola de madeira ou mesmo tinta de óleo ou aquarela.

**Cabelo** — da própria modelagem e depois pintado, ou com fios de lã, seda, algodão, etc.

Terminado o boneco trata-se de **vesti-lo**, usando sempre roupas soltas e longas para que o mesmo seja manuseado. Se o fantoche usar calças deve-se ter o cuidado de não prender a parte posterior do mesmo, a fim de não dificultar o movimento.

**Mão** — de arame recoberto com algodão, pano (lã grossa), cartolina; presa na extremidade da manga da blusa do fantoche.

Para os **pés** usa-se o mesmo processo.



### PONTOS PRINCIPAIS PARA CONFECÇÃO DE UMA PEÇA PARA TEATRO:

- Pensemos na **idade mental média** do grupo de crianças para quem pretendemos representar.
- O **tema**, podendo ser simplesmente de uma história ou conto, ou um tema educacional, uma matéria de estudo, um problema surgido entre as crianças, etc., etc....  
Escolhido o **tema**, pensaremos em transformar o conto em peça, daí visar:
  - número de personagens;
  - número de cenários;
  - tempo de duração.
- Número de personagens — o maior número que permitimos numa peça em geral são 6 bonecos (quando os mesmos devem aparecer em cena ao mesmo tempo). Já cá, são necessários 3 colaboradores, cada um manejando dois fantoches, e como a falta de colaboradores é o problema, damos preferência à peça com poucos personagens.
- Número de cenários — peça com número limitado de cenários. Nada poderá tornar mais desagradável à platéia que se fechar a cortina a todo momento para mudanças de cenários, tirando assim o encanto dos espetáculos.
- Tempo de duração — 30 a 45 minutos (limite de paciência entre crianças de 5 a 10 anos). tempo durante o qual as crianças permanecem interessadas.

## PROVEITO DA PEÇA

- A peça só satisfará plenamente tendo:
- 1 — Um fundo moral.
  - 2 — Arte.
  - 3 — Comicidade.
  - 4 — Música.
  - 5 — Passagens emocionantes.
  - 6 — Movimentos.
  - 7 — Ruidos e sons.
  - 8 — Luz.
  - 9 — Cenas e diálogos.
  - 10 — Cenários.

- 1 — Tendo sempre a preocupação de incluir um fundo moral sem torná-la rígida e dogmática.
- 2 — Arte, dependendo da maior ou menor sensibilidade do autor.
- 3 — Comicidade — ponto indispensável. As crianças esperam risir, dai a necessidade de um personagem cômico, ou situações cômicas, mesmo a peça sendo séria.
- 4 — Música — esta deve ser introduzida sob a forma de canto ou instrumento musical, vitrola. Temos campo vasto: precedendo a entrada de uma fada, ao amanhecer, ao anochecer, etc. Compõe-se para o final um versinho bem simples, cantado com uma melodia já conhecida da petizada. Com as diversas repetições, elas repetirão com os bonecos.
- 5 — Passagens emocionantes — a emoção infantil poderá ser a maezinha a abraçar o filho por ter feito uma boa ação, ou tirar boa nota nas provas, o menino arrependido, as crianças assustadas que encontram proteção do adulto, o susto do lobo à Chapéuzinho, etc....
- 6 — Movimento — fator contribuinte no sucesso da peça: bonecos entrando, levantando, dormindo, sentando, espiando na janela, empurrando, varrendo, abraçando, cumprimentando, etc....
- 7 — Ruidos e sons — deve-se procurar colocar os sons adequadamente: roncar, o arrastado dos móveis, o barulho dos trens, as vozes dos animais, o ruído do trovão, etc.
- 8 — Luz — deve-se introduzir a claridade a fim de que a peça se torne bem visível, de acordo com as necessidades, devendo-se aumentar ou diminuir a intensidade da luz. Os relâmpagos, apagando e acendendo a luz, acompanhando com o ruído da trovada. A madrugada, a meia lux, tudo quieto... aos poucos aumenta a claridade... o galo canta — é dia.
- 9 — Cenas e Diálogos — evitando sempre as longas conversas, levando o fantochê a dizer sómente o necessário: que haja mais ação.
- 10 — Cenários — Ponto capital, deve-se apresentar no sentido que o tema seja explorado ao máximo. Ex.: Cenário de floresta para a peça de João e Maria. As duas crianças descobrem que estão perdidas! Maria chora e Józozinho pro-

cura o caminho. Acaba trepando numa árvore alta para poder enxergar de longe. Ora, pensando neste cenário, antes de executarmos o cenário, teremos o cuidado de introduzir num dos rompimentos uma árvore, que permita que o fantochê "trepe". Terá que ser mais ou menos destacada das outras árvores e deverá ter um tronco grosso, pois o fantochê trepando na árvore, obviará o operador a suspender muito o braço, que aparecerá, se a árvore não for bastante grossa.

## MANEJO DOS BONECOS

O boneco deve ser segurado corretamente: de pé, o operador por detrás do palco, o braço estendido acima da cabeça; vestindo na mão o boneco de forma que o seu cotovelo alcance a beterrada inferior da boca da cena, ou o peitoril da janela. Assim o fantochê será visível em todo sua altura da cabeça, até onde sejam os seus pés, se os tivesse. Daí a necessidade de roupas bem compridas.

O manejo dos bonecos, no início, é cansativo, principalmente quando se trabalha com dois bonecos.

O antebraço deverá ser mantido em linha reta pois, inclinando o mesmo, o boneco aparecerá à platéia fora de prumo. Veste-se o boneco na mão devidamente da seguinte maneira: coloca-se o polegar em uma das mãos do fantochê, o indicador na cabeça e o médio na outra mão, tendo o cuidado de manter os dedos restantes — o anular e o mínimo — bem fechados, de encontro à palma da mão.

## MOVIMENTO

Maneira de fazer o boneco andar: — imprime-se um leve movimento de torção ao punho, da direita para a esquerda e ao mesmo tempo suspende-se e baixa-se suavemente o braço, levantando-se o mesmo à frente. É necessário não esquecer que, para o boneco andar é preciso que o operador ande também, não deixando o boneco perder o equilíbrio.

Maneira do boneco sentar: — Pouse o seu punho sobre o "chão" mantendo a mão em linha vertical. A "saia" do boneco deve ser colocada para frente, dando a impressão de que são as pernas que estão estendidas.

Dormir — Não basta o boneco só deitar, para dar a impressão de sono, é necessário que ele ressonar, inspire, saiba roncar se for possível. Deve-se ter o cuidado de que, ao deitar o boneco, não fique com a cabeça "no ar" como que malo levantada. Os mesmos cuidados com os braços, imitando sempre a vida real.

Varrer — Fazem-se umas alças de fio forte nas palmas das mãos dos fantoches, e nestas alças enfiamos o cabo da vassoura, ficando o objeto bem preso.

Mãos — Na confecção das mãos temos por finalidade facilitar certos gestos e movimentos característicos de determinadas personagens, a fim de praticar os seus movimentos perfeitamente. Os movimentos e gestos não devem ser executados com muita rapidez.

Revista consultada: "Correio Rural"  
(Cap. do MANUAL DO TITEREIRO  
de Edna Gama)

Faça uma linha em volta do sinônimo das palavras que estão na coluna à esquerda:

Amplo	cheia	— enchendo — fazia	— vacaia	— grande
Rehaver	comparar	— recuperar — comprar	— colaborar	— ver
Veredas	matos	— caminhos — veredas	— verdades	— olhar
Trevas	Inação	— escuridão — escravidão	— clara	— trave
Fresta	fenda	— fundo — bater	— largo	— hoje

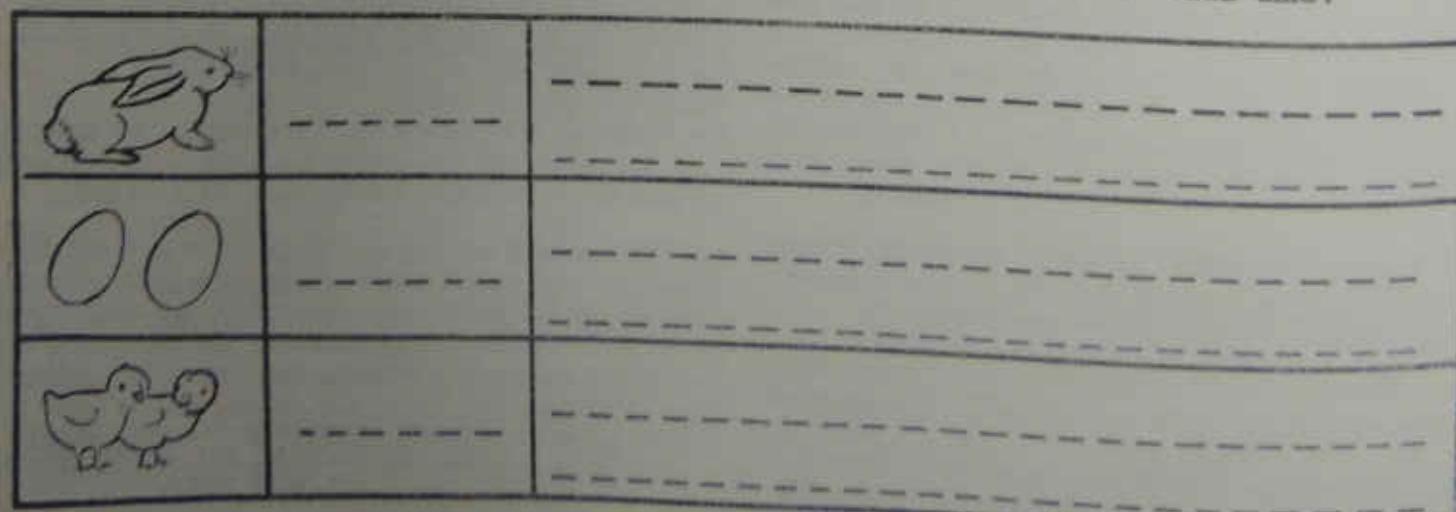
Escreva numa só palavra, as expressões seguintes:

- |                |               |
|----------------|---------------|
| 12 meses ..... | 6 meses ..... |
| 30 dias .....  | 3 anos .....  |
| 100 anos ..... | 5 anos .....  |
| 3 meses .....  | 7 dias .....  |
| 10 anos .....  | 2 anos .....  |

Separe as sílabas, escrevendo cada uma no retângulo ao lado:

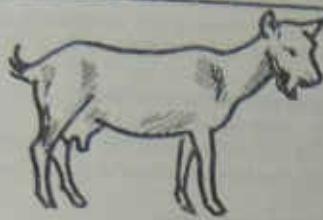
onça	ON	-	CA
pato	PA	-	TO
girafa	GI	-	RA
ninho	NI	-	NHO
pássaro	PAS	-	SA
		-	RO

Escreva o nome das figuras e, ao lado, faça uma sentença empregando cada uma:





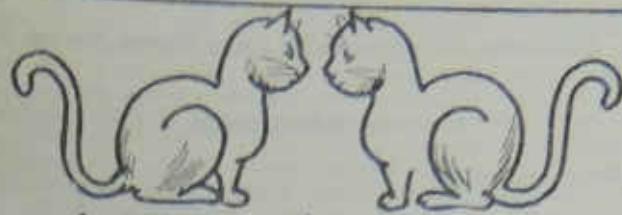
um gato



uma cabra



o menino



dois ... gatos .....



duas ... cabras .....



os ... meninos .....

Ligue cada sentença ao desenho.



No prato há  
frutas



No meu vaso há  
quatro flores



O menino carrega  
o cesto cheio de  
frutas



# PEQUENOS JOGOS

(2º de uma série).

Esihorados pela professora Dirce Torres Moraes do Ginásio Estadual "Manuel Euclides de Brito", Itatiba, SP.

## 1 — "OS BAILARINOS"

### Objetivos específicos:

- 1 — desenvolver nas crianças uma atitude favorável em relação aos jogos;
- 2 — auxiliar a aquisição de ritmo;
- 3 — oferecer oportunidade para eliminar as causas de timidez;
- 4 — estimular o desejo da criança de pertencer a um grupo;
- 5 — avivar nas crianças a curiosidade e o prazer pela imitação;
- 6 — auxiliar o desenvolvimento das coordenações motoras;
- 7 — orientar o interesse infantil pela competição;
- 8 — dar maior relevo e desenvolver as seguintes qualidades: honestidade, agilidade, destreza, atenção e obediência principalmente às regras do jogo.

### Local:

Pátio ou campo gramado.

### Participantes:

O número de participantes é indeterminado, par.

### Idade:

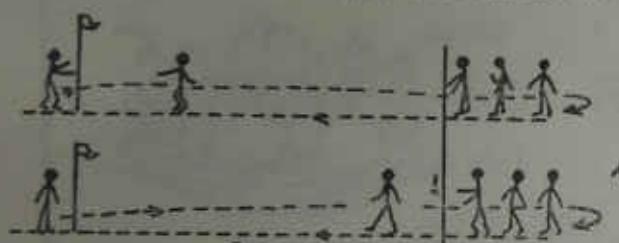
Para crianças de 7 a 9 anos.

### Formação:

Em duas colunas.

### Materiais:

Duas bandeirolas com apoio para fixá-las no solo.



### Descrição:

Os jogadores divididos em igual número, formam duas colunas distantes três metros uma da outra. O primeiro jogador de cada coluna estará na linha de partida e terá à sua frente, a uma distância de dez metros, uma cadeira ou bandeirola.

Dado o sinal de inicio, todos começam a cantar uma canção previamente combinada, ao mesmo tempo que o primeiro jogador de cada coluna progride saltitando da seguinte maneira:

1 — saltitar para a frente, com os pés unidos; 2 — saltitar afastando as pernas; 3 — saltitar unindo as pernas. Todos repetem esta sequência de saltitamento até atingir a bandeirola (ou cadeira) que deverão contorná-la, e, chegando ao segundo jogador, que tomou o seu lugar na linha de partida, batem-lhe na mão estendida e vão posar-se atrás do último companheiro de sua coluna.

Ao receber a batida na mão, o segundo jogador procede de maneira idêntica ao primeiro e assim sucessivamente.

Será considerado vitorioso o partido cujo último jogador terminar a tarefa em primeiro lugar.

— o —

## 2 — "TROCA DE COLUNAS"

### Objetivos específicos:

- 1 — incentivar a cooperação e encorajar o espírito de grupo não esquecendo que as crianças nessa idade ainda têm tendências individualistas;
- 2 — orientar o interesse pela competição;
- 3 — auxiliar o desenvolvimento das coordenações motoras;
- 4 — ensinar as crianças a obedecer e a sentir a necessidade das regras do jogo;
- 5 — dar relevo e desenvolver as seguintes qualidades: honestidade, auto-domínio e agilidade.

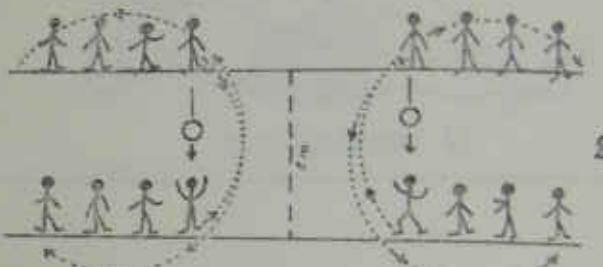
Local: pátio ou campo gramado.

Número de participantes: indeterminado, par.

Idade: 7 a 9 anos.

Formação: colunas.

Material: uma bola de "voleibol".



### Descrição:

Dividem-se os jogadores em dois partidos. Cada um por sua vez será subdividido em duas colunas que se confrontam, separadas uma da outra pelo espaço de oito metros. O primeiro jogador de uma das colunas de cada partido, segurará uma bola.

Dado o sinal de inicio os jogadores de posse da bola passam-na rápidamente ao companheiro da frente e em seguida correm e vão postar-se atrás do último jogador da coluna da frente.

Os jogadores que se apossarem da bola, por sua vez passam-na ao jogador que ocupou o lugar do primeiro, na coluna fronteira e vão colocar-se atrás do último da outra coluna e assim por diante.

Será considerado vitorioso o partido cujo último jogador terminar a tarefa em primeiro lugar.

— o —

## 3 — "COLUNA RÁPIDA"

### Objetivos específicos:

- 1 — incentivar nas crianças o espírito de iniciativa;
- 2 — dar às crianças a oportunidade de se expandirem compreendendo o seu prazer em correr, arremessar e de medir-se com seus companheiros;
- 3 — proporcionar às crianças atividades que satisfazem o desenvolvimento das coordenações neuromusculares;
- 4 — desenvolver principalmente as seguintes qualidades: confiança em si, coragem, destreza e honestidade.

Local: pátio ou campo gramado.

Número de participantes: indeterminado, par.

Formação: duas colunas.

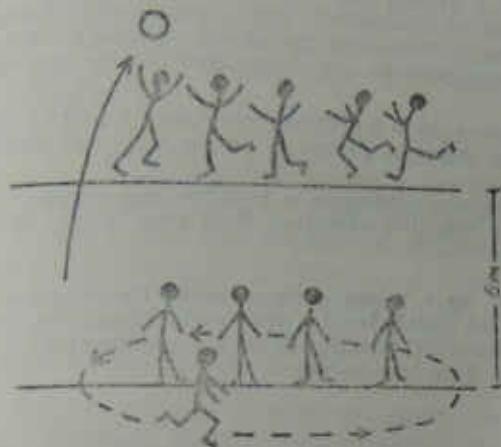
Idade: 9 a 12 anos.

Material: uma bola de voleibol ou de berçachá.

### Descrição:

Os jogadores divididos em dois partidos, são dispostos em duas colunas que se confrontam, separadas uma da outra pelo espaço de seis metros. Os jogadores são numerados em ordem crescente.

O primeiro jogador de um dos partidos estará de posse de uma bola e dado o sinal de início, deverá arremessá-la longe, mas em direção ao outro partido. Este se dispersa e, correndo, procura apoderar a bola e refazer o mais depressa possível a sua coluna no lugar onde a bola foi arremessada.



Enquanto isto não for conseguido, o jogador que arremessou a bola deverá dar tantas voltas quantas possíveis ao redor de sua coluna. Todos os jogadores deste partido deverão contar em voz alta e em conjunto o número de voltas dadas até soar o apito indicando que a outra coluna está reformada.

O primeiro jogador irá postar-se atrás do último companheiro de sua coluna e o segundo tomará o seu lugar e procederá de maneira idêntica àquele e assim sucessivamente até que todos tenham arremessado a bola.

Será considerado vitorioso o partido que conseguir maior número de pontos (voltas).

— o —

### 4 — "ACERTAR NO BASTÃO"

#### Objetivos específicos:

- 1 — oferecer oportunidade para educar o sentido de direção e precisão de movimentos;
- 2 — orientar e mostrar a necessidade e obediência às regras do jogo;
- 3 — desenvolver principalmente as seguintes qualidades: auto-domínio, confiança em si, atenção, perspicácia, observação e cooperação.

Local: pátio ou campo gramado.

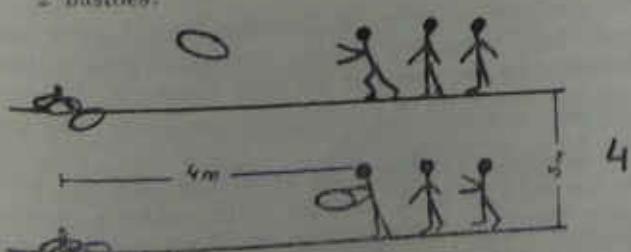
Número de participantes: 30 no máximo, n.º par.

Formação: duas colunas.

Idade: 9 a 12 anos.

Material: 6 arcos de vime de 30 centímetros de diâmetro.

2 bastões.



#### Descrição:

Os jogadores divididos em igual número, formam duas colunas separadas uma da outra pelo espaço de três metros.

O primeiro jogador de cada coluna, postado sobre a linha de partida estará de posse de três arcos de vime de

30 cm. de diâmetro e terá à sua frente a uma distância de quatro metros, um bastão enterrado no solo.

Dado o sinal de início, o primeiro jogador de cada coluna arremessa um dos arcos procurando encalhá-lo no bastão. Não conseguindo continha arremessando até acertar ou até atingir todos os arcos que ficam nos muros. Um segundo corre e aponta os arcos que é o próprio arremessador e leva-os ao segundo jogador que tomou seu lugar na linha de partida entregando e vão postar-se atrás do último companheiro de sua coluna.

Ao receber os arcos o segundo jogador repete a ação de seu antecessor.

Será considerado vitorioso o partido cujo último jogador terminar sua tarefa em primeiro lugar.

— o —

### 5 — "DANÇA NUM PÉ SÓ"

#### Objetivos específicos:

- 1 — dar às crianças oportunidade de se expandirem compreendendo seu prazer em saltar e cantar;
- 2 — estimular o desenvolvimento das coordenações neuro-musculares;
- 3 — auxiliar a aquisição do sentido do ritmo;
- 4 — desenvolver principalmente as seguintes qualidades: agilidade, equilíbrio, auto-domínio e obediência.

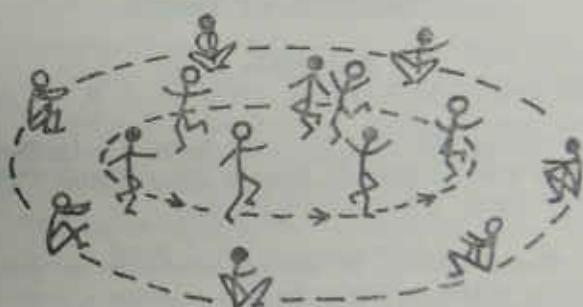
Local: pátio ou campo gramado.

Número de participantes: indeterminado.

Idade: 7 a 9 anos.

Formação: círculo.

Material: um pandeiro.



5

#### Descrição:

Dispõem-se os jogadores em círculo, numerados por pares, formando dois partidos. Ao sinal de início, começam a saltar num pé só, todos girando para a esquerda ou direita. Aqueles que pisarem com os dois pés no solo serão desclassificados e irão formando um círculo exterior, sentados com as pernas flexionadas ao mesmo tempo que cantam e batem palmas, incentivando aos demais que continuam a saltar.

Transcorrido o tempo determinado para o jogo, será considerado vencedor o partido que contar com o menor número de jogadores eliminados.

— o —

### 6 — "O CAÇADOR"

#### Objetivos específicos:

- 1 — proporcionar às crianças situações intensas de jogo que satisfazem seu desejo de dominar o ambiente e de medir-se com os companheiros;
- 2 — auxiliar o desenvolvimento das coordenações neuro-musculares;
- 3 — oferecer às crianças oportunidades para eliminar as causas de timidez e agressividade;
- 4 — desenvolver principalmente as seguintes qualidades: atenção, memória, agilidade, honestidade e observação.

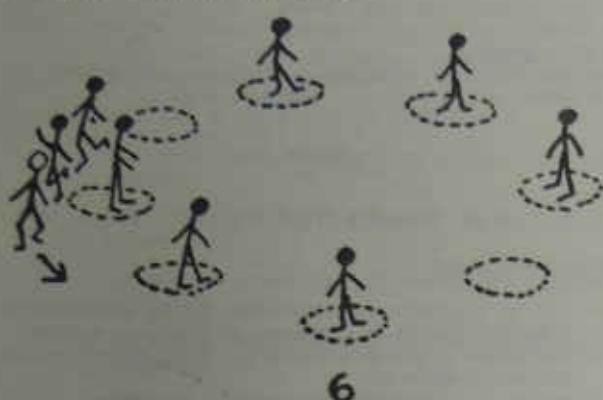
Local: pátio ou campo gramado.

Número de participantes: indeterminado.

Idade: 7 a 9 anos.

Formação: círculo.

Material: saquinhos de areia.



#### Descrição:

Dispõe-se os participantes em círculo, com exceção de um que ficará fora e será o "caçador".

Cada jogador deverá marcar o seu lugar com um pequeno círculo à volta de seus pés, ou com um saquinho de areia se o campo fôr gramado.

O "caçador" dará a cada jogador o nome de um animal de caça. Feito isto, começará a percorrer o círculo pelo lado de fora, dizendo: — "Fui à floresta e caeci um..." — e dirá o nome de um dos "animais" que por sua vez, colocar-se-á atrás do "caçador". Este continuará a chama-lo até ter "cagado" todos os "animais". Então o "caçador" iniciará uma "marcha em serpentina", longe dos círculos marcados.

Em dado momento o professor fará soar o apito e todos os jogadores deverão correr e entrar num dos círculos.

Será considerado vitorioso o jogador que chegar em primeiro lugar a um dos círculos. Este será o "caçador" do jogo seguinte.

Observação: Se o número de crianças fôr superior a vinte, poderá ficar estabelecido para cada "nome de animal", dois jogadores. O círculo deverá ser aumentado para comportar os dois jogadores.

## COMENTARIOS BIBLIOGRAFICOS

### MÉTODOS DE ENSINO

Prof. Hilda Silva

Orientadora de Educação Primária — R. G. do Sul

FORGIONE, José D. — *La Lectura y La Escritura Por El Método Global*. Buenos Aires, Editor "El Ateneo", 1950. 213 p. — 4.ª Edição.

**Conteúdo:** a) Do método alfabetico ao global — esboço sobre a evolução dos métodos e comentário sobre as respectivas vantagens e desvantagens.

b) O método global — sucinta explanação das vantagens que apresenta, bem como de sua correspondência à psicologia infantil.

c) Diretrizes metodológicas — sugestões para o período de adaptação, modelo de um plano de trabalho, trechos em prosa e verso para serem apresentados às crianças.

**Apreciação:** O livro é interessante e dá oportunidades referências sobre o desenvolvimento do trabalho pelo método globalizado em leitura e escrita.

Cumpre ressaltar o emprego de exemplos mais adequados à alfabetização em língua espanhola.

roso Senise e editado pela Asir, 1957, 434 páginas. Pertence à coleção "Vidas de Hoje" e é autobiográfico.

Ficção? Ciência? Filosofia? Política?

Não. É mais que tudo isso: é vida; vida humana autêntica e corajosa, miserável e rica, sofredora e bela. Não a aventura de viver de uma única pessoa — quem poderia viver só, isolado, num mundo onde somos constantemente solicitados e desprezados, amados e odiados, por maior ou menor número de pessoas, num movimento contínuo, perpétuo e envolvente de fatos, como um rio tumultuoso? É a história viva e atual de um pouco da humanidade de hoje, de centenas e milhares de pessoas identificadas com a dor humana mais elementar: o direito que cada um de nós tem de trabalhar, comer, morar e amar com dignidade; a licença que todo homem pede à sociedade para ultrapassar as limitações impostas ao animal ou à máquina, a fim de encontrar a si mesmo para alcançar a finalidade última de todas as buscas — Deus.

Na verdade, a vida de Dorothy Day é uma completa aventura, uma luta séria e constante que a leva a embrenhar-se em procura de uma unidade, de uma luz, que lhe assegure a descoberta de Deus. Sempre

fiel a si mesma, afunda-se no problema que aflige os pobres da cidade e do campo para emergir com o "Catholic Worker" (trabalhador católico), organização social cristã que se multiplica em sementeira de movimentos e instituições comunitárias. Seu objetivo é mobilizar os desamparados para induzi-los a reivindicar seus próprios direitos e organizarem-se em associações de classe. É assim que nos mostra um pôr-do-sol da América, ignorado por muitos; oferece a visão global de problemas de um mundo do qual não

### EDUCAÇÃO MORAL, CÍVICA E RELIGIOSA

#### A LONGA SOLIDÃO

"Todos conhecemos um dia a longa solidão, e verificamos que o único remédio, a única solução é o amor". (Dorothy Day).

Generice Vieira

DAY, Dorothy — "A Longa Solidão" — The Long Loneliness — foi traduzido por Maria Helena Amo-

se tem notícia, quando se procura conhecer a grandeza espiritual e material do povo americano.

Pode afirmar-se que seu trabalho na América do Norte como o de Abbé Pierre na França, encerra "a mensagem de um cristão que considera os Evangelhos como um todo vivo, capaz de afirmar a sua pregação e a sua capacidade de intervenção e resolução de problemas, se, em vez de recitados, forem cumpridos; se, em vez de uma fonte de citações pedantes ou beatas, forem o centro irradiador de uma atitude, a convergência de um esforço, o caminho de uma redescoberta de verdades pela afirmação real, prática e exemplar".

De seu convívio com comunistas opaixionados e religiosos frios, fica-lhe amarga insatisfação: "Esses militantes comunistas partiam sem hesitar para onde quer que fossem mandados; guardavam nítida a noção de sua missão no mundo e aceitavam tudo o que ela comportava de penoso. Ah, se eu pudesse inculcar nos católicos esse mesmo zelo, com as armas espirituais de que dispõem!"

Examinando o sentido da obra, diz um comentarista: "Neste livro, mais empolgante que o melhor dos romances, Dorothy Day, diretora do "Catholic Worker", conta-nos sua vida desde a infância, as primeiras lutas sociais nos movimentos de extrema esquerda, sua conversão ao catolicismo ao cabo de longa e árdua procura de Deus. Desde então, seu ideal de uma vida nobre e integralmente consagrada aos serviços dos infelizes, a obra realizada ao lado de Peter Maurin e que ainda continua hoje, no bairro mais deserto de Nova Iorque e, em particular, à criação de casas de acolhimento e de pequenas fazendas comunitárias".

Não há paixão, pressa ou transbordamentos no modo simples e objetivo da autora narrar fatos ou expor idéias, mas sente-se que todo esse mundo de coragem e beleza que ela nos oferece em seu livro, é de certo modo, projeção da lucidez, coerência, dinamismo e equilíbrio de sua própria personalidade.

---

DAY, Dorothy — "A Longa Solidão". (Tradução de Maria Helena Amoroso Lima Lenise). Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editora, 2957, 434 págs.

---

## BIBLIOGRAFIA PARA ARTES APLICADAS

### Costura:

1. "Needlecraft" — William H. Johnson, Ph. D. y Louis V. Nevokirk, Ph. D.
2. "The new Encyclopedia of Modern Sewing" — Francis Blodin — Published by WM — H. Wise & Co., Inc. New York — 1947.
3. "Confección de juguetes de Paño", Buenos Aires — Argentina.
4. "Dressed Soft Toys" — Edith Moody — The Dryad Press Leicesters.

### Chochet:

1. "The complete book of Crochet" — Elisabeth L. Mathiesen

### Tricot:

2. "The world publishing company — Cleveland and New York

### Rafia:

1. "Simple Basketry For Homes and Schools" — Mabel Rofey — Pitman Publishing Corporation, New York — Chicago.

2. "Rafia" — Annie L. Bass — Pitman's Craft — For — all — Series.

3. "Canework" — Charles Champton.

4. "Weaving" — A Practical Textbook for Schools — R. K. S. M. I. R. — Polkinghorne — Published, Inc. Pelham — New York.

5. "The Textile Arts" — Johnson A. Newkirk — The Macmillan Company New York.

6. "Empalhação, Estofaria e Cestaria" — Coleção Senai, de Tr. Manuais (n.º 1).

7. "Rafia Work" — Manual Art Press — The Dryad Press — Leicester (Great Britain).

8. "Palmetto Braiding Weaving" — Diva Cook and Julia Sampley — The manual art Press.

9. "Creative Handicrafts" — Mabel Raegh Hutchins — Published by "Sentinel Books" — 112 East Nineteenth Street — N. Y.

10. "Things for girls to do" — Lillie B. V. — Arthur C. Horst J. B. Lippincott Company — N. Y.

11. "Hand Weaving With Reeds and Fibers Gallingen V. Benson" — Pitman Publishing Corporation — N. Y.

12. "Das Elementare Ornament und seine Gesetzmäßigkeit" — Otto Maier Verlag Ravensburg.

13. "Werkbuch für Selbsthilfe im Hause" — Dr. A. Sprengel, Prof. K. Nothelfer und Else Sixel — Otto Maier Verlag Ravensburg.

14. "Willow Basket — Work" — A. G. Knock — The Dryad Press — Leicester — England.

15. "Use of native materials" — Margaret Eberhardt Shunklin (The Manual Art Press — Peoria — Illinois).

16. "Dressing for canvas work with raffia and wool" — Agnes Winter.

### Revistas:

"School — Arts"

"The Davis Press", Inc. Publishers

"183 — Printers Bldg".

Worcester 8, Massachusetts — E. U.

# "DATA DA FUNDACÃO DE PORTO ALEGRE"

(Integra do Parecer do Instituto Histórico e Geográfico)

## PARECER

Há que esclarecer, inicialmente, um término do problema: que se deve entender por fundação de Porto Alegre?

Parece-nos evidente que não se pode cogitar, na hipótese, do povoamento da região geográfica em que a cidade nasceu e se fixou. A questão, ali, seria outra, e, o que é mais grave, seria de todo insolúvel. Como indicar com segurança, ou mesmo com certeza, aproximada, a data em que se estabeleceram, nas terras em que se elevou depois a cidade, os primeiros povoadores?

É necessário refletir nessa circunstância, essencial no caso: a fundação de Porto Alegre se fez lentamente, de forma espontânea, mediante um processo de aglutinação que não obedeceu a nenhum preceito prévio, a nenhuma fórmula preestabelecida. O "sítio do Dorneles", ou o "porto de Viamão", ou ainda o "porto dos Casais", não constituiam mais do que um acidente geográfico, igual a muitos outros, encravado nos "campos", ou no "distrito", de Viamão, a que estava vinculado, política e administrativamente. Esses designativos não eram mais do que a referência, útil e necessária, a um local, a uma zona, a uma região: — unidade perdida na soma global do vasto município de Viamão. A pouco e pouco, em um esforço lento e prolongado, graças a uma situação privilegiada, que impressionará inicialmente aos povoadores, e depois os agentes do poder público, e que mais destacada se tornará com a chegada dos casais açorianos, é que a população irá se adensando, ao saber dos tempos e dos acontecimentos, até se apresentar com as características de um verdadeiro agregado humano, capaz da conquista da sua autonomia.

E mister encarar assim, em face dessas condições peculiares, o problema da fundação de Porto Alegre, para dar-lhe uma solução acertada, dentro de um critério histórico sadio e seguro.

O processo de averiguação tem de ser outro. Cidades como S. Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, por exemplo, foram fundadas, pode-se assim dizer, em datas certas, prefixadas, fáceis de indicar, porque houve, para isso, uma determinação anterior, um propósito oficial, uma sequência de atos próprios a excluir qualquer dúvida ou incerteza. Thomé de Souza desembarcou em S. Salvador para fundar uma cidade, e deu-lhe de imediato esse caráter, organizando os seus corpos administrativos, dando posse a funcionários que com ele trouxeram; Estácio de Sá funda o Rio de Janeiro e outorga-lhe em seguida as prerrogativas comunais, criando o Conselho de Vereança e nomeando o Juiz ordinário da terra; Belo Horizonte é fundada por um decreto do poder público.

Nada disso ocorre com Porto Alegre: e o que ocorre com a capital do Rio Grande do Sul é uma série de contradições, de incertezas, de atos quase inexplicáveis, que de sobejos justificam as dúvidas até hoje reinantes: não é vila ainda, e já é capital, é sede de governo; é vila há muito tempo, e a própria autoridade, nas linhas solenes de um alvará, nega-lhe a prerrogativa, para concedê-la de novo, como adiante se verá.

Rastreemos, em um esforço de síntese, as fases enunciadas da evolução de Porto Alegre.

Em 1732, as terras em que hoje se estende a linda cidade gaúcha, já estariam ocupadas, pelo menos, por três povoadores: Jerônimo Menezes de Ornelas e Vasconcellos, Sebastião Francisco Chaves e Dionísio Rodrigues Mendes, deixando este último o seu nome eternizado na toponomia local, na "Ponta do Dionísio";

— em 29 de março de 1736 é concedida uma sesmaria, nessas terras, a Sebastião Francisco Chaves;

— em 5 de novembro de 1749, é concedida a Jerônimo Menezes de Ornelas e Vasconcellos, outra sesmaria, nessas mesmas terras;

— em 1752 tem começo a colonização oficial, com a chegada dos casais açorianos;

— em 1762, Jerônimo Ornelas vende a sua sesmaria a Inácio Francisco;

— em 26 de março de 1772 é criada a freguesia de São Francisco do Pôrto dos Casais, nesse dia desmembrada de Viamão;

— nesse mesmo ano de 1772, em 12 de junho é desapropriada a fazenda de Inácio Francisco, para nela serem demarcados os terrenos necessários à edificação de moradias para os casais e para a igreja matriz;

— em 24 de julho de 1773 a capital do Continente é transferida de Viamão para o Pôrto dos Casais.

A elevação de Porto Alegre a vila é um ponto controvérsio, que dá idéia da variabilidade da legislação referente à capital gaúcha.

Afirmava-se que foi elevada à vila em 23 de abril de 1790; no Museu "Júlio de Castilhos", do Estado, existe um documento, assinado pelo Marquez de Lavradio, em 2 de agosto de 1773, em que a chama de vila, roborando, aliás, o que dissera José Marcelino de Figueiredo, na ordem de mudança da capital, de 24 de julho de 1773, onde afirmava que "iria criar vila".

Entretanto, o Alvará de 23 de agosto de 1808 textualmente diz:

“— Fui servido por imediata Resolução de vinte e seis de Janeiro de mil oitocentos e tres, tomada em Consulta do Conselho Ultramarino, crear o Lugar de Juiz de Fóra da Villa de Pôrto Alegre, Nomeando para elle Magistrado e arbitrando-lhe o ordenado de quatrocentos mil reis, por outra imediata Resolução Minha de vinte e quatro de Julho de mil oitocentos e sete, tomada em Consulta do mesmo Conselho: E constando-me que apesar destas determinações, nem o referido lugar fôra criado por Alvará ou Carta de Lei, nem aquella notável Povoação fôra nuncas eregida em Villa; como cumpria em atenção ao disposto nas Minhas Leis, e aos Costumes desta Monarquia: Quando fazer Mercê aos Moradores da referida Povoação, denominada há muito Villa, sem que contudo fosse legalmente criada por especial Decisão Minha; e convindo fazeloo em consideração ao augmento da população, extensão do seu território, riqueza, e Comércio, e a ser o lugar de residência do Governo, hoje em dia elevado a Capitania Geral, merecendo por isso maior contemplação: Por todos estes motivos, e por muitos outros assim ponderosos, e que são dignos da Minha Real Consideração; hei por bem crear Villa a sobredita Povoação de Pôrto Alegre, para que seja, por tal havida, e nomeada, e tenha todos os Privilegios, Liberdades, Graças, e Isenções, que tocão ás Villas notáveis, e de que gozão as outras Villas deste Estado do Brazil mais privilegiadas: E outrossim hei decretar criar para elle o Lugar de Juiz de Fóra do Civil, Crime e Orfãos com o ordenado de quatrocentos mil reis cada hum anno, e com os emolumentos, que vence o Juiz de Fóra da Villa de Santos”.

Os termos desse Alvará, de 1808, documentam e comprovam, de forma eloquente, os avanços e recuos, as confusões e incertezas que predominaram na evolução da vida política e administrativa de Porto Alegre. E mostram, também, como é necessário encarar esse assunto com prudência e rigor, sob pena de graves erros e inevitáveis desvios.

Como já ficou referido, só em junho de 1772 foram demarcados, na fazenda de Inácio Francisco, pelo Capitão Alexandre José Montanha, os terrenos para a construção das casas do povoado, e da igreja matriz. A região sem dúvida tinha moradores e habitações, a esse tempo, mas, note-se bem, em propriedade particular, privada, e dispersas, sem nenhuma ordem, sem as características de uma povoação, o que só depois desses atos passaria a ter, o que se tornava necessário porque, por provisão de 26 de março de 1772, fora criada a Freguesia de S. Francisco do Pôrto dos Casais, desmembrada da de Viamão. Foi nesse dia, 26 de março de 1772, que Porto Alegre se emancipou da jurisdição de Viamão, criou personalidade própria, deixou de ser, apenas, uma faixa de terra pertencente ao distrito da antiga Capela Grande.

Que antes disso não existia uma "povoação", no sentido exato do termo, provam-no dois documentos. O primeiro é uma carta do governador José Custodio de Sá e Faria, datada de 10 de janeiro de 1708, em Capela de Viamão, e dirigida ao Conde de Azambuja, vice-rei e capitão-general do Estado do Brasil, na qual o governador textualmente escreve:

"— Idei outra povoação no porto dos Casais; porém, como não há meios, tudo se acha parado; esta havia erigido em nome do Senhor Santo Antônio".

O segundo é o aviso de José Marcellino de Figueiredo, à Câmara de Viamão, que convém transcrever na íntegra:

"— Participo a Vmes, haver mudado a minha residência com a provedoria para este porto que o Ilmo. e Exmo. Marquez Vice-Rey do Estado determinou fosse a capital destas províncias cujo motivo coacorreu com o que estava de sua parte o exc. e rev. sr. Bispo Diocesano, mandando logo que feve esta noticia se passar como efetivamente se passou a residencia da Vara desta Comarca Eclesiástica e o Cartório dela para este porto. Estas circunstancias me fazem persuadir que Vmces, não hesitarão um só momento em mudarem sua residencia do Arrayal do Viamão com o Cartorio e mais ditos oficiais para este dito Porto, que brevemente hei de crear villa na forma das ordens com que me acho e porque me parece a sua mudança logo muito conveniente no serviço d'el — rei Nossa Senhor e aumento desta capitania, e o descanso das partes me parece rogar-lhes se mudem para aqui, para dar motivo a que mostrem a unidade e a subordinação que devem no seu Governo, dar-lhe ordens o referido de parte do mesmo Senhor. — Porto Alegre, 24 de Julho de 1773. — José Marcellino de Figueiredo".

Era, assim, Porto Alegre, capital, antes de ser cidade, e mesmo antes de ser vila. Não esqueçamos, porém, que os tempos corriam maus: com a invasão dos espanhóis, em 1763, Rio Grande, capital, perdeu essa qualidade, pois que Viamão, tomada pelo inimigo, e capitais foram depois Viamão e Porto Alegre, de acordo com as necessidades do momento, com as exigências de natureza militar, pois que a sede do governo teria de estar onde estivesse o governador, ao mesmo tempo comandante geral das forças em operação.

Três datas nos são apontadas como da fundação de Porto Alegre: 5 de novembro de 1740, dia em que foi assinada a concessão de sesmaria a Jerônimo de Menezes Ornelas e Vasconcellos; 9 de dezembro de 1773, data de um aviso

de José Marcellino de Figueiredo; e a chegada dos casais aportianos, em 1747.

A primeira delas deu motivo a longa controvérsia, em 1940, aceita por alguns como data de fundação, por outros como data do início de colonização e por outros em absoluto recusada.

Firmado o princípio de que se cogita, não de simples povoamento, mas de fundação propriamente dita, da cidade de Porto Alegre, há que excluir a data de 5 de novembro de 1740. O fato de, nesse dia, haver sido assinada uma carta de sesmaria, sujeita, alias, aos atos legais supervenientes de confirmação e registro, compreendendo terras em que mais tarde se desenvolveria a cidade, não pode ser considerado como dia de fundação da mesma cidade. E se esse critério fosse admitido teríamos, então, por força de lógica, de preferir a data de 30 de março de 1736, em que foi assinada, quatro anos antes, a concessão de outra sesmaria, em condições idênticas, abrangendo terras que Porto Alegre viria também ocupar.

O aviso de 9 de dezembro de 1773, ulterior à própria elevação a capital, não pode, também, a nosso juízo, ser considerado como data de fundação, o que ocorre com a chegada dos casais aportianos, que se deu depois de 1747, e constitui somente uma fase do processo de povoamento.

Dessa longa exposição, a que nos julgamos obrigados, quer pela importância do objeto de uma consulta do sr. Prefeito Municipal, quer pelo desejo de esclarecer, quanto possível nos fosse, matéria tão duvidosa e controvertida, parece-nos que a conclusão a tirar é a seguinte: Porto Alegre foi fundada em 26 de março de 1772, dia em que, criada a freguesia de S. Francisco do Pôrto dos Casais, emancipouse de Viamão, tornou-se uma unidade demográfica, adquiriu, repelimos, personalidade própria, passou a ser um aglomerado humano distinto. Os atos subsequentes: desapropriação e demarcação da fazenda de Inácio Francisco, para a construção de moradias e igreja matriz, em 1772; criação da paróquia, e mudança de orago, em 18 de janeiro de 1773; elevação a capital, em Julho desse mesmo ano; primeira sessão da Câmara Municipal, em 6 de setembro de 1773; foram complementares do processo de autonomia e organização iniciado com a criação da freguesia. Autoridades civis e eclesiásticas, convém advertir, agiam, nesses tempos, de perfeito acordo, com plena harmonia de vistas. A provisão de 26 de março de 1772 é desse exemplo expressivo: e foi ela, a nosso juízo, que fundou a povoação pequenina e pobre, que o futuro faria cidade rica e próspera. Tão pobre, na época, que o bispo D. Antônio do Desterro, em 10 de abril de 1772, teria com ela esse gesto de benevolência e caridade cristã: "Há de servir este livro para o assento dos Baptismos de Livres e Escravos da Freguezia de São Francisco do Pôrto dos Casais do Distrito de Viamão d'este Bispado, onde fará o Revd.º Parochio os assentos dos livres de fls. 1 até 199, e dahi até o fim o assento dos escravos. Será numerado e rubricado de graça attenta a pobreza da Freguezia".

Graças ao esforço de várias gerações, a pobreza de 1772 transformou-se na riqueza material e cultural de uma das maiores cidades do Brasil.

Em conclusão: a cidade de Porto Alegre, cujo povoamento teve começo, mais ou menos, em 1732, foi fundada no dia 26 de março de 1772, em que foi elevada a freguesia, desmembrada de Viamão.

Sala das Sessões 1.º de dezembro de 1953.  
A comissão de história e geografia.  
Afonso Guerreiro Lima  
Moysés Vellinho  
Othelo Rosa, relator.

# REPORTAGEM E ENTREVISTA

E' necessário esclarecer aos alunos repórteres dos jornais escolares a diferença entre reportagem e entrevista.

De um certo modo, todo trabalho do repórter é realizado, praticamente, através de entrevistas. Para publicar as notícias, o jornalista-mirim se valerá delas para conseguir as informações necessárias.

Por exemplo: — No Concurso de Matemática, os pequenos repórteres fariam perguntas aos professores organizadores da prova, pais de alunos, professores observadores, diretor e professores do Estabelecimento onde o mesmo se realizou, no sentido de levar notícias aos leitores de seus jornais escolares. Para relatar o acontecimento, precisariam ouvir fontes informativas usando a entrevista como recurso para obter informações.

Isso, no entanto, não é, a rigor, uma entrevista. Esta caracteriza-se principalmente por uma conversação entre o repórter e uma pessoa que o interesse, pelas notícias que pode oferecer a seu jornal. Nesse caso, são formuladas perguntas para obter respostas expressivas sobre o assunto em foco.

Numa entrevista, o repórter deve limitar-se ao que foi dito pelo entrevistado. Pode usar uma das três formas, as mais correntes, quando redigir o texto:

- transcrever textualmente suas respostas e opiniões sob a forma de diálogo;

- redigir a notícia com expressões suas que não desvirtuem o sentido das respostas, alternando-a com citações do entrevistado, escritas entre aspas;

- escrever as informações como notícia, na terceira pessoa, divulgando fielmente o que ouviu, sem emitir impressões pessoais, exceto se for para valorizar o que lhe foi dito.

A reportagem dá maior liberdade ao repórter e dele exige uma visão multipla, tanto de aspectos, como das condições do meio em que ele fará suas observações. Não prescinde da entrevista como recurso informativo, o que já foi explicado no inicio. Tem um sentido mais amplo, dentro do qual o repórter informará não só o que ouviu, como também o que achou, viu, pensou etc.

Atualmente, considera-se boa reportagem a que atende a seis perguntas fundamentais:

- Quem? — O quê? — Quando? — Onde? — Como? — Por quê?

Essas seis perguntas fazem a "cobertura" completa de uma reportagem.

Assim, no último Concurso de Matemática, o aluno repórter informaria:

- Quem estava presente no Concurso? (Alunos, pais, professores. Falaria sobre eles: características pessoais, atitudes, opiniões etc.).

- O que aconteceu ali? (O concurso: antes, durante e depois).

- Quando foi realizado? (Data, hora, inicio).

— Onde foi realizado? (Impressões sobre as condições locais: descrição do prédio com detalhes interessantes. Oportunamente, informações sobre o SENAI: finalidades, serviços prestados, colaboração no concurso).

— Como foi realizado? (Quem organizou a prova, quem aplicou, como foi recebido pelos alunos, atitude dos alunos e professores na ocasião, duração da prova, etc.).

— Por que foi realizada? (Explicação dos antecedentes: Campanha de Matemática nas Escolas e Distritos Educacionais, finalidade educativa etc.).

Essas perguntas não obedecem à mesma ordem para toda e qualquer reportagem: variam de acordo com a espécie de acontecimento. A que desperta maior interesse nos leitores deve ser primeiramente respondida. Começa-se sempre do mais importante e interessante, ao historiar uma reportagem. Se o leitor não descobrir, no inicio, interesse pelo assunto, certamente abandonará a leitura, o que se deve evitar.

## Importância das perguntas numa entrevista

Os pequenos repórteres escolares devem se habituar ao planejamento e preparo das perguntas que irão formular. Depois, arrumá-las numa ordem tal, que lhes facilite conduzir a entrevista ao campo de informações desejado.

Considerem com atenção essas sugestões, quando fizerm suas entrevistas:

- \* Faça perguntas corretas — Informe-se com antecedência tanto quanto possível, sobre profissão, interesses, passatempos do entrevistado ou sobre o assunto a ser tratado com ele, como interrogá-lo convenientemente.

- \* Faça perguntas que despertem confiança — No princípio da entrevista faça isto para estabelecer um clima cordial entre você e o entrevistado.

- \* Faça perguntas diretas — Se você quer informações sobre um determinado assunto em foco, pergunte diretamente para ser bem entendido.

- \* Faça perguntas que motivem — É frequente o entrevistado responder incompletamente às perguntas ou perder a seqüência do assunto. Estimule-o com perguntas que lhe mostrem o que é preciso esclarecer e como completar o sentido da informação, retomando o assunto.

- \* Empregue perguntas sugestivas — Esse tipo de pergunta só deve ser usado para ajudar o entrevistado quando um conceito não ficou bem claro e você acha que ele poderá simplificá-lo, através da resposta sugerida.

Concluindo, pergunte ao entrevistado se poderá procurá-lo novamente, para uma informação adicional, quando estiver redigindo o texto da entrevista. Sugira-lhe, delicadamente, que leia o texto, antes da publicação, para verificar possíveis enganos de interpretação ou de transcrição de suas palavras.

# A experiência de Vanves - Uma Tentativa de Educação Integral

Prof. Jacinto F. Targa — R. G. do Sul

Os filósofos, os pedagogos e os educadores desde a Grécia Antiga até os tempos modernos são acordes em propugnar por uma Educação integral, entretanto na realidade, muito pouco se faz nos nossos educandários para realizá-la. A preocupação principal é cumprir os programas com matérias teóricas e as aulas passam a ser concentradas numa manhã ou numa tarde, sacrificando-se o tempo de recreio, às vezes. Na maioria dos estabelecimentos de ensino, a Educação Física é considerada uma prática sem maior importância, que atrapalha a leitura aos alunos.

Dedicam duas horas semanais para satisfazer a exigência mínima estabelecida pelo Ministério de Educação e Cultura. Portanto em um ano executam-se menos de 60 sessões e com isso se pretende realizar formação psico-somática de um jovem ou de uma criança, preparando-o para enfrentar a vida... Mas não são só os diretores e professores que lançam o descredito sobre Educação Física. Os próprios pais contribuem muito para isso, pois passam a se preocupar somente com as disciplinas que têm exames, julgando perda de tempo na escola as práticas de canto, ginástica, jogos, esportes, educação-cívica, moral e religiosa. Por sua vez eles não têm tempo ou meios para completar a ação da Escola e depois pasmam-se quando ficam sabendo que seus filhos incorporam-se à massa da tristemente famosa "Juventude Transviada". O Código Canônico em seu cão n.º 1113 diz: "Os pais têm a gravíssima obrigação de zelar, segundo as suas possibilidades, pela educação religiosa, moral, física e cívica de seus filhos, bem como providenciar o seu sustento temporal". E pois, sumamente alentador quando se tem a notícia de que alguns ginásios e colégios de nosso País vão ensaiar uma nova forma para a execução dos programas oficiais.

Temos esperança que esses estabelecimentos voltem suas vistas para os aspectos físico, cívico e moral, dedicando mais algumas horas para essas atividades. Esperamos que essas escolas proporcionem aos educandos uma recreação dirigida, sadia e interessante para satisfazer os anseios da mocidade e aliviar suas tensões emocionais, deviando-os do caminho do crime e da perdição. Evidentemente não será possível alcançar todos os objetivos si os estabelecimentos pretendem executar os programas num único turno, ou pela manhã ou pela tarde.

A título de sugestão, oferecemos abaixo um resumo de uma experiência feita na França, em Vanves, que, com as devidas adaptações ao nosso meio, poderá fornecer interessantes sugestões para os colégios que participarem do movimento de Reforma do Ensino Secundário no Brasil.

Dada a impossibilidade de integralmente descrever essa experiência, faremos apenas um resumo e uma apreciação rápida.

Vanves foi escolhida para experiência por ser uma localidade bem situada, possuindo um estádio bem aparelhado, um local para exercícios junto à própria escola, tendo em suas proximidades amplos bosques e gramados, além de instalações desportivas bem equipadas. A experiência tentada em Vanves teve por finalidade fornecer aos jovens escolares uma vida mais ativa e mais agradável, possibilitando-lhes um melhor desenvolvimento tanto sob o ponto de vista físico como intelectual. O regime escolar na França é bastante severo, como poderíamos perceber pelos dados que seguimos, pois durante 37 semanas por ano os alunos são obrigados a executar 25 horas de trabalho intelectual, em classe e 5 horas de exercícios físicos sendo 2 sessões de 30 minutos de Educação Física, 2 horas e meia de recreação e 1 hora e meia de trabalho ao ar livre. As estás 25 horas de classe é preciso ainda acrescentar 10 horas de estudo à tarde, para os alunos de 12 a 13 anos, sem contar o tempo consagrado aos deveres escolares a domicílio. Evidentemente é uma sobrecarga que conduz, facilmente, os mais fracos ao esgotamento. O Dr. Lesne é de parecer que as horas de repouso deveriam ser aumentadas e que o trabalho à noite, após o jantar, deveria ser suprimido, a fim de permitir um repouso de 9 a 10 horas de sono. As duas turmas escolhidas para a experiência foram uma classe de 32 alunos de 12 a 13 anos do último ano da Escola Gambetta e outra classe normal de outra escola pa-

ra servir de comparação. A média de idade da classe experimental é de 13 anos, 3 meses e 6 dias e da outra 13 anos, 5 meses e 18 dias.

A classe experimental foi dotada de uniforme e equipamento necessário, para a prática de todas as atividades físicas. Além das instalações ao ar livre foram postos à disposição uma sala para ginástica corretiva e uma piscina (Molitor). Uma peça da própria escola foi preparada para servir de sala de repouso. Cada aluno passou a receber meio litro de leite acucarado para comer com pão com vitaminas. Um micro-ônibus era posto à disposição 2 vezes por semana, pela municipalidade, para conduzir os alunos à piscina. O trabalho intelectual foi diminuído de 3 horas 45 minutos semanalmente, de modo que o professor da classe teve de usar expedientes especiais para dar todo o programa, sem fazer uso dos processos audio-visuais modernos como cinema, rádio, televisão, etc. A classe de experiência passou a ter duas sestas (treponso de cérce de meia-hora após o almoço do meio-dia e após o lanche das 16 horas). A quinta-feira à tarde era livre para a classe normal, como é costume em toda a França, enquanto que a classe experimental não tinha essa vantagem. Nos sábados à tarde também havia atividades escolares. Foi suprimida também a hora e meia de atividades ao ar livre (plein air), que estava a cargo do professor da classe, em benefício da Educação Física. Desta forma ficaram 15 horas para a Educação Física e 5 para a sesta. A assistência médica, confiada ao Dr. Fourestier, foi rigorosa; exame individual minucioso com radioskopias tomada da tensão arterial, exame de urina, consultas com especialistas, controle regular do peso, medida da estatura, testes tuberculinicos, etc. A colaboração entre o médico e o professor de Educação Física foi muito estreita, exemplo que merece ser seguido por todos. Segundo o Dr. Fourestier a merenda da tarde (leite e pão) tinha por objetivo não tanto aumentar a reação alimentar, mas oferecer, após o esforço físico, uma alimentação completa e enérgica, rapidamente conveniente e compensadora".

Convém salientar também que as atividades físicas foram localizadas no turno da tarde, junto com desenho, trabalho em oficinas, sesta, lanche, etc.

O turno da manhã, das 8 às 11:30, era consagrado ao ensino.

Os alunos voltavam para casa para fazer a refeição, devendo estar de volta às 13 horas, quando começava a sesta de meia hora.

Das 13 horas às 16 horas 30 tinham trabalhos de desenho, no atelier, ao ar livre (plein air), iniciação esportiva e natação (2 vezes por semana). Às 16:30 era fornecida a merenda seguida da sesta. O estudo era feito das 17 às 18h.30, depois do que voltavam os alunos para casa.

Os resultados dessa experiência foram objeto de uma comunicação feita à Academia Nacional de Medicina de Paris, na Sessão de 29 de Julho de 1932, do Inspetor General de Educação Física Roberto Huguet, do Chefe do Serviço Acadêmico da Academia de Paris, do Inspetor M. David, Diretor de Ensino do Departamento do Sena e do Dr. Fourestier, médico da Escola Gambetta, apresentada pelo Professor Tanon, antigo titular de cadeira de Higiene na Faculdade de Medicina de Paris. Os resultados morfo-fisiológicos foram verdadeiramente alentadores. As medidas biométricas atestam as vantagens da classe de experiência sobre a outra que seguia o regime antigo, conforme as médias feitas mensalmente. As diferenças entre a classe normal e a classe experimental, na altura, no peso, na capacidade vital foram apreciáveis: A diminuição do perímetro abdominal com a média de 1,cm.13 da classe experimental sobre apenas 0,cm.4 da classe normal, é sinal de uma forte cintura abdominal. Os resultados das provas esportivas accusaram as seguintes diferenças em três anos:

Corrida de velocidade (50m) diferença a favor da classe experimental .....	0'22
Corrida de semi-fundo (300m) diferença a favor da classe experimental .....	6'2/10
Salto em altura com impulso diferença a favor da classe experimental .....	15cm8

(Conclue na pág. 62)

# PERSONALIDADE DO MESTRE NA OBRA EDUCATIVA

Prof. SILAS F. LIMA — S. Paulo

Spalding afirmou, com muito acerto, que "necessitamos, na obra educativa, não apenas de monumentos, material didático dispendioso, métodos e livros aperfeiçoados, mas, antes, e sobretudo, de um homem devotado, ardente e esclarecido, que creia profundamente no poder da educação e que sinta um verdadeiro impulso para fazer irradiar esse poder sobre os que lhe são confiados".

Um trabalho bem planejado é capaz de transportar a alma do mestre para o íntimo infantil, fazendo-o vibrar de entusiasmo diante das lições aprendidas. É de valor indescritível a influência da personalidade do educador na difícil tarefa de ensinar e servir de modelo.

"Ao educardes uma criança, pensai na Eternidade", são palavras de René Bethléem. Isto impõe grande responsabilidade ao educador, que se sente pequeno e incapaz para tão nobre tarefa, porém, a confiança de conquistar a vitória, empresta-lhe novos ânimos e, no momento mais crítico, quando as forças parecem faltar, vem a recompensa do esforço, uma palavra de gratidão, um elogio sincero e os ânimos são arrefecidos, os braços cansados erguem-se corajosos, empunhando novas armas. A luta prossegue, a esperança da vitória o estimula e o amor devotado do mestre, seu exemplo vivo, irradiam lampejos de luz que vão mostrar às almas inocentes a vereda do saber.

A personalidade do professor representa o fator fundamental de toda a ação educativa, segundo declarou o prof. Teobaldo Miranda Santos. É muito necessário que o método de ensino seja ajustado, não só à natureza psicológica do aluno, sendo, também, às características individuais do professor. O trabalho educativo não poderá produzir resultados satisfatórios sem essa adaptação à personalidade do professor. Muitos mestres fracassam no seu trabalho por que há discordância entre a natureza técnica dos métodos e as características psicológicas dos referidos educadores.

O prof. Miranda Santos, declarou no seu livro "A Escola Primária", à pág. 111: "O método de projetos, por exemplo, baseado na atividade propositada, exige do educador certas qualidades de dinamismo, de exteriorização, de iniciativa, de agilidade, de inteligência e de habilidade manual que nem todos possuem. Já o método dos centros de interesse ou o método dos problemas, baseados nas etapas do pensamento reflexivo, exigem um tipo mental de educador menos dinâmico, de reações mais lentas, de atividade mais interiorizada e de estrutura lógica mais desenvolvida". Mas, por mais perfeito que seja o método usado pelo professor, de nada valerá sem a inteligência criadora, sem o amor devotado e sem o exemplo vivo do referido educador.

Entusiasmo e alegria no trabalho, naturalidade e delicadeza nas maneiras, habilidade e precisão nas explicações, clareza e vivacidade nas exposições, adaptação da linguagem à mentalidade dos alunos, adequação da voz (quanto à altura e velocidade) à natureza das lições, são atitudes que o professor deve assumir para a maior eficiência de suas aulas.

Usando o educador estes itens expostos no parágrafo anterior, ver-se-á a continua e cuidadosa reação dos alunos diante de suas lições, o interesse e a aten-

ção manifestados pelos mesmos, sua participação ativa no trabalho escolar, suas atitudes de disciplina e a marcha do seu aproveitamento.

Cumpre ao professor tornar as lições vivas e interessantes, motivando-as convenientemente, adaptando-se à mentalidade dos alunos, articulando-as com a experiência da classe, aproveitando, inteligentemente, o assunto dentro do tempo disponível.

O educador que deseja ser feliz no seu trabalho educativo deve ter em mente o seguinte: descer ao nível do educando e não esperar que o aluno suba ao seu nível. É mais fácil para o educador descer do que esperar que o educando suba.

O preparo do professor deve ser de cultura geral, acrescido de conhecimento pedagógico amplo, seguro. Tal cabedal de formação propedêutica e de preparo técnico de ser constantemente enriquecido pela experiência educativa, pelos cursos de aperfeiçoamento — pela leitura de revistas e livros do ramo, como a Revista do Ensino e uma delas.

Por mais sugestiva e atraente que seja a personalidade de um professor, por mais profundo que seja o seu grau de cultura, seu trabalho educativo será falho e ineficaz, se não for acompanhado por um planejamento essencial.

Outro fator que pesa bastante na personalidade do professor perante pais e alunos é a sua assiduidade às aulas. Deixemos, mais uma vez, o prof. Miranda Santos falar-nos da seguinte forma: É este um fator que muito concorre para dar prestígio à escola e para assegurar a regularidade da freqüência. Os pais e alunos perdem a confiança na escola cujo professor não é assíduo.

Nada mais triste existe do que ouvir o modo desdenhoso, quasi sacrílego, com que os moços de hoje, de ambos os sexos, falam dos professores e com eles. O desdém pelo mestre, manifesta-se sob todas as formas, e debaixo de todos os aspectos.

Por que isto? Por que a personalidade do mestre na obra educativa, muitos casos, está corroída.

Para curar tamanho mal, meu nobre amigo, uns sem delongas, fazermos uma meia volta no caminho, que atualmente palmilhamos. Hoje, hoje mesmo, devemos fazer isto se quisermos sanar a enfermidade cruel, que acomete o corpo viril de nossa tarefa magistral.

## RELÓGIO

Prof. Hélia Armando de Carvalho

A SEMANA tem 7 dias:

O DIA, 24 horas;

Menino, perdes o tempo,

Se, para agir, tu demoras.

Se o relógio está parado,

Dá-lhe corda, para andar;

Pois, sem o tempo marcado,

Tudo pode se atrasar!

O relógio marca as horas;

Marca a vida o coração;

Pára, pára, reloginho;

Coração, não pares, não!...

**SUGESTÃO PARA ORIENTAR O AGRICULTOR CRIADOR COMO DEVE PREPARAR A FORRAGEM**  
 (Do Boletim da Federação dos Clubes Agrícolas Escolares)

**Como preparar o feno**

As gramíneas e leguminosas podem ser conservadas sob a forma de fenos, aproveitando-se as épocas de abundância de forragens verdes. Constituem os fenos excelentes recursos para o forrageamento dos animais durante os períodos de secas.

As gramíneas são colhidas pouco antes da abertura de suas inflorescências ou quando ainda verdes. As leguminosas são colhidas em floração.

De entre as forragens mais indicadas para a fenação temos: capim gordura, jaraguá, Rhodes, a alfata e a mucuna.

Os fenos de leguminosas são os melhores. Podem também ser preparados fenos mistos, de gramíneas e leguminosas, principalmente o de gordura e mucuna.

Existem vários tipos de feno:

- 1) comum
- 2) a sombra
- 3) castanho

**Como se faz a fenação.**

1.º Celta-se ou corta-se à mão (foices, altangas etc), ou à máquina (celfasteiras), a forragem, em ocasião de bom tempo, depois que o orvalho houver saído totalmente.

A forragem cortada é deixada, em camada não muito fina, sobre o próprio campo, para secar.

2.º A fim de uniformizar a fenação, a forragem é revirada à mão (torcados, tridentes, forquilhas), várias vezes no primeiro dia.

3.º No segundo dia logo que o orvalho tenha-se evaporado completamente da superfície dos montes, espalha-se de novo a forragem, uniformemente, com forquilhas de madeira (tridentes), se a operação é manual, ou com gadanhos mecânicos se à máquina, revolvendo-se o material várias vezes para uniformizar a dessecção.

4.º A tarde reúne-se o feno novamente em montes; 3 montes do 1.º dia formam um monte do segundo.

5.º Na manhã do 3.º dia torna-se a espalhar, revirar e à tarde amontear, continuando-se nos dias seguintes da mesma forma até que o feno fique pronto. Reconhece-se que a fenação está terminada quando forcer-se um chumço de feno não apresentar humidade.

Geralmente a fenação demora entre 5 e 12 dias, conforme as condições de tempo.

Pronto o feno pode ser armazenado em medas no próprio campo ou em armazéns.

**A Sementeira**

Uma vez tudo pronto, temos de voltar a atenção para a sementeira. A sua melhor localização é ao lado ou perto da horta. Devemos formá-la num canteiro com 1 m de largura, 20 cm de altura e 2,50 m de comprimento.

Constitui-se o seu leito com uma composição de duas partes de terra, uma de areia e uma de adubo orgânico. Misturá-se e peneira-se antes de erguer o canteiro.

Concluídas essas operações, vamos então, formar, propriamente a sementeira. Deve-se cercá-la de tábua ou outro material qualquer de mais fácil obtenção no local. O canteiro deve ficar cheio, ou melhor, faltar-lheá apenas pequena camada, que se completa com areia lavada. Esta areia tem por fim evitar o fendimento do canteiro, propiciar a melhoria do poder de absorção da água e mais convenientes crejamento do solo.

Evita, ainda o nascimento de ervas daninhas.

Previne, muitas vezes o surto de doenças na sementeira. Auxilia o desenvolvimento das raízes das mudinhas.

**Semeação**

A semeadura deve ser efetuada em sulcos distanciados de 15 a 20 cm. A sua profundidade deve ser de 1cm.

Antes, porém, de lançar a semente à terra, já devemos estar no conhecimento de seu real poder germinativo. Para averiguá-lo, procede-se da seguinte maneira: colhemos uma amostra das sementes, da qual retiramos cem (100) sementes, as quais colocamos em um prato forrado com mata-borrão ligado a uma tira que vai ter a um copo com água. Distribuímos, a seguir, as sementes sobre o prato e deixamos ficar assim. Ao cabo de alguns dias, dá-se a sua brotação. Ai temos o resultado do teste. E só contar as sementes germinadas. Se o total se elevar a 90 ou 95, será ótimo. Caso fique entre 75 e 90, ainda será bom. Quando fôr menor de 50, teremos material inferior, está feita a prova de germinação.

Procede-se, a seguir, a outra medida utilíssima: a desinfecção.

Para esse fim, pode ser utilizadas diversas drogas. Elas: sublimado corrosivo, a 1/1.000 (um por mil); sulfato de cobre, a 1/100 (um por cento); ou ainda, a calda bordaleza, a 1/100 (um por cento).

Desinfetamos a semente, secamo-la isoladamente e vamos, só depois de tudo isso, executar a sementeira propriamente dita.

**Repicagem e enviveiramento**

Desde que a sementeira devidamente preparada recebeu a semente, temos de cuidar da cobertura da mesma. Quando esta, pode ser obtida de esteiras, de folhas de palmeira, ou de outra planta semelhante. Deve-se colocá-la de maneira que a parte mais alta fique voltada para o nascente, porque as plantas necessitam do sol da manhã e não do sol na parte da tarde. A noite, pode ser retirada a cobertura, a fim de que as plantas recebam o orvalho. Ao fim de algumas dias, a planta pode ser repicada. Isso se faz quando a muda tem 2 ou 3 folhinhas.

Chama-se repicagem a passagem das mudas da sementeira para o viveiro. O preparo dêste deve ob-

decer aos mesmos cuidados postos nas operações já efetuadas em relação à sementeira.

A composição da terra terá porcentagem predominante de argila a fim de facilitar a formação de pequeno bloco, que deverá acompanhar as raízes de cada planta quando elas passarem para o canteiro definitivo. As mudas estarão aptas para a transplantação quando alcançarem a altura de 20 centímetros.

Não nos esqueçamos de que a distância entre as mudas no viveiro deve ser conservada na proporção de 5 a 10 cm entre os pés.

E condição que se deve ter bem presente que as mudas devem ir para o campo (o canteiro) ainda presas ao bloco de terra em que se desenvolveram.

A fim de que a operação seja bem sucedida podemos suspender as regas três (3) dias antes do arrojado, pois assim o viveiro poderá ficar enxuto.

Com a colher de transplantação, vamos então, arrancando as mudas de maneira que elas saiam retorcidas com o bloco desejado.

#### Vantagens

1.<sup>a</sup> — Entre outras vantagens da retirada da muda com o bloco está a de que se pode fazer o transplante mesmo nas horas mais quentes do dia, porque a planta não se ressentirá:

2.<sup>a</sup> — A planta já tem e o conserva, um sistema radicular mais desenvolvido.

3.<sup>a</sup> — Melhora o aspecto da muda, e auxilia o trato, graças à grande unidade que tem o viveiro, contido numa pequena área.

4.<sup>a</sup> — A régua química efetuada no viveiro torna-se mais econômica e é mais aproveitada pelas plantinhas novas.

5.<sup>a</sup> — No viveiro, obtemos maior número de mudas selecionadas e melhor desenvolvidas. Oferecemos ainda, o enviveiramento, a vantagem de proporcionar-nos mudas fortes e de pequeno porte.

Entretanto, se não fizessémos a repicagem, tal não se daria. Teríamos, então mudas compridas e finas (perimlongas).

6.<sup>a</sup> — No viveiro, a pulverização é mais econômica e melhor aproveitada.

7.<sup>a</sup> — Podemos, ainda, no viveiro, controlar melhor a sanitidade das plantas, dando-lhes meio próprio e adequado ao seu desenvolvimento rápido.

Além dessas, oferece-nos o viveiro muitas vantagens mais, que a experiência tem demonstrado serem portadoras de larga margem de compensação para o horticultor.

Chegamos, assim, ao ponto em que as mudas se acham aptas a ser transplantadas ao seu campo definitivo.

#### O transplantio

Chama-se transplantio a operação cultural que tem por fim a passagem das mudas do viveiro para o canteiro ou campo definitivo.

Quando em canteiro, queremos referir-nos à pequena horta escolar (clubes agrícolas e escolas rurais), ou doméstica. Quando aludimos a campo, é que estamos pensando nas grandes explorações situadas em áreas amplas em bases industriais. Nesse último tipo de horta abandonamos o canteiro e plantamos em fileiras de 50 metros, a fim de que possuam

mos fazer a régua por infiltração. Nunca devemos esquecer que esta régua exige terreno bem preparado, portanto em condições de não ficar encharcado.

Quando se tratar de couve comum, couve-flor, rúcula, polho etc., devemos plantar em três fileiras de 50 x 50 e com espaço de 60 x 70 cm, a fim de abrimos um sulco nesse intervalo e por meio dele distribuir a irrigação.

São eles diversos. Da sua execução regular e adequada resultam não só mais rápido desenvolvimento das plantas como a preservação das boas condições das mesmas.

Além daquelas a que já nos referimos, e que compreendem os cultivos e a irrigação, merecem cuidado especial: o desbaste, as espaldas, pôdas e a proteção da horta.

Deve ser objeto de constante vigilância o evitar a invasão de pragas e doenças o que se obtém por meio de pulverizações protetoras.

Cumpre não esquecer de que as pulverizações constituem excelente preventivo. É mais fácil e mais econômico usá-las para "impedir" a invasão de pragas ou doenças, do que recorrer a elas ainda que com bons resultados, para o "combate" ao mal já instalado na horta. Cabe aqui repetir, para finalizar, aquele refrão que diz: "mais vale prevenir do que remediar".

#### Sugestões para aproveitamento dos produtos agrícolas nas aulas de pequenas indústrias rurais caseiras

#### FRUTAS SECAS INTEIRAS (PASSAS):

A grande riqueza de certas regiões é o preparo de passas.

As passas são preparadas mediante dessecção natural dos frutos inteiros. Isto só é economicamente possível em regiões áridas ou semi-áridas que apresentam, justamente na ocasião da maturação dos frutos, estiagem prolongada, em que a umidade do ar seja muito baixa.

As frutas, bem maduras e escolhidas, podem ser mergulhadas, rapidamente em soluções alcalinas (carbonato de sódio a 1%) e em seguida postas para secar, ao ar, em camada fina. Podem também ser postas à dessecção sem esse tratamento, se bem que com resultados inferiores. As frutas são colocadas sobre esteiras de palha e expostas ao sol. A noite as esteiras com as passas são recobertas por outras, colocando um pouco mais alto, para evitar que o orvalho molhe o material e atrase a dessecção.

É de bom critério mergulhar novamente os cachos de uvas depois de 2 dias de sol em soluções alcalinas quentes (lixívias de cinzas vegetais, de carbonato de sódio, etc.). Depois desse tratamento as passas voltam ao sol por mais 8 a 10 dias. Geralmente a dessecção está terminada com 12 a 20 dias de sol, conforme as condições ambientais. A umidade das passas, então, deve ser no máximo, 25%. Obém-se geralmente um rendimento de 30% do peso inicial das frutas empregadas.

Embalam-se as passas em pequenas caixas de madeira.

Prestam-se também a este tipo de conservas, as bananas, os cajus, os figos, as peras, as ameixas, etc.

# METODOLOGIA DO CÁLCULO

(3.º de uma série)

Prof. França Campos  
Distrito Federal

## ENSINO DAS OPERAÇÕES DE ADIÇÃO E SUBTRAÇÃO DE INTEIROS

Na adição e subtração de inteiros, como na multiplicação e divisão, é necessário que as primeiras experiências sejam de natureza concreta. Cabe ao aluno verificar ou descobrir todo o processo operatório. O professor de Metodologia poderá mostrar a maneira de conduzir o estudante a que descubra como fazer uma operação e porque fazê-la de tal ou qual modo.

Os tipos de exercícios de adição e subtração, apresentados neste trabalho, não são únicos. Representam sugestões baseadas em experiências de ensino nas várias séries do curso primário.

I.º caso: Adição de dois números de dois ou três algarismos, sem reserva a transportar. Grupos de exercícios:

a)  $s < 10$  (i) Exemplos:

53	$\cancel{\cancel{5}}$ $\cancel{\cancel{5}}$	13	$\cancel{\cancel{1}}$ $\cancel{\cancel{3}}$	<u>18 exercícios</u>
26	$\cancel{2}$ $\cancel{6}$	42	$\cancel{4}$ $\cancel{2}$	

Observação: Com  $s < 10$  queremos significar que no grupo de 18 exercícios se empregam para prática e fixação, as adições fundamentais de soma menor que 10. Usaremos também outros símbolos:  $s < 10$ ,  $m < 9$ ,  $s > 10$ ,  $m > 10$ ,  $s \leq 10$ ,  $m \leq 10$ ,  $s = 10$ ,  $m = 10$ ,  $s \geq 10$ ,  $m \geq 10$ , c/o  $a + b + c \leq 10$ . Se qualquer destes símbolos vem acompanhado de (i), ou de (q), deve entender-se que são

empregados todos os elementos indicados, ou quaisquer deles, respectivamente. Os símbolos  $a < 10$  (i),  $m =$  (i), c/o (q),  $a + b + c = 10$  (i), por exemplo, indicam, respectivamente: 1) todas as adições fundamentais de soma inferior a 10; 2) todas as subtrações fundamentais de minuendo maior que 10 ou igual a 10; 3) quaisquer adições ou subtrações com zero; 4) todas as adições auxiliares [aceia,

b)  $s < 10$  (t) Exemplos:

153	$\cancel{\cancel{1}}\cancel{\cancel{5}}\cancel{\cancel{3}}$	674	$\cancel{\cancel{6}}\cancel{\cancel{7}}\cancel{\cancel{4}}$	<u>12 exercícios</u>
426	$\cancel{4}\cancel{2}\cancel{6}$	214	$\cancel{2}\cancel{1}\cancel{4}$	

c)  $s < 10$  (t) c/o (q) Exemplos.

201	$\cancel{2}\cancel{0}1$	515	$\cancel{5}\cancel{1}5$	<u>18 exercícios</u>
346	$\cancel{3}\cancel{4}6$	320	$\cancel{3}\cancel{2}0$	

Observação: Os exercícios deste grupo c introduzem as adições com zero, não porque sejam práticas, mas com o fim de o aluno adquirir bons hábitos

de somar, no caso de números com ordens variadas. Ao fazer as adições 201 + 346, 515 + 320, por exemplo, deverá pensar ou dizer como em I ou como em II.

1  
Uma e seis: sete. Quatro. Dois e três: cinco 201  
Cinco. Um e dois: três. Seis e três: nove ... 346

II  
Um... sete. Quatro. Dois... cinco.  
Cinco. Um... três. Seis... nove

515

320

Representadas em abacos estas adições, percebe-se a nenhuma razão de se pensar ou dizer "zero e quatro: quatro" ou "cinco e zero: cinco", pois o zero, num e outro caso, nada mais representa que um vazio.

d)  $s \leq 10$  (i) Exemplos:

$$\begin{array}{r} 345 \\ 721 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{1} \cancel{5} \\ \cancel{1} \cancel{2} \cancel{1} \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 462 \\ 136 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{2} \cancel{2} \\ \cancel{1} \cancel{1} \cancel{6} \\ \hline \end{array}$$

15 exercícios

E' fácil perceber que em 9 dos 15 exercícios haverá, na coluna correspondente à ordem das centenas, uma adição fundamental fácil, de soma 10.

2.º caso: Adição de três ou mais números de dois ou três algarismos, sem reserva a transportar.  
Grupos de exercícios:

a)  $a + b + c \leq 10$  (i) Exemplos:

$$\begin{array}{r} 43 \\ 21 \\ 45 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{1} \\ \cancel{2} \cancel{1} \\ \cancel{4} \cancel{5} \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 34 \\ 12 \\ 21 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{1} \\ \cancel{1} \cancel{2} \\ \cancel{2} \cancel{1} \\ \hline \end{array}$$

60 exercícios

**Observação:** Para não haver reserva a transportar, é necessário que, ao se organizarem os exercícios relativos a este caso, e ao seguinte, as adições auxiliares da soma 10 sejam dispostas à esquerda.

b)  $a + b + c \leq 10$  (ii) Exemplos:

$$\begin{array}{r} 615 \\ 242 \\ 232 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{1} \cancel{5} \\ \cancel{2} \cancel{4} \cancel{2} \\ \cancel{2} \cancel{3} \cancel{2} \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 323 \\ 421 \\ 154 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{1} \cancel{3} \\ \cancel{4} \cancel{2} \cancel{1} \\ \cancel{1} \cancel{5} \cancel{4} \\ \hline \end{array}$$

40 exercícios

c) Exercícios organizados à vontade, com emprego de zeros. Exemplos:

$$321$$

$$40$$

$$502$$

$$213$$

$$20$$

$$514$$

$$30$$

$$403$$

$$102$$

$$20$$

$$201$$

$$410$$

$$63$$

3.º caso: Adição de dois números de dois ou três algarismos, sem reserva a transportar.

**Observação:** Este caso é diferente do primeiro cujos exercícios só conduzem à prática de fundamentais fáceis. Daí por díante pretende-se, sobretudo, o exercício das difíceis.

Grupo de exercícios:

a)  $s > 10$  (i),  $s < 10$  (ii). Exemplos:

$$\begin{array}{r} 82 \\ 54 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{2} \\ \cancel{5} \cancel{4} \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 63 \\ 95 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{3} \\ \cancel{9} \cancel{5} \\ \hline \end{array}$$

36 exercícios

b)  $s > 10$  (i),  $s < 10$  (ii) c/o (q). Exemplos:

$$\begin{array}{r} 805 \\ 564 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{0} \cancel{5} \\ \cancel{5} \cancel{6} \cancel{4} \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 638 \\ 940 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{3} \cancel{8} \\ \cancel{9} \cancel{4} \cancel{0} \\ \hline \end{array}$$

36 exercícios

c)  $s > 10$  (i),  $s = 10$  (ii),  $s < 10$  (ii) c/o (q). Exemplos:

$$\begin{array}{r} 85 \\ 74 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{5} \\ \cancel{7} \cancel{4} \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 43 \\ 62 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{3} \\ \cancel{6} \cancel{2} \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 94 \\ 30 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} \cancel{1} \cancel{4} \\ \cancel{3} \cancel{0} \\ \hline \end{array}$$

45 exercícios

9 dos quais com zero

*4º caso:* Adição de dois números de dois ou mais algarismos, com reserva a transportar. Grupos de exercícios:

a)  $s > 10$  (t),  $s < 10$  (q). Reserva das unidades para as dezenas. Exemplos:

$$\begin{array}{r} 758 \\ 633 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash \\ / \backslash \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 628 \\ 734 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash \\ / \backslash \\ \hline \end{array}$$

18 exercícios

b)  $s > 10$  (t),  $s < 10$  (q). Reserva das dezenas para as centenas. Exemplos:

$$\begin{array}{r} 397 \\ 962 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash \\ / \backslash \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 873 \\ 645 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash \\ / \backslash \\ \hline \end{array}$$

18 exercícios

c)  $s > 10$  (t). Reservas consecutivas. Exemplos:

$$\begin{array}{r} 849 \\ 785 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash / \\ / \backslash / \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 263 \\ 859 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash / \\ / \backslash / \\ \hline \end{array}$$

12 exercícios

*5º caso:* Adição de dois inteiros quaisquer. Exemplos:

$$\begin{array}{r} 48 \\ 763 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 5096 \\ 807 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 3860 \\ 4035 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 794 \\ 6358 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 49480 \\ 5300 \\ \hline \end{array}$$

**Observação:** Daqui para diante **cessa** a preocupação de organizar exercícios, justapondo-se adições fundamentais. E que a esta altura cabe admitir que elas, praticadas tantas vezes, já tenham sido definitivamente fixadas.

*6º caso ou caso geral:* Adição de três ou mais números quaisquer. Exemplos:

$896 + 2097 + 508$ ;  $8596 + 794 + 27309 + 86$ . Note-se que ninguém poderá somar com desembarrago, três ou mais números quaisquer, sem o conhecimento ou o domínio das adições complementares.

**Subtração de inteiros:** Casos a considerar. A subtração de inteiros é a operação pela qual, dados dois números, minuendo e subtraendo, obtém-se outro, resto, excesso ou diferença, que, somado ao subtraendo, dá o minuendo.

*1º caso:* Subtração sem recurso a unidades de ordem superior. Grupos de exercícios:

a)  $m < 10$  (t). Exemplos:

$$\begin{array}{r} 86 \\ 32 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash \\ / \backslash \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 78 \\ 41 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash \\ / \backslash \\ \hline \end{array}$$

18 exercícios

b)  $m < 10$  (t). Exemplos:

$$\begin{array}{r} 745 \\ 312 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash / \\ / \backslash / \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 987 \\ 832 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash / \\ / \backslash / \\ \hline \end{array}$$

12 exercícios

c)  $m \leq 10$  (t). Exemplos:

$$\begin{array}{r} 837 \\ 614 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash / \\ / \backslash / \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 1094 \\ 863 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash / \\ / \backslash / \\ \hline \end{array}$$

15 exercícios

d)  $m < 10$  (t). c/o (q). Exemplos:

$$\begin{array}{r} 678 \\ 428 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash \\ / \backslash \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 947 \\ 506 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash \\ / \backslash \\ \hline \end{array}$$

18 exercícios

e)  $m < 10$  (t). c/o (q). Exemplos:

$$\begin{array}{r} 5789 \\ 5203 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash \\ / \backslash \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 6869 \\ 6149 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} / \backslash \\ / \backslash \\ \hline \end{array}$$

18 exercícios

**Observação:** Exercícios como os do grupo d e e acima não são organizados para que se pratiquem as subtrações com zero, mas para que o aluno aprenda que, no ato de subtrair, não deve colocar zero à esquerda de um resto, como tende a fazer em  $5789 - 5203$  e muito menos dizer ou pensar: "oito menos zero: oito", por exemplo.

**2º caso:** Subtração sem recurso a unidades de ordem superior, mas de natureza tal que exige o conhecimento de toda a tabuada de subtrair. Grupos de exercícios:

a)  $m < 10$  (i),  $m > 10$  (ii). Exemplos:

$$\begin{array}{r} 139 \\ - 85 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 18 \quad 8 \\ 8 \quad 8 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 168 \\ - 74 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 18 \quad 6 \\ 7 \quad 6 \\ \hline \end{array}$$

36 exercícios

b)  $m < 10$  (ii),  $m > 10$  (i), c/o (q). Exemplos:

$$\begin{array}{r} 1568 \\ - 865 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 18 \quad 8 \\ 8 \quad 8 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 1178 \\ - 240 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 14 \quad 8 \\ 2 \quad 4 \\ \hline \end{array}$$

36 exercícios

c)  $m \geq 10$  (ii), c/o (q). Exemplos:

$$\begin{array}{r} 106 \\ - 70 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 19 \\ 7 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 134 \\ - 54 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 17 \\ 5 \\ \hline \end{array}$$

45 exercícios

**3º caso:** Subtração com recurso, uma só vez, a unidades de ordem superior. Grupos de exercícios:

a)  $m > 10$  (i),  $m < 9$  (ii). Recurso às dezenas. Exemplos:

$$\begin{array}{r} 97 \\ - 28 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 8 \quad 7 \\ 2 \quad 8 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 62 \\ - 46 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 8 \quad 2 \\ 4 \quad 6 \\ \hline \end{array}$$

36 exercícios

**Observação:** Repetem-se 8 subtrações fáceis, por

b)  $m \geq 10$  (ii),  $m < 9$  (ii). Recurso às dezenas. Exemplos:

$$\begin{array}{r} 80 \\ - 36 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 1 \quad 8 \\ 3 \quad 6 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 93 \\ - 27 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 8 \quad 3 \\ 2 \quad 7 \\ \hline \end{array}$$

45 exercícios

**Observação:** Repetem-se 17 subtrações fáceis.

c)  $m > 10$  (i),  $m < 10$  (q). Recurso às centenas. Exemplos:

$$\begin{array}{r} 1927 \\ - 963 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 19 \quad 17 \\ 9 \quad 6 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 1319 \\ - 485 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 13 \quad 14 \\ 4 \quad 8 \\ \hline \end{array}$$

18 exercícios

**4º caso:** Subtração com recurso, duas ou três vezes consecutivas, a unidades de ordem superior. Grupos de exercícios:

a)  $m > 10$  (i),  $m < 10$  (q). c/o (q). Recurso às dezenas e às centenas. Exemplos:

$$\begin{array}{r} 962 \\ - 389 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 16 \quad 12 \\ 3 \quad 8 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 423 \\ - 359 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 11 \quad 11 \\ 3 \quad 5 \\ \hline \end{array}$$

18 exercícios

b)  $m > 10$  (i). Recurso às dezenas e às centenas de unidades simples, como também às unidades de milhar. Exemplos:

$$\begin{array}{r} 14533 \\ - 8967 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 16 \quad 11 \quad 11 \quad 11 \\ 8 \quad 9 \quad 6 \quad 7 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 13631 \\ - 3892 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 11 \quad 13 \quad 12 \quad 11 \\ 3 \quad 8 \quad 9 \quad 2 \\ \hline \end{array}$$

9 exercícios

**5º caso:** Subtração com recurso a unidades cujas ordens são ocupadas por zeros. Exercícios organizados à vontade, isto é, sem preocupação de se empregaram, para prática, estas ou aquelas fundamentais, visto já terem sido, todas elas, suficientemente exercitadas.

Exemplos: 805 — 388; 70002 — 6934.

**6º caso ou caso geral:** Subtração em que o minuendo e o subtraendo são inteiros quaisquer. Exemplos: 80040 — 72208; 213000 — 83066.

Faz-se uma adição ou uma subtração, convém tirar-lhe a prova. Não se recomenda a dos novos. Na vida prática ninguém a usa: nem mesmo os professores que a ensinam. O que se faz é isto: somando

se subtraí-se de novo. O somatório é somar, no mesmo sentido, uma segunda vez. Melhor, porém, é fazer esta segunda adição de baixo para cima se a pri- meira se fizer de cima para baixo. Quanto à subtração, a prova deve consistir em fazer-se a operação inversa, isto é, somar o resto do subtraendo, ou o suprimento do resto, para obter-se o minuendo.

### METODOS DE SUBTRAÇÃO

Existem quatro métodos principais de subtração: a) da decomposição; b) de compensação; c) cílico de decomposição; d) austriaco. No método de decomposição, uma unidade de certa ordem do minuendo descomponde-se em dez da ordem imediatamente inferior. Exemplo: Em 736 — 258 diz-se: 16 menos 8... 8; 12 menos 5... 7; 8 menos 2... 4. No método de compensação todas as vezes em que se somam ao minuendo dez unidades de uma certa ordem, somam-se também ao subtraendo uma unidade de ordem imediatamente superior. Exemplo: Em 736 — 258 diz-se: 16 menos ... 8; 13 menos 6... 7; 7 menos 3... 4. No método aditivo de decomposição, procura-se, em passos isolados da operação, o número que somado ao subtraendo, dê o minuendo, ou este diminuído de uma unidade. Exemplo: Em 736 — 258 diz-se: 8 para 16... 8. Procura-se aqui o número que somado ao subtraendo 8 dê o minuendo 16. Contínuando: 5 para 12... 7. Procura-se agora o número que somado ao subtraendo 5 dê o minuendo 13 — 1, ou 12. E finalmente: 2 para 6... 4. Diz-se também: 8 e 8... 16; 5 e 7... 12; 2 e 4... 6. É uma variante do mesmo método. No método austriaco, procura-se, em passos isolados da operação, o número que somado ao subtraendo, ou a este aumentado de uma unidade, dê o minuendo. Exemplo: Em 736 — 528 diz-se: 8 para 16... 8; depois: 6 para 13... 7, isto é,  $(5+1)$  para 13... 7; depois ainda: 3 para 7... 4, isto é,  $(2+1)$  para 7... 4. Diz-se também: 8 e 8... 16; 6 e 7... 13; 3 e 4... 7. Estes quatro métodos devem ser conhecidos do professor, que, no entanto, não deve exigir que os alunos que tenham aprendido a subtrair por um deles, aprendam ou empreguem um outro.

Diversas formas para o ensino das operações de adição e subtração:

a) Organizar os exercícios relativos aos quatro primeiros casos de adição e subtração de modo que conduçam à prática suficiente de todos os cálculos e subtrações fundamentais.

b) Ensinar paralelamente, as duas operações, apresentando a um tempo, exercícios de uma e de outra: os mais fáceis da adição com os mais fáceis da subtração, os mais difíceis de somar com os mais difíceis de subtrair.

c) Introduzir os casos mais difíceis (adição com reservas e os de subtração com regresso a unidades de ordem superior), recordando e objetivamente, primeiramente, o princípio fundamental da numeração árabe.

d) Conduzir os alunos à prática das adições complementares diretas, prolongando, até certo ponto, num estudo de tabuada, cada uma das 36 adições fundamentais correspondentes. Exemplo:  $2 + 9, 12 + 9, 22 + 9, 32 + 9, 42 + 9, \dots$

e) Evitar os maus hábitos e os métodos de desperdício. Um método de desperdício, por exemplo, fazer a adição dos números 8, 9, 4 e 6 do seguinte modo: 8 e 9... 17; 17 e 4... 21; 21 e 6... 27. Melhor é dizer ou pensar: 8... 17... 21... 27. E mau hábito, por exemplo, o fazer a subtração 522 — 184, com este mutumário: "Dois menos quatro, não pede; pede emprestado; ficam 12. Dois menos quatro, não. Tô emprestado um, ficam dois. Dois menos seis, não pede..."

f) Insistir em que os alunos adquiram bons hábitos, como estes: o de dispor bem os números, o de escrevê-los com clearismos bem feitos, o de calcular em silêncio, o de fazer os cálculos com ordem e caçado, o de tirar a prova.

g) Prover exercícios como os dois tipos sugeridos para o 2º caso de adição. No exercício  $23 + 42 + 34$ , por exemplo, ter-se-á de somar coluna das unidades: um 3 visível com um 2 também visível, mas um 5 invisível (resultado de  $3 + 2$ ), com um 4 visível. A adição fundamental  $5 + 4$  é praticada em situação nova, que exige, portanto, reação nova. Aprender é recuar.

### AO DUQUE DE CAXIAS

Delícia Ramia Bitencourt - Jaguarião

O grande duque, soldado brioso:  
General indomável do Brasil;  
Leguaste à pátria teu nome glorioso,  
Teu gesto heróico, sublime e varonil.

Venceste sempre na árida peleja,  
Nunca temeste o inimigo vil;  
Por isso tua façanha ainda adeja  
Po todo o território do Brasil.

Filho tão guape não se olvida nunca,  
Pois de sua vida à árida trajetória  
Não se conhece uma vitória truncada.  
E sim mil glórias a fulgir na história.

Patrônio exelso do nosso soldado,  
Exemplo vivo do maior valor;  
Teu nome augusta é hoje venerado  
Pelo brasiliense povo com fervor.

### BENEDICTE

Nista Nóbrega Lessa

Bendito seja quem a terra planta,  
E banhado de sol e de ventura,  
Os brotos plenos de ouro e de fartura,  
Ergue dos céus, e de loshos, uva e cana.

Bendito o que penetra a terra escuro!  
Bendito o homem quando se orgulta,  
E, no alto mar, o seu domínio implanta  
E no alto céu, peneta e vence a alura.

Bendito o que celebra o suave rito  
Do amor, em posses simples, calmas,  
Trescaldando a lassidão do entardecer,

Mas, bendito entre todos, é bendito  
Quem dispensou em cérebros e almas  
As lucidas sementes da sober.

## DECRETO N.º 9.473, DE 29 DE OUTUBRO DE 1958

## Regula o Concurso de Remoção no Magistério Primário.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 87, inciso II, da Constituição Estadual, de 8 de julho de 1947,

## DECRETA:

**Artigo 1.º** — No Magistério Primário, a remoção para entrância superior far-se-á no período de férias, mediante concurso de antecedentes da vida profissional do professor.

**Artigo 2.º** — Verificada a necessidade de ensino, poderão ser abertos concursos de remoção para entrância superior, em qualquer época do ano.

**Artigo 3.º** — Por Edital do Serviço de Concurso, de Superintendência do Ensino Primário que será publicado no Diário Oficial e em outro órgão de grande circulação, abrir-se-á inscrição aos concursos necessários, pelo prazo de trinta dias.

**Artigo 4.º** — Serão admitidos em concurso professores efetivos ou em estágio probatório, que, à data da inscrição, contêm o seguinte tempo de serviço:

- I — para 2.ª entrância: 1½ ano de exercício efetivo em 1.ª entrância;
- II — para 3.ª entrância: 1½ em segunda ou 3 anos em primeira;
- III — para 4.ª entrância: 1 ano em terceira, 2½ em segunda ou 4 em primeira entrância;
- IV — para 5.ª entrância: 1 ano em 4.ª, dois anos em terceira, 3½ em segunda ou 5 anos em primeira entrância.

§ 1.º — Não se considerará, para efeito de inscrição e classificação, como de exercício efetivo, o tempo que durar qualquer atividade ou adição fora do aparelho educacional, oficial ou particular, no Estado.

§ 2.º — Considerar-se-ão como de efetivo exercício os dias em que o professor não estiver em atividade, em virtude de:

- a) férias regulamentares;
- b) domingos e feriados, desde que não se intercalem em faltas justificadas ou não;
- c) casamento, até oito dias;
- d) luto, pelo falecimento do cônjuge, filho, pai, mãe, sogro e sogra, ou irmão, até oito dias;
- e) licença à professora gestante;
- f) licença a professor acidentado em serviço ou afiado de moléstia profissional;
- g) licença prémio;
- h) juri ou serviço eleitoral;
- i) outro afastamento do serviço, que, por força de dispositivo legal, for mandado computar para todos os efeitos, como de exercício efetivo (Bolsa de estudos, missões pedagógicas, congressos de educação, etc.).

§ 3.º — Os regentes de ensino primário poderão inscrever-se únicamente em concurso de remoção para 2.ª entrância do interior do Estado, ficando-lhes vedado o acesso às escolas de Porto Alegre ou de municípios circunvizinhos, que possibilitem residir na capital.

**Artigo 5.º** — A remoção far-se-á para entrância imediatamente superior, ou para outras mais elevadas, de acordo com o tempo de serviço e interesse do candidato.

§ 1.º — A professora casada, que, por este motivo, exerce suas atividades em escola de entrância superior, concorrerá com o tempo necessário, a partir de 1.ª entrância, desde que nenhuma tenha sido removida por concurso, conforme as exigências do artigo 4.º.

**Artigo 6.º** — O candidato à inscrição deverá solicita-la ao Superintendente do Ensino Primário, em requerimento em que constem: categoria do professor (professor primário ou regente), escola em que tem exercício, localidade,

entrância e região escolar; tipo de curso (1.º ou 2.º grau); o nome da escola em que o realizou, bem como o concurso a que deseja se submeter.

Esse requerimento deverá ser instruído com os seguintes documentos:

1 — BOLETIM DE SERVIÇO — relativo à vida funcional do professor nos dois (2) últimos anos letivos, que precederem ao concurso. Será fornecido pela direção do estabelecimento de ensino em que atuou nesse período, o qual deverá ser "Visado" pelo Delegado Regional de Ensino, se o candidato estiver subordinado a esta autoridade. Se o candidato exerceu alguma adição em Delegacia de Ensino ou desempenhou cargo em comissão — direção, orientação de educação primária, professor fiscal, colaborador, secretário ou auxiliar de Delegacia — cabe ao Delegado Regional de Ensino fornecer esse documento. Se porém, o candidato esteve à disposição da Secretaria de Educação e Cultura ou se afastou com bolsa de estudo, esse boletim deverá ser fornecido pela autoridade competente.

Nela deverão constar os seguintes dados:

- 1) Nome, cargo, local em que esteve em exercício, comissão;
- 2) data em que iniciou o exercício no magistério como estágiário;
- 3) remoção por concurso e início do exercício em entrância superior (datas);
- 4) classe ou classes que regem em cada ano especificando a natureza das mesmas, em se tratando da 1.ª ano, não selecionado ou fraco;
- 5) número de alunos matriculados e promovidos em cada um dos anos indicados, na classe ou na escola sob sua direção;
- 6) frequência do candidato em cada ano, descontando-se do ano letivo (270 dias) qualquer ausência que não esteja especificada no § 2.º do artigo 4.º; faltas e faltas de comparecimento nesse período anteriores e posteriores;
- 7) período de atividade docente em horário desdobrado, inclusive no curso supletivo, quando autorizada;
- 8) enumeração das atividades do candidato que não tiver regência de classe efetiva;
- 9) enumeração de contribuições ao ensino, como: planos de trabalho (didático, técnico e administrativo), atividades em instituições escolares, em círculo de estudos ou outras; aplicação, estudo e conclusão de testes; trabalhos publicados (ou não, mas visados pela autoridade competente); monografias, estudos especiais relativos à educação ou livros didáticos; comissões desempenhadas, pesquisas psicológicas ou sociais.

Em se tratando de professor de classe pré-primária, deverão constar, além dos dados de caráter geral, mais os seguintes:

- 1) Período (ou períodos) de Jardim sob sua direção — 1.º, 2.º, 3.º;
- 2) número de alunos, nos dois últimos anos;
- 3) percentagem de freqüência mensal dos alunos;
- 4) informação sobre o desenvolvimento educacional, das crianças (adaptação, comportamento, formação de hábitos, higiene, etc.) como: excelente, bom, satisfatório, não satisfatório;
- 5) recursos usados na resolução de problemas de classe;
- 6) meios sociais da escola (culto medianamente culto a inculto);
- 7) enumeração dos meios usados para estímulo das crianças, sob o ponto de vista social, emocional e motor (comprovantes);
- 8) enumeração das atividades desenvolvidas em cada semestre (relatórios, planos, trabalhos);
- 9) meios que usou para tornar o Jardim atraente;
- 10) como procurou unir a família à escola;
- 11) atitudes da Jardineira em relação às crianças, ao trabalho, às colegas, ao espírito da escola.

Esse documento, que não poderá apresentar menções nem rasuras, que não estejam devidamente consignadas, deverá trazer o "conforme" do candidato.

II — COMPROVANTES DE CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO (planos, relatórios, trabalhos de alunos, balanços, atestados, moções de louvor, exemplares de trabalhos publicados gráficos) que não devem ultrapassar o tamanho de papel amago visados pelo Delegado Regional de Ensino.

III — ATESTADO DE EFICIÊNCIA DE TRABALHO passado pela autoridade competente, quando o candidato não contar com promoção de classe ou escola.

IV — RELATÓRIO DE ATIVIDADES, exercidas pelo professor de classe de adaptação, devidamente documentadas, inclusive com trabalhos das crianças.

V — CERTIFICADO DE CURSO DE APERFEIÇOAMENTO, EXTENSÃO OU ESPECIALIZAÇÃO, de interesse para o professor primário, do qual constem freqüência e aproveitamento.

§ único — Serão inscritos os candidatos que apresentarem o requerimento com a respectiva documentação, no protocolo da Secretaria de Educação e Cultura, dentro do prazo fixado em Edital.

Artigo 7.º — Na classificação dos candidatos concorrentes como antecedentes de sua vida profissional, os elementos abaixo valorizados, de acordo com as seguintes normas:

I — TEMPO LÍQUIDO DE SERVIÇO NA ENTRADA se o candidato já foi removido por concurso de antecedentes; e no MAGISTÉRIO, se nunca foi removido por esse motivo, 3 pontos por ano.

O tempo superior a 6 meses computar-se-á como 1 (um) ano.

II — ASSIDUIDADE DO CANDIDATO em cada um dos dois últimos anos de atuação — tantos pontos quantos forem os dias de trabalho, divididos pelo número de meses letivos (270/9).

III — PROMOÇÃO DE ALUNOS: número de pontos correspondentes às percentagens de promoção em cada um dos dois últimos anos. Tendo em conta a natureza da classe, devem ser essas percentagens assim ponderadas:

a) classe de 1.º ano, não selecionada .....	peso 1,2
b) classes acumuladas (duas séries diversas), provada a execução dos programas respetivos .....	peso 1,3
c) classe de 1.º ano, selecionada fraca .....	peso 1,5
d) escola isolada (ou em situação equivalente) com regência de 3 ou mais classes, provada a execução dos programas .....	peso 1,8
e) classe acumulada ou não, constituída de mais de 40 alunos (matrícula real) .....	peso 1,7

No caso de coincidirem duas das situações anteriores, considerar-se-á apenas um peso, o mais elevado.

#### IV — CURSOS REALIZADOS:

##### 1) TIPO DE ESCOLA EM QUE SE DIPLOMOU:

a) INSTITUTO DE EDUCAÇÃO OU ESCOLA NORMAL DE 2.º CICLO .....	50 pontos
b) ANTIGA ESCOLA NORMAL DE APERFEIÇOAMENTO .....	30 pontos
c) ESCOLA NORMAL REGIONAL .....	20 pontos
d) ANTIGA ESCOLA COMPLEMENTAR ....	20 pontos
Nos casos previstos nas alíneas e e d adicionar-se-ão 10 pontos, se o candidato apresentar certificado de curso igual.	

2) CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO, EXTENSÃO OU ESPECIALIZAÇÃO, considerados de interesse para o seu educacional:

a) Cursos em que seja registrada apenas a freqüência .....	até 10 pontos
b) Cursos com freqüência e aproveitamento registrados, se não ultrapassarem de 4 meses .....	até 20 pontos
c) Cursos na mesma situação anterior, com a duração de 1 ano letivo .....	até 30 pontos
d) Cursos com a duração de 2 anos, para cada série vencida, (máximo 40 pontos)	até 20 pontos
e) Cursos de três ou mais anos de duração (20 pontos para cada série vencida, no período referente ao concurso).	até 50 pontos
f) Os cursos referidos no item 3) só serão valorizados se realizados no período correspondente aos 5 últimos anos.	

V — CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO, valorizadas em cada um dos dois últimos anos letivos, do seguinte modo:

- a) planejamento de trabalho didático, técnico ou administrativo provado a execução do mesmo, através de planejamento parcelado, trabalhos de classe, relatórios ..... até 30 pontos
- b) ESTUDOS E EXPERIMENTAÇÃO DE NOVOS MÉTODOS E PROCESSOS DIDÁTICOS, bem como pesquisas psicológicas ou sociais, devidamente documentados, com explanação de métodos comprovantes do trabalho e dos resultados obtidos, documentação de classe, relatórios ou atestados do orientador e, na falta deste, do diretor ..... até 30 pontos
- c) COMISSÕES DESEMPENHADAS POR DESIGNAÇÃO OFICIAL, para estudos ou atividades de interesse educacional ou, ainda, participação em congressos educacionais com apresentação de trabalho, de acordo com a documentação sobre os mesmos: atestados, relatórios, moções de louvor ..... até 20 pontos
- d) TRABALHOS PUBLICADOS (ou não, mas visados pela autoridade competente): como monografias, estudos especiais, relativos à educação ou livros didáticos, conforme exemplares do trabalho ..... até 20 pontos
- e) ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM CÍRCULOS DE ESTUDOS, em funcionamento na escola ou na Delegacia ou, ainda, em instituições escolares, de acordo com os comprovantes das mesmas ..... até 20 pontos
- f) QUALQUER INICIATIVA que importe em maior eficiência do trabalho escolar: corridas de freqüência, estudo e aplicação de testes, campanhas de agasalho, merenda, bolas manejadas; fichas psico-pedagógicas, organização de auditórios, colaboração no trabalho de secretaria, etc., devidamente comprovada ..... até 10 pontos

VI — ATIVIDADE DOCENTE EM HORARIO DESDODRADO — 1 ponto por mês de exercício. O tempo correspondente a 15 dias ou mais será considerado como 1 mês no cálculo final.

§ 1.º — Se num dos dois últimos anos de exercício do candidato, a escola houver sofrido interrupção forçada em seu funcionamento de, pelo menos 1/3 dos dias letivos do ano, condicionar-se-á, para a formação de pontos, a percentagem de promoção dos alunos, nos dois últimos anos de funcionamento regular.

§ 2.º — Se o candidato for diretor de escola, a percentagem a lhe ser creditada, relativamente à promoção de alunos será a da escola. Se, porém, o diretor reger, simultaneamente, classe, a percentagem será a correspondente à média aritmética das percentagens da escola e da classe que acomodou.

§ 3.º — Só terá direito à promoção de determinada classe ou escola o professor ou diretor que a reger, no mínimo, 5 1/2 meses, do ano letivo.

§ 4.º — Aos candidatos com exercício em classes pré-primária ou de adaptação, que não apresentem promoção, se lhes creditarão até 100 pontos por ano, em substituição à percentagem de promoção, de acordo com relatórios, atestados de eficiência do trabalho, documentação de classe.

§ 5.º — Os auxiliares de direção, secretários, professores que regerem classes eventuais, ou que forem dispensados da regência de classe, para superintender instituições escolares, bem como os professores que exercerem cargos em comissão ou que estiverem adidos dentro do aparelho educacional do Estado, sem função docente, deverão apresentar atestado de eficiência de trabalho, firmado pela autoridade competente, além de satisfazer às exigências deste artigo, incisos I, II e III, ao qual se atribuirão, no máximo 70 (setenta) pontos.

§ 6.º — No caso do candidato ter estado afastado de suas funções num dos dois últimos anos ou em ambos, por motivo de licença, para tratar de interesse ou para acompanhar o espôus, em se tratando de professora casada, ou, ainda, por outro afastamento do cargo do magistério pri-

mário, poderá concorrer à entrância superior se contar o tempo exigido. Nesse caso, apresentará os dados relativos à vida funcional dos dois últimos anos de trabalho regular ou, então, a classificação resultará dos pontos relativos aos itens I e II deste artigo.

**Artigo 8.<sup>a</sup>** — Não poderá ser classificado o candidato que houver concorrido em alguma das penas disciplinares previstas em Lei, dentro dos dois últimos anos de atuação.

**Artigo 9.<sup>a</sup>** — Ao Serviço de Concurso da Superintendência do Ensino Primário compete o exame da documentação, a apuração dos pontos, a classificação dos candidatos, a apresentação de relatório sobre o trabalho realizado e elaboração dos quadros de remoção.

**§ Único** — Nesse Serviço se constituirão, com os funcionários nele lotados ou outros dos quadros docente, técnico ou administrativo da Secretaria de Educação e Cultura, tantas comissões julgadoras, quantas o exigir o número de concorrentes.

**Artigo 10.<sup>a</sup>** — Estudados os processos, em face das disposições deste regulamento, o resultado final do concurso será publicado na Imprensa Oficial para conhecimento dos interessados.

**Artigo 11.<sup>a</sup>** — Da decisão do Serviço de Concurso cabe ao candidato o direito de recorrer ao Secretário de Educação e Cultura, fundamentando o pedido, dentro do prazo improrrogável de 15 dias, a contar da data em que o resultado do concurso for publicado no Órgão Oficial.

**Artigo 12.<sup>a</sup>** — Julgados os recursos, que terão o parecer do Chefe do Serviço de Concurso, será o quadro de classificação encaminhado ao Secretário de Educação e Cultura, para a devida homologação.

**Artigo 13.<sup>a</sup>** — As remoções serão feitas na ordem rigorosa de classificação.

**§ 1.<sup>a</sup>** — Em caso de empate na classificação, a preferência caberá ao candidato que tiver mais tempo de serviço na entrância, seguidamente o de mais tempo no magistério.

**§ 2.<sup>a</sup>** — Se o número de candidatos habilitados for maior do que o de vagas existentes, far-se-á a remoção dos professores cuja classificação corresponda ao número de vagas, e os demais ficarão aguardando oportunidade, dentro da validade do concurso.

**§ 3.<sup>a</sup>** — No caso de coexistência de dois concursos, a convocação dos candidatos do último só será feita, após ter sido chamado o último candidato classificado no concurso anterior.

**§ 4.<sup>a</sup>** — Ao professor assim removido não cabe o direito a desconto, sem que tenham decorrido, no mínimo cinco meses de exercício na entrância em que passou a servir.

**Artigo 14.<sup>a</sup>** — As remoções serão efetuadas na ordem decrescente das entrâncias, preenchendo-se, sucessivamente as vagas e 5.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> entrâncias.

**Artigo 15.<sup>a</sup>** — O concurso é válido por dois anos, a contar da data da publicação do mesmo na Imprensa Oficial.

**Artigo 16.<sup>a</sup>** — Revogadas as disposições em contrário, este decreto entrará em vigor na data da sua publicação.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 29 de outubro de 1958.

ILDO MENEGHETTI  
Governador do Estado.  
Adroaldo Mesquita da Costa  
Secretário de Educação e Cultura.

#### (Conclusão da pág. 51)

Salto em distância com impulso diferença a favor da classe experimental .....	0m49
Arremesso do peso de 3 kg. diferença a favor da classe experimental .....	2m40
Trepar na corda 6,20 diferença a favor da classe experimental .....	2m60

No natação os resultados foram verdadeiramente surpreendentes. Em outubro, inicio do ano Escolar, somente 6 alunos entre 31 seriam capazes de nadar 25m. No mês de novembro, 1951, em junho, fim do ano escolar 29 conseguiram fazer o percurso completo. No fim da experiência 24 se classificaram nos 50 metros, 18 obtiveram o "brevet" de salvamento. Sob o ponto de vista médico não foi constatado nenhum distúrbio patológico nos jovens submetidos a esse regime de exercícios físicos: nenhuma modificação da tensão arterial, nenhum distúrbio nutritivo, e nenhuma afecção respiratória séria. Ao contrário notou-se uma grande diminuição das faltas em consequência de pequenas doenças.

Com relação aos resultados nos exames o Diretor e o Professor manifestaram-se de acordo de que a classe experimental era constituída de elementos "intelectualmente" fracos no começo do ano. Dos que se apresentaram no exame só um fracassou.

Os resultados foram verdadeiramente significativos sob o ponto de vista psicológico e moral.

"Não há dúvida que uma grande mudança se produziu na atmosfera da classe entre novembro e junho. Ao professor de classe os alunos se revelaram mais atentos, os reflexos coletivos mais rápidos, menos dispersão no trabalho escolar e uma camaradagem mais franca entre os alunos. Alguns mais fracos e timidos passaram a adquirir uma confiança em si que se evidenciou fora do estádio e da piscina.

A higiene ganhou também, pois alguns alunos manifestaram vergonha de se apresentar sujos no estádio e na piscina. Convém aceitar que a classe normal era constituída de elementos do nível social superior aos da Escola Gambetta. Diante dos resultados encorajadores dessa experiência que comprovou o ponto de vista esposado por alguns educadores e muitos médicos, que afirmaram a possibilidade de um maior rendimento pedagógico reduzindo o desequilíbrio entre os exercícios físicos e o trabalho in-

tellectual "a Direção Geral da Juventude e dos Esportes e a Direção do Ensino Primário do Sena" concordaram em continuar seus esforços comuns, retornar e ampliar essa experiência tão rica de ensinamentos de toda ordem e de tão elevado alcance social". Assim em Outubro do ano seguinte, 1951, recomeçou uma experiência de 3 anos esta com alunos de 11 a 12 anos da Escola Gambetta. A experiência se estendeu ainda a 4 classes de meninos e a 2 de meninas, pertencentes a escolas do Departamento do Sena.

Os resultados intelectuais nos anos seguintes podem ser resumidos nos seguintes dados:

Em 1952 foram aprovados 92% na classe experimental e 88% na classe normal.

Em 1953 foram aprovados 90% na classe experimental e 92% na classe normal.

Em 1954 foram aprovados 85% na classe experimental e 78% na classe normal.

Estas cifras comprovam que não há incompatibilidade entre o trabalho físico e o rendimento escolar nas matérias teóricas. Além disso confirmaram a opinião corrente de que é possível diminuir as horas de trabalho intelectual em benefício da Educação, da formação da personalidade, da criação de bons hábitos de toda a ordem. Uma vez que a Escola proporcione todas as atividades recreativas, os jovens não sentirão necessidade de procurar outros divertimentos menos dignos para as suas energias e tensões acumuladas durante a semana. Acreditamos que o regime desta classe de experiência acima citada é um pouco duro, pois que vai das 8 às 18:30, apenas com a interrupção de uma hora e meia para a refeição do meio-dia. Outrossim pensamos que entre nós o estudo talvez seria mais proveitoso antes da prática dos exercícios físicos, mormente nos meses de março, abril e novembro, principalmente nos dias de calor forte. Convém salientar que já em 1933 havia sido feita uma comunicação pelo professor Latarjet da Faculdade de Medicina de Lyon ao Congresso Internacional de Medicina Esportiva em Turim, sobre uma experiência semelhante feita em Lyon com 31 meninas das piores da Escola, com resultados verdadeiramente surpreendentes descritos no livro "L'Entrainement" de Maurice Boigey. Antes da segunda guerra o inspetor M. David havia feito outra experiência no Departamento de Loiret, em Aude, nas mesmas condições de Vanves, também com resultados notáveis.

# AGENTES DA REVISTA DO ENSINO — Venda Avulsa

## RIO GRANDE DO SUL

### CAPITAL

Eduardo Marques  
Livraria Selbach,  
Editora Boenighausen  
Livraria Americana  
Livraria Santo Antônio  
Pão dos Pobres,  
Livraria do Globo  
Rua dos Andradas, 1116.

### BAGÉ

L. B. Póças  
Av. 7 de Setembro, 1229.  
Previsul & Conde  
Av. 7 de Setembro, 1083.  
Ruiz A. Cia. Ltda.  
Av. 7 de Setembro, 821.

### CACAPAVA DO SUL

Jayme Adair Gleicio  
Caixa Postal, 12.

### CACHOEIRA DO SUL

Möller & Pohlmann  
Rua 7 de Setembro, 1065.

### CARAZINHO

Dornelles Zirbes & Cia. Ltda.  
Caixa Postal, 79.  
Empreza Gráfica Carazinhense Ltda.  
Caixa Postal, 36.

### CAXIAS DO SUL

Gráfica Brasil  
Av. Júlio de Castilhos, 1583.

### ESTRELA

Teresinha Maria Pereira  
Escola Normal "Martin Luther".

### GENERAL CÂMARA

Marino Maciel  
Rua

### IRIRUBA

Seno Meinem  
Rua Gal. Osório.

### IJUI

Renato Fischer  
Caixa Postal, 88.

### LAGEADO

João Alvor Müller  
Praça Mai. Floriano, 263.

### MONTENEGRO

Luiz & Irmão  
Rua Ramiro Barcelos, 1801.

## PASSO FUNDO

Livraria Americana e Progresso Reunidos  
Caixa Postal, 2.  
Ósorio de Quadros  
Livraria Serrana.

## PELOTAS

Mário de Sagebin  
Rua 15 de Novembro, 661.

## SANTA CRUZ DO SUL

Barzil Rex Ltda.  
Caixa Postal, 46.

## SANTA MARIA

Livraria do Globo  
Rua Dr. Bosano, 1271.

## SANTO ÂNGELO

Eduardo Beck  
Livraria 7 de Setembro  
Caixa Postal, 91.

## LIVRARIA E TIPOGRAFIA MISIONEIRA LIDA.

Caixa Postal, 15.

## ROMEO NÖTHEN

Caixa Postal, 81.

## SÃO FRANCISCO DE PAULA

Hélio Linhares Borges  
Rua 7 de Setembro, 362.

## SÃO LEOPOLDO

Rotermann & Cia.  
Caixa Postal, 2.

## SÃO LUIZ GONZAGA

Livraria e Papelaria S. Luiz  
Rua 15 de Maio, 2158.

## URUGUAIANA

Tarrago & Moura Ltda.  
Caixa Postal, 12.

## OUTROS ESTADOS

### SALVADOR — BA

Joel Alves Moura  
Rua Leal Ferreira, 4.

### LADEIRA DA PALMA

Livraria Universitária

### PRACA DA SÉ n.º 3

Oliveira Menezes

Rua Salmão da Gama, 10 - 1.º

### RIO DE JANEIRO — DF

Juriba P. Gomes  
Cooperativa Cultural e Distribuidora de Material Escolar

Edifício do Ministério de Educação

Andar Térreo.

## Livraria Prettas Bastos

Mário Rezende  
Largo da Farolca  
Caixa Postal, 829.

## Livraria 7 de Setembro

Rua 7 de Setembro, 111.

Tel. 22-8973.

## Instituto de Educação

Rua Maria e Barros, 273.

Prof. Haydée Gallo Coelho

(assinaturas).

## Couraçado dos Correios do INEP

Edifício do Ministério de Educação

Sala 1919 — Tel. 42-6372

(Venda avulsa e assinaturas).

## MANAUS — AM

Drs. Durcy de Santana Costa

Rua Joaquim Nabuco, 837

## BELO HORIZONTE — MG

Nelson Mendes

Rua Tupinambá, 862, a/loja

Caixa Postal, 319.

## RECIFE — PE

Livraria Acadêmica

Rua da Imperatriz, 27.

## NATAL — RN

Adília Leite de Carvalho

Av. Floriano Peixoto, 331.

## SÃO PAULO — SP

Camille Calabrez

Rua Aurora, 315.

## ALFARAIS — SP

Michel Ferreira

Caixa Postal, 26.

## REGISTRO — SP

Naomi Omuro

Caixa Omuro

Av. Fábio Costa, 54

Caixa Postal, 19.

## ITEROL — RJ

Ideia Gomes de Almeida

União das Professoras Primárias Estaduais

Rua Celestino s/n.

## CURITIBA — PR

Livraria Paranaíba

Rua Dr. Muriel, 656.

## ROLANDIA — PR

Abilio Entrávio da Silva

Caixa Postal, 205.

## IRATI — PR

Irmãos Martins

Caixa Postal, 81.

## PONTA GROSSA — PR

José Rabello Coutinho

Caixa Postal, 52.

## PORTO UNIÃO — PR

Ziller & Bindemann

Caixa Postal, 378.

## PARA TOMAR OU RENOVAR ASSINATURA DA REVISTA DO ENSINO

Destaque o quadro abaixo, seguindo as instruções à página seguinte:

Autorizo a renovação da minha assinatura da Revista do Ensino, a contar do n.º inscrição

Para esse fim envio em \_\_\_\_\_ (cheque bancário, vale postal ou valor declarado)

a quantia de Cr\$ \_\_\_\_\_

(Prazo comum, 1 ano (8 n.º) Cr\$ 300,00 — 2 anos (16 n.º) Cr\$ 500,00)

expedida em \_\_\_\_\_

(data)

Nome: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_

Endereço:  
(Bem legível)

Bairro: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_

Enderço da Revista do Ensino

Av. Borges de Medeiros n.º 1224 — 13.º andar — Porto Alegre

# Revista do ENSINO

Supervisão Técnica do Centro de Pesquisas  
e Orientação Educacionais  
da Secretaria de Educação  
do Rio Grande do Sul

**Diretora:** Prof. Maria de Lourdes Gastal.

**Assistentes:** Profs. Generice Vieira e Maria Venina Terra.

**Secretária:** Yvonne Aydos Krieger.

**Redatoras:** Profs. Corália Ribeiro Porto e Gilda G. Bastos.

**Auxiliares de Redação:** Profs. Flávia Maria Rosa, Ester Malamut e Marilena Merino.

**Bibliotecária:** Prof. Dora Lopes.

**Ilustradores:** Profs. Maria Madalena Lutzemberg, Maria Molnar e Jorge Ivan Azevedo.

**Assinaturas:** Sob porte simples

1 ANO ..... Cr\$ 300,00

2 ANOS ..... Cr\$ 500,00

Sob porte aéreo, mais Cr\$ 15,30 por exemplar.

A remessa de numerário deve ser feita por cheque bancário ou valor declarado, dirigido sempre à "Revista do Ensino".

**Não trabalhamos com Reembolso Postal**

Esta Revista é publicada em dois períodos de quatro números: de março a junho e de agosto a novembro.

## REDAÇÃO

### ASSINATURA E VENDA AVULSA

Av. Borges de Medeiros, 1224 — 13.º andar  
Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil

### NOSSA CAPA

Focaliza alunos do Instituto N. Sra. do Carmo na Tijuca, Rio de Janeiro - D. F.  
Foto de Armando Neves Junior.

### LEIA COM ATENÇÃO ESTAS INSTRUÇÕES

Para tornar mais simples e eficiente o trabalho de inscrições e renovações de assinaturas, pedimos aos nossos assinantes que sigam com cuidado as instruções que seguem:

- I — Preencha todas as linhas da ficha de inscrição.
- II — Onde diz "renovação-inscrição", risque o que não é o seu caso.
- III — Quando se tratar de cheque bancário não esqueça que ele deve ser pagável em Porto Alegre.
- IV — Quando se tratar de cheque bancário ou vale postal, remeta-o junto com a ficha de inscrição.
- V — Observe que não trabalhamos com reembolso postal.
- VI — Se você já é assinante e não necessita desta ficha, ofereça-a a uma colega para que se torne assinante.
- VII — Quando, passado o tempo devido, não receber o exemplar a que tem direito, comunique-nos o fato para que lhe façamos nova remessa. Não deixe passar muitos meses.
- VIII — Quando mudar de endereço, avise-nos imediatamente, indicando, também, o antigo endereço.
- IX — Não esqueça de registrar de maneira legível o seu nome e endereço, sempre que nos escrever.
- X — Os cheques, vales postais e valores declarados devem ser endereçados sómente à "REVISTA DO ENSINO"

Av. Borges de Medeiros n.º 1224 — 13.º andar — Porto Alegre  
Rio Grande do Sul

# Avante, Soldadinho!

MÚSICA E LETRA DE MARIA DULCE S. ANTUNES

A-vante sol-dadinho! A-legre, ju-ve-nil. { Mar-chan-do pé la glo-ria: E-terna do Bra-sil!  
Em hon-ra dos sol-da-dos Va-ven-tes do Bra-sil! A  
A flá-fla-menti con-hi-a A-ven-de a-ter-bras il!

A

van-te sem-pre-a van-te! Con-to a mar-char! A-vante, ramos to-dos! Sempre a can-tar! A-tar A-tar!  
van-te a van-te! A mar-char! A van-te to-dos! A can-tar! A tar sempre A tar!

S.E.M.A.



# *Revista do Ensino*

Publicação Oficial da

Secretaria de Educação e Cultura

do Rio Grande do Sul



## **ASSINATURAS ENDERÉÇO**

### **SOB PORTE SIMPLES**

1 ANO .....	Cr\$ 300,00
2 ANOS .....	Cr\$ 500,00
N.º avulso .....	Cr\$ 40,00

### **Sob porte aéreo**

Mais Cr\$ 15,30  
por exemplar

As remessas de numerário  
devem ser endereçados a

REVISTA DO ENSINO

Avenida Borges de Medeiros, 1224  
— 13.º Andar —

Porto Alegre — R. G. do Sul  
BRASIL.

Remeta o importânciá de sua assinatura por valor declarado ou cheque bancário